



Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD

IZABEL DE AZEVEDO GUIMARÃES

**O GRAU DIMINUTIVO NO BINÔMIO FLEXÃO/DERIVAÇÃO
na perspectiva da Estilística e da Análise do Discurso
Crítica**

BRASÍLIA-DF

2013

IZABEL DE AZEVEDO GUIMARÃES

**O GRAU DIMINUTIVO NO BINÔMIO FLEXÃO/DERIVAÇÃO
na perspectiva da Estilística e da Análise do Discurso
Crítica**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de
Revisão de Texto.

Orientadora: Dr.^a Denise de Aragão Costa
Martins

BRASÍLIA – DF

IZABEL DE AZEVEDO GUIMARÃES

**O GRAU DIMINUTIVO NO BINÔMIO FLEXÃO/DERIVAÇÃO
na perspectiva da Estilística e da Análise do Discurso
Crítica**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de
Revisão de Texto.

Brasília, 12 de junho de 2013.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Denise de Aragão Costa Martins
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Tânia Cristina da Silva Cruz

Prof. Dr. Josué de Sousa Mendes

À minha família, suporte de minhas realizações pessoais e profissionais,

À minha filha e aos meus netos, alicerces e pilares de minha felicidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que estiveram ao meu lado: aos meus colegas por terem contribuído com seu apoio para a realização deste momento de aprendizagem, especialmente a Didi e a Paula Tavares, pelas leituras atentas do projeto dessa monografia.

Agradeço particularmente a cada um dos professores, que, reconhecendo limites e potencialidades incentivaram-me a continuar a formação acadêmica, norteando-me os caminhos da pesquisa para atingir os objetivos, transformando esta etapa de vida em tempo e espaço de socialização de falares, conhecimentos e saberes.

À professora doutora Denise de Aragão Costa Martins, minha orientadora, que, desde o primeiro momento de aula, desestabilizou-me algumas estruturas para desvendar outras realidades, dando a conhecer outras árvores e novos ramos, e que me prestigiou, aceitando tão gentilmente a tarefa de orientar-me;

À professora doutoranda Flávia Pires, por dar a conhecer a morfologia com a tranquilidade e simplicidade daqueles que detêm o conhecimento sem a arrogância dos falaciosos;

À professora doutora Josênia Vieira, que quebrou alguns dos meus paradigmas, mas deu-me oportunidades de erguer novas estruturas e vislumbrar outros horizontes na linha da Análise do Discurso Crítica e nos paralelos das Gramáticas;

Ao professor doutor Harrison da Rocha, pela aprendizagem de cada aula, pela mediação de novos conhecimentos nas pegadas da Análise do Discurso Crítica e nas entrelinhas da Revisão de texto;

À professora doutora Tânia Cristina da Silva Cruz, pelas discussões iniciais dos métodos da pesquisa científica, pelos gestos e palavras de incentivo e por creditar-me apta para consecução desta monografia;

Ao professor Ricardo Nobrega, por ter pacientemente me possibilitado o acesso a outros recursos da informática;

Ao meu neto Luiz Guilherme Pinheiro de Medeiros, pela valiosa ajuda na elaboração do *abstract*;

À Coordenação do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de Revisão de Texto, agradeço o atendimento sempre cordial e espero retribuir e disseminar os conhecimentos e os saberes que tornaram possível a elaboração desta monografia.

RESUMO

A despeito de o emprego dos sufixos diminutivos ser muito recorrente na língua portuguesa, não se encontram, na grande maioria de suas gramáticas, orientações acerca dos fatores que motivam a escolha do falante pelo sufixo *-inho* ou pelo sufixo *-zinho* quando recorre ao processo de gradação na sua forma diminutiva. Essa lacuna configurou nosso objetivo de abordar a expressão de grau diminutivo particularmente dos substantivos com os formativos *-inho* e *-zinho* e suas flexões no binômio flexão/derivação na língua portuguesa – estudo de natureza indutiva cujas generalizações são apresentadas no desenvolver desta pesquisa. Analisamos os fenômenos da flexão e da derivação na interface do grau diminutivo com os sufixos formativos *-inho* e *-zinho* e suas flexões como processos de formação de palavras. A análise teórica é baseada numa visão crítica, focalizando as gramáticas tradicionais com recorte nas de Bechara (2009), de Almeida (2009), de Cunha (2001), Cereja (2005), Terra (2002) e Azeredo (2008), estabelecendo um paralelo com as orientações linguísticas de Mattoso Camara Jr., com a Teoria de *Continuum* de Bybee e com os critérios formulados por Gonçalves para categorizar os processos flexionais e derivacionais. Ampliamos nossas considerações à luz da estilística fundamentados em Mattoso Camara Jr., Martins, Lapa, entre outros, e da Análise do Discurso Crítica, respaldados principalmente por Fairclough, para explicitar nossa concepção de grau, que não se restringe aos aspectos morfológicos ou ao âmbito exclusivo do enunciado, pois os ultrapassa na medida em que consideramos a situação discursiva e os diversos elementos que a caracterizam. Para nosso *corpus laborandi*, destacamos nomes no grau diminutivo em obras literárias de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José de Alencar e Machado de Assis.

Palavras-chave: Flexão/derivação. Sufixos diminutivos: *-inho* e *-zinho*. Estilística. Análise do Discurso Crítica.

ABSTRACT

Despite the use of diminutive suffixes be very recurrent in portuguese, are not, in the vast majority of their grammars, guidance on the factors that motivate the choice of the speaker by the suffix -or the suffix *-inho* when *-zinho* refers to the process of gradation in its diminutive form. This gap set our goal to address the expression of particularly diminutive nouns with the formative -and *-inho* -*zinho* and their inflections in the binomial flexion / derivation in the English language - study of nature whose inductive generalizations are made in developing this research. We analyze the phenomena of flexion and derivation of the interface with the diminutive suffix-*inho* formative e -*zinho* and crunches as their process of word formation. The theoretical analysis is based on a critical view, focusing on the traditional grammars with clipping in Bechara (2009), Almeida (2009), Cunha (2001), Cereja (2005) Terra (2002) and Azeredo (2008), establishing a parallel with the guidelines of linguistic Mattoso Camara Jr., with the Continuum Theory of Bybee and criteria formulated by Gonçalves to categorize inflectional and derivational processes. We expanded our considerations in light of stylistic grounds in Mattoso Camara Jr., Martins, Lapa, among others, and Critical Discourse Analysis, supported mainly by Fairclough, to clarify our conception of degree, which is not restricted to morphological or scope exclusive statement because surpasses them in that regard the discourse situation and the various elements that characterize it. For our corpus laborandi, highlight the diminutive names in literary works of Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José de Alencar and Machado de Assis.

Keywords: Flexion/derivation. Diminutive suffixes: “-*inho*” and “-*zinho*”. Stylistics.Critical Discourse Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
<u>1.1 Percurso histórico-linguístico do grau diminutivo na língua portuguesa.....</u>	18
2 O GRAU NAS GRAMÁTICAS.....	22
<u>2.1 A categoria grau</u>	22
<u>2.2 Grau: interface da gradação.....</u>	23
<u>2.3 Os processos de flexão e de derivação</u>	23
<u>2.4 Diferenças entre flexão e derivação.....</u>	25
<u>2.5 O grau na abordagem de Mattoso Camara Jr.....</u>	28
3 OUTRAS PROPOSTAS.....	31
<u>3.1 Noção de grau</u>	31
<u>3.2 A proposta de Bybee: Teoria do <i>Continuum</i></u>	31
<u>3.2.1 Bases teóricas</u>	31
<u>3.3 Flexão e derivação: critérios na abordagem de Gonçalves</u>	34
<u>3.3.1 Relevância sintática (derivação)</u>	34
<u>3.3.2 Meios de materialização (derivação).....</u>	34
<u>3.3.3 Produtividade ou aplicabilidade (flexão)</u>	35
<u>3.3.4 Estabilidade semântica (flexão/derivação).....</u>	35
<u>3.3.5 Efeitos expressivos (flexão/derivação).....</u>	36
<u>3.3.6 Lexicalização (derivação)</u>	36
<u>3.3.7 Mudança de classe (derivacional).....</u>	36
<u>3.3.8 Posição da cabeça lexical (flexão).....</u>	37
<u>3.3.9 Relevância e ordem (derivacional).....</u>	37
<u>3.3.10 Criação de um novo lexema (derivação)</u>	38
<u>3.3.11 Excludência e recursividade (derivacional)</u>	39
<u>3.3.12 Função Indexical</u>	40
4 DERIVAÇÃO: GRAU DIMINUTIVO.....	41
<u>4.1 Atualizações do Léxico: Língua / Linguagem e Sociedade.....</u>	41
<u>4.2 Aspectos formais e avaliativos.....</u>	42
<u>4.3 Enfoques semânticos.....</u>	44
5 GRAU: OUTRAS ABORDAGENS/NOVAS PROPOSTAS	50

5.1	<u>Grau: uma questão de estilo</u>	50
5.1.1	<u>Relação do diminutivo com outros aspectos da língua</u>	57
5.2	<u>Grau na abordagem da Análise do Discurso Crítica</u>	58
5.2.1	<u>Discurso: configuração de sentidos</u>	62
5.2.2	<u>Situação Discursiva: Contexto</u>	63
6	<u>ANÁLISE DE CORPUS: ASPECTOS ESTILÍSTICOS E DISCURSIVOS</u>	66
6.1	<u>Justificativa da escolha do <i>corpus</i></u>	66
6.2	<u>Descrição da metodologia</u>	66
6.3	<u>Análises dos termos retirados de obras de Guimarães Rosa</u>	67
	<u>Primeiras estórias (2005)</u>	67
6.3.1	<u>Conto: A menina de lá (2005 p. 65-9)</u>	67
6.3.2	<u>Conto: O Espelho (2005, p. 113-20)</u>	67
6.3.3	<u>Conto: Partida do audaz navegante (2005, p. 153-60)</u>	68
6.3.4	<u>Conto: Os cimos (2005, p. 201-9)</u>	69
6.4	<u>Ave, Palavra (2001)</u>	69
6.4.1	<u>Conto: Os Inhos Engenheiros</u>	69
6.5	<u>A Hora e a vez de Augusto Matraga (2011)</u>	71
6.6	<u>Corpo de Baile (1960)</u>	72
6.6.1	<u>Novela: Miquilim-Campo Geral (p. 7-83)</u>	72
6.7	<u>Análise dos termos retirados de obras de Graciliano Ramos</u>	74
6.7.1	<u>Romance: Vidas Secas (2012)</u>	74
6.7.2	<u>Romance: Angústia (1936)</u>	76
6.8	<u>Análise dos termos retirados das obras de Machado de Assis</u>	77
6.8.1	<u>Conto: O caso da vara (1998, p. 378-85)</u>	77
6.8.2	<u>Conto: Médico é remédio (1998, p. 129-36)</u>	78
6.8.3	<u>Conto: Noite de Almirante (1998, p. 174-176)</u>	79
6.8.4	<u>Conto: A inglesinha Barcelos (1998, p. 241-243)</u>	79
6.8.5	<u>Romance: Memórias Póstumas de Brás Cubas (2012)</u>	79
6.8.6	<u>Romance: Dom Casmurro (2009)</u>	80
6.8.7	<u>Romance: Esaú e Jacó (2012)</u>	81
6.9	<u>Análises dos termos retirados de obras José de Alencar</u>	82
6.9.1	<u>Romance: A Pata da Gazela (2006)</u>	82
6.9.2	<u>Romance: Senhora (2001)</u>	83
6.9.3	<u>Romance: Lucíola (2012)</u>	84
6.9.4	<u>Romance: A Viúvinha (1992)</u>	84
7	<u>GRAU DIMINUTIVO: ANÁLISE CORPUS ASPECTOS GRAMATICAI</u>	87

<u>7.1 Análise dos resultados: aspectos formais</u>	87
<u>7.2 Estatística</u>	89
8 <u>DISCUSSÃO</u>	90
<u>CONCLUSÃO</u>	93
<u>REFERÊNCIAS</u>	99
<u>APÊNDICE</u>	104
<u>REPRODUÇÃO DO CORPUS</u>	104
<u>Exemplos retirados de obras de Guimarães Rosa</u>	104
<u>Primeiras estórias (2005)</u>	104
<u>A menina de lá (p. 65-9)</u>	104
<u>O Espelho (p. 113-20)</u>	104
<u>Partida do audaz navegante (p.153-60)</u>	105
<u>Os cimos (p. 201-9)</u>	106
<u>Ave, Palavra (2001)</u>	106
<u>Os Inhos Engenheiros (p.81-5)</u>	106
<u>A hora e a vez de Augusto Matraga (2011)</u>	107
<u>Corpo de Baile (1960)</u>	108
<u>Novela: Miquilim-Campo Geral (p. 7-83)</u>	108
<u>Exemplos retirados de obras de Graciliano Ramos</u>	115
<u>Romance: Vidas Secas (2012)</u>	115
<u>Romance: Angústia (1936)</u>	115
<u>Exemplos retirados de obras de Machado de Assis</u>	116
<u>Contos - uma antologia Vol.2. (1998)</u>	116
<u>Conto: O caso da vara (p.378-85)</u>	116
<u>Conto: Médico é remédio (p.129-36)</u>	117
<u>Conto: Noite de Almirante (174-181)</u>	117
<u>Conto: A inglesinha Barcelos (394 a 396)</u>	117
<u>Romance: Memórias Póstumas de Brás Cubas (2012)</u>	117
<u>Romance: Dom Casmurro (2009)</u>	118
<u>Romance: Esaú e Jacó (2012)</u>	121
<u>Exemplos retirados de obras de José de Alencar</u>	123
<u>Romance: A Pata da Gazela (2006)</u>	123
<u>Romance: Senhora (2012)</u>	124
<u>Romance: Lucíola (2012)</u>	125

Romance: A Viuvinha (1992)125

INTRODUÇÃO

A língua é produto de um trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se multiplica de forma contínua e duradoura, assegurando intrinsecamente uma margem de flexibilidade e indeterminação. Essa indeterminação provém do fato de que nenhum enunciado tem em si mesmo, isoladamente, condições necessárias e suficientes para permitir uma interpretação única, ou seja, a língua dispõe de múltiplos recursos expressivos e só na associação entre os diversos fatores sociais: situação, contexto, relação entre interlocutores, leis conversacionais e sistemas de referência, pode-se chegar à compreensão e determinação de um dado texto, seja oral ou escrito (GARCEZ, 1998).

Os tópicos aqui apresentados são evidentemente muito sumários, por isso, não se esgotam, tampouco esclarecem todas as questões morfosintáticas, semânticas, estilísticas e discursivas dos aspectos referentes à gradação. Esta, esclarecemos, não é nossa intenção. Objetivamos tão somente destacar orientações que se fazem possíveis de aplicabilidade, apesar de saber que merecem estudos e discussões mais amplos no âmbito morfológico, semântico, estilístico e discursivo.

Cada uma das correntes linguísticas apresentadas tem limites em sua extensão, entretanto constituem méritos para seus propagadores. Por esse motivo, não pretendemos adotar posicionamentos inflexíveis, mas uma posição reflexiva a respeito da linguagem com ênfase nos processos morfológicos da flexão e da derivação, para fundamentar o processo de gradação do diminutivo com o aparato morfológico do sufixo *-inho* e suas flexões. Pressupomos que o grau formaliza um fenômeno constituído não somente de um componente linguístico, mas também de componentes estilísticos, ideológicos e discursivos, e que grande parte das palavras da língua portuguesa do Brasil é suscetível de aplicabilidade, tendo como referência o grau diminutivo. Com essa concepção, há de se considerar a gradação como um fenômeno que perpassa a língua em sua realização formal e atinge outros espaços de intersubjetividade que essa língua lhe reserva, independentemente da rigidez do sistema.

É importante observar que priorizamos aspectos semântico-discursivos da gradação, sem negligenciar os morfológicos, pois nosso objetivo maior é estudar o valor e o emprego dos diminutivos *-inho* e *-zinho*, ao abordar os processos flexional e derivacional no que se refere à categoria de grau. Assim sendo, não são aprofundadas regras de formação desses sufixos diminutivos.

Adotamos uma concepção de grau que não se restringe ao âmbito exclusivo da morfologia, mas ultrapassa-o, na medida em que considera o enunciado, a situação discursiva e os diversos elementos que caracterizam os pressupostos e os implícitos, buscando detectar o conteúdo gradativo *presente* naquilo que está *ausente* à luz dos parâmetros da Estilística e da Análise do Discurso Crítica (ADC).

Na grande maioria das gramáticas que nos serviram de instrumento de pesquisa – quer sejam as normativas, as descritivas ou as didáticas –, não encontramos explicações substanciais acerca dos fatores que motivam a escolha do falante pelo sufixo *-inho* ou pelo sufixo *-zinho* quando recorre ao processo de gradação na sua forma diminutiva. Essa lacuna motivou o trabalho, um estudo de natureza indutiva cujas generalizações e constatações são apresentadas no desenvolver da pesquisa e na análise do *corpus*.

Para demonstrar nossas conclusões, recorreremos à estratégia da análise de *corpus*, destacando substantivos, e eventualmente outras palavras, por fazerem parte da estrutura do enunciado com os sufixos formativos *-inho(a)* e *-zinho(a)*, retirados de obras literárias de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José de Alencar e Machado de Assis. A escolha dos autores para seleção do *corpus* teve como principal objetivo apresentar um leque de situações linguístico-discursivas de uso do grau diminutivo na linguagem (in)formal e demonstrar que nossos escritores brasileiros recorrem a essa estratégia linguística à revelia do gênero literário.

A origem e a motivação desta monografia remontam à época escolar. A literatura, sob os mais diversos aspectos textuais: romance, conto, fábula, poesia, poemas, era declamada e encenada no palco do “Clube das Mães”, ou naqueles arranjos sob o tamarineiro, ou na ampla sala de estar. As vozes de romancistas, contistas e poetas ecoavam em todos os cantos do nosso velho casarão na rua Conselheiro Furtado em Caxias – Maranhão.

Minha tia-mãe foi a incansável guia e a grande incentivadora de minhas pesquisas e descobertas literárias; pegou-me a mão e conduziu-me ao encontro de grandes artífices da língua. Apesar de mal saída da infância, foi fácil, com ela, conviver com Graciliano Ramos, José de Alencar, Machado de Assis, Castro Alves de quem cedo aprendi as rimas e declamei as queixas em *Vozes d'África* e os protestos em *Navio Negreiro*; de Guimarães Rosa, ouvi as *Primeiras estórias* e a saudação *Ave, Palavra!*, conheci “Os Inhos Engenheiros” e participei de seu “Corpo de Baile”.

Como não me extasiar com Guimarães Rosa e não me surpreender com Nhinhinha e Miguilinzinho? Como não ouvir os ecos de *Ave, Palavra!*? Palavras que ele, com um pinguinho de malícia e um gestinho de sutileza, descobre e revela, tece e confecciona, constrói e habita, instala e esclarece. Escritor-artífice coloca os -inhos e -zinhos além da morfologia aprisionada, roubando-lhe a base, estrutura outras perspectivas e significados, alargando os cantinhos da gramática. Assim, com Mattoso Camara, percorre veredas e realiza “desvios”; com Bakhtin, numa fala viva, assume outras feições, partilha sentidos, gesta respostas; com Fairclough, em diversas circunstâncias discursivas, realiza discursos histórico-ideológicos, opera mudanças de sentidos e de significados, esclarecendo implicações sociais.

Encantou-me Guimarães Rosa. Tomei-me de encantos por Guimarães Rosa.

Seguindo suas pegadas, numa enorme clareira da gramática, deparei com o diminutivo e seus engenheiros -inho e -zinho, que, em busca de *migalhificências* comunicativas, *doidavam* alegremente nos férteis campos da semântica e me *ensinanzinho* os prelúdios e compassos da flexão/derivação num harmonioso *continuum* de afetividade e emotividade, dando-me forma e conteúdo de “**O Grau Diminutivo no binômio Flexão/Derivação: na perspectiva da Estilística e da Análise do Discurso**”.

Delimitamos esta pesquisa em capítulos: no primeiro, apresentamos um breve histórico do surgimento da Língua Portuguesa, destacando a visão de nossos primeiros gramáticos Fernão de Oliveira (1536), Jerónimo Soares Barbosa (1823), Maximino Maciel (1823) e Julio Ribeiro (1918) a respeito dos aspectos morfológicos dos processos flexão e derivação e usos do diminutivo; discorreremos sobre as motivações e hipóteses da pesquisa, expusemos um estudo da natureza

morfossintática do diminutivo, as diferenças conceituais dos processos de flexão e derivação e diferentes acepções do formativo de grau *-inho* e suas flexões.

No segundo, elaboramos a fundamentação teórica, com o inventário de aspectos morfológicos e semânticos da categoria de grau diminutivo com *-inho(a)* e *-zinho(a)*, relacionando-os com o tratamento dado por gramáticos e estudiosos na perspectiva de Almeida (2009), Cunha (2009), Bechara (2009), Cereja (2005), Terra (2002), e particularmente do linguista Mattoso Camara Jr. (2004a, 2004b, 1984,1970).

No terceiro, consideramos as propostas de Gonçalves (2011), que evidencia alguns critérios para categorização dos processos de flexão e derivação: relevância sintática, meios de materialização, produtividade ou aplicabilidade, entre outros; analisamos aspectos da Teoria do *Continuum* segundo Bybee (1985), que contradiz a ideia tradicional de que as morfologias flexional e derivacional são excludentes entre si; ressaltamos controvérsias geradas ao caracterizar esses processos; e expusemos a polêmica *flexão/derivação*.

No quarto capítulo, configuramos enfoques semânticos do grau diminutivo e suas possibilidades de formas/conteúdos; evidenciamos os critérios de Gonçalves (2011) para explicitar os processos em análise, assim como sua posição sobre contexto sociointeracional; e realçamos as ideias de Basílio (2004), ao distinguir a função *denotativa (denominadora)* e a *função expressiva* do diminutivo.

No quinto, destacamos bases teóricas da Estilística e da ADC, relacionando-as com os fundamentos da expressividade do falante no eixo da historicidade e do conhecimento de mundo e da prática discursiva, bem como as possibilidades estilísticas de nossa língua, os meios que ela oferece ao falante para manifestarem estados emotivos e julgamentos de valor segundo Mattoso Camara Jr. (2004) e seu conceito de estilo, que se caracteriza, em regra, por um desvio da norma assente; Martins (1989), para quem as palavras podem ser examinadas em três níveis: fonético, léxico e sintático; Lapa (1984), ao defender que, como as coisas, algumas palavras têm uma *dominante afetiva*, outras uma *dominante intelectual*. Na perspectiva da ADC, evidenciamos o papel do falante, das instâncias, das circunstâncias e das situações discursivas, e o conceito de discurso de acordo com Fairclough (2001).

No sexto, realizamos a análise de *corpus*, considerando palavras derivadas pelo processo de sufixação com o recurso de *-inho* e *-zinho* e suas flexões, retiradas das obras citadas e concomitantemente apresentamos suporte morfológico e linguístico para o termo em análise.

No sétimo, apresentamos nossas considerações finais, as limitações, as possíveis conciliações entre flexão e derivação ancoradas nas contribuições teóricas de Gonçalves (2011) e Bybee (1985) nos princípios da Estilística e da ADC.

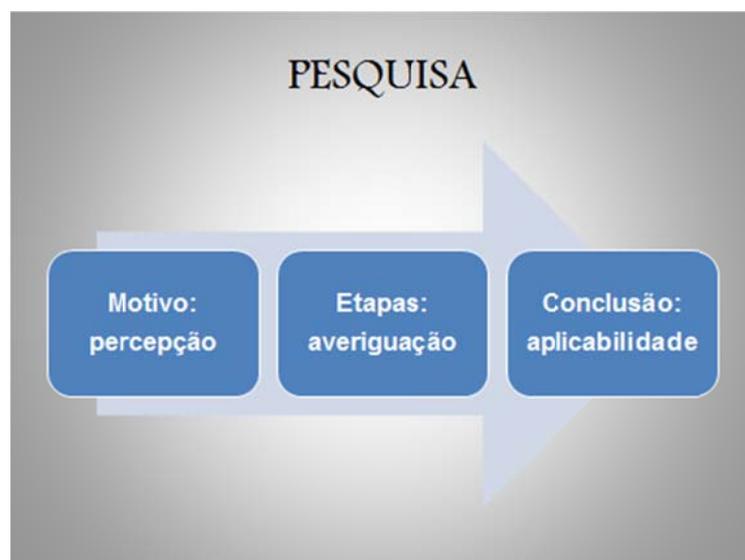


Figura 1- Pesquisa

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Percurso histórico-linguístico do grau diminutivo na língua portuguesa

Há mais de cinco mil anos, um povo desconhecido – os árias – que falava uma língua chamada “ariana”, habitou o planalto Mesopotâmico, onde hoje se situa o Iraque. Segundo os historiadores, esse povo, de adiantada civilização para os padrões da época, expandiu-se na direção da Índia e, posteriormente, da Europa. Da fusão do ariano com as línguas nativas dos povos dominados, surgiram dois importantes troncos linguísticos: um, na Índia, que deu origem ao sânscrito – língua dos puros, com qual foram escritos os livros sagrados dos hindus – e a outros ramos linguísticos, e outro, na Europa. Neste continente, o ariano primitivo, absorvido pelas populações locais, deu origem a várias famílias linguísticas, chamadas línguas indo-europeias: o grego, o latim, o germânico, o celta, dentre outras. Destas famílias, o grego e o latim seriam os principais instrumentos de formação e difusão da cultura e civilização ocidental. O latim nasceu no Lácio – *Latium* – região central da Itália. É registrado na Idade Média o início da formação das chamadas línguas românicas ou neolatinas, que resultaram da maneira de falar o latim em diferentes regiões da Europa.

O surgimento da língua portuguesa está profunda e inseparavelmente ligado ao processo de constituição da Nação portuguesa. Como se sabe, na região central da atual Itália, o Lácio, vivia um povo que falava latim. Nesta região, foi posteriormente fundada a cidade de Roma. O povo romano foi crescendo e anexando novas terras ao seu domínio. Os romanos chegaram a possuir um grande império e, a cada conquista, submetiam os vencidos aos seus hábitos, às suas instituições, aos seus padrões de vida e, particularmente, à sua língua. Existiam duas modalidades de latim: o latim vulgar (*sermo vulgaris, rusticus, plebeius*) e o latim clássico (*sermo litterarius, eruditus, urbanus*). Os romanos distinguiam *sermo urbanus* (linguagem culta) de *sermo vulgaris* ou *sermo plebeius* (linguagem popular ou corrente). O latim vulgar era somente falado. Tratava-se da língua do cotidiano, usada pelo povo analfabeto da região central da atual Itália e das províncias: soldados, marinheiros, artífices, agricultores, barbeiros, escravos. Era a língua

coloquial, viva, sujeita a alterações frequentes, por isso, apresentava diversas variações.

A modalidade do latim que os romanos impunham aos povos vencidos era a vulgar; estes povos eram de origens diversas e falavam línguas diferentes, por isso, em cada região, o latim vulgar sofria alterações distintas, que possibilitaram o surgimento dos diferentes romanos (do latim *romanice*, que significa "falar à maneira dos romanos"), que deram posteriormente origem às diferentes línguas neolatinas, entre as quais, o português. Além do português, outras línguas românicas surgiram do latim: o espanhol, o francês, o italiano, o romeno, o galego, o catalão e o dalmático – já extinto. Essas línguas derivadas floresceram e afastaram-se umas das outras, e com o tempo, sofreram transformações. O português, que o escritor e poeta brasileiro Olavo Bilac chamou de “a última flor do Lácio, inculta e bela”, expressão usada no soneto “Língua Portuguesa”, é o português hoje falado em Portugal, no Brasil, em Angola, em Moçambique, em São Tomé, em Cabo Verde, em Goa, em Timor Leste. O dinamismo da língua é fator explicativo para suas constantes transformações, as quais nem sempre estão presentes na memória dos falantes, por essa razão, é importante termos conhecimento dos fenômenos histórico-linguísticos que motivam essas transformações.

Em face dessas mudanças, a categoria do diminutivo surge com a reflexão dos gramáticos da Antiguidade sobre as partes do discurso, instaurando, já naquela época, uma polêmica sobre a posição ou lugar do diminutivo no sistema flexional ou derivacional. Para Dionísio de Trácia¹ e Varrão², o diminutivo não era nada mais do que uma das numerosas espécies de nomes muito perto do comparativo e do superlativo. É oportuno destacar que a ideia de comparação é hoje desenvolvida em pesquisa de Vieira e Vieira (2008), “A Expressão de Grau para além da morfologia”, as quais consideram o grau como um recurso semântico-argumentativo, ao defenderem que subjaz uma comparação na categoria do grau. Para as autoras, a

¹ Dionísio da Trácia destacou-se em fins do séc. II a.C. Ocupou-se com o sistema morfológico, então indicado como regularidades analógicas. Sua gramática descreveu duas unidades básicas: a sentença (*lógos*) e o vocábulo (*léxis*). Cuidou principalmente dos vocábulos, que são "partes do discurso", arrolando ao todo oito classes: artigo (*árrhron*), nome (*ónoma*), verbo (*rhema*), princípio (*metoché*), pronome (*antonymía*), advérbio (*epirrhema*) e conjugação (*súndesmoi*). (PAULI, 1997)

² Filósofo e enciclopedista romano de expressão latina nascido em Reate. Escreveu tanto em poesia como em prosa. Desenvolveu estudos sobre teoria da linguagem e gramática, retórica, filosofia, história antiga e romana, entre outros (RUY, 2006).

comparação consiste em um recurso “argumentativo utilizado para definição de um elemento pelo cotejo com outro, o qual serve de referencial. É na inter-relação semântica entre os valores graduais do termo *comparado* e do termo *comparante* que se instaura a significação gradativa do enunciado.” (VIEIRA E VIEIRA, 2008, p. 63).

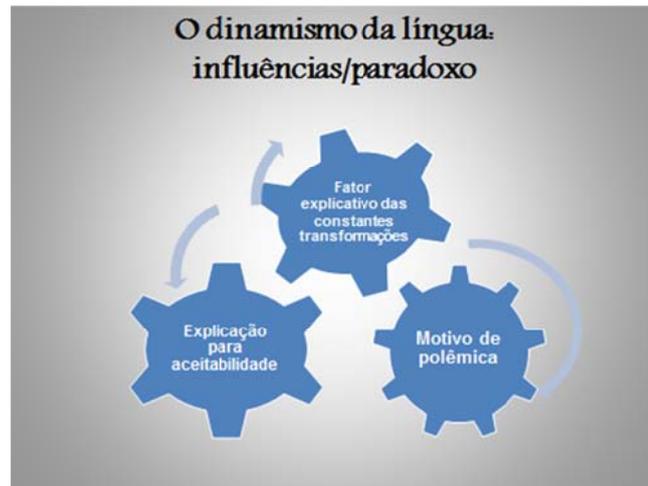


Figura 2 - Dinamismo da língua

Bisol (2009) realizou um relato fundamentado nas primeiras gramáticas da língua portuguesa, destacando o ponto de vista de autores sobre o grau diminutivo e sobre suas características linguísticas. Fizemos um recorte desse relato: na *Primeira Gramática Portuguesa* (1536, p. 61), Fernão de Oliveira faz uma ligeira menção ao diminutivo e ao aumentativo, considerando-os palavras “tiradas”, isto é, derivadas, dando exemplos da forma *-inho*, sem fazer menção a *-zinho*. Diz o autor: “é regra geral que os nomes [...] diminutivos acabem em inho ou inha como mocinho, mocinha; e os aumentativos em az e ão”; Jerônimo Soares Barbosa, na *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, (1823), inspirada na Escola de Port Royal, menciona o diminutivo com os formativos *-inho* e *-zinho*, considerando-os como uma única forma: o aparecimento de *-z-* é tido como um recurso para evitar o hiato; Maximino Maciel (1823), na *Grammatica Descriptiva*, designa também o diminutivo com *-inho*, o qual pode apresentar-se com o afixo *-z*, obrigatório em nomes terminados por “duas vogais, por sons nasais e em oxítonas: labiozinho, cãozinho, sabiázinha; mas facultativo nos demais caso”; Julio Ribeiro (1918), menciona o *-z*

como uma consoante inserida: “A flexão nominal gradual consiste na desinência aumentativa ou diminutiva ao grau normal”; Eduardo Carlos Pereira (1955) e Antenor Nascentes (1960) explicavam: “Os substantivos variam em sua terminação, isto é, mudam de flexão, para indicarem os acidentes de gênero, número e grau”.

Em todas as etapas de nossa pesquisa, é recorrente a polêmica que envolve a categoria do grau e sua posição no sistema linguístico: para alguns teóricos, o diminutivo ocuparia um lugar no sistema flexional, para outros, teria espaço no sistema derivacional. Na abordagem destes, apesar de evidenciarem também o aspecto da redução de tamanho em termos concretos, a dimensão mais ampla de significação do diminutivo abarca as esferas da flexibilidade da língua, das possibilidades de escolha do falante, das situações e instâncias da língua, das ocorrências discursivas e das operações ideológicas no ato da fala.

2 O GRAU NAS GRAMÁTICAS

2.1 A categoria grau

Na perspectiva gramatical, insere-se no quadro morfológico a formação de palavras. O termo *morfologia*, tradicionalmente empregado, designa o estudo das formas das palavras de uma língua. Conforme o verbete *morfologia* em Houaiss (2001, p. 1961): “4. Gram. Ling. (morfe=forma, logia=estudo) estudo da constituição das palavras e dos processos pelos quais elas são construídas a partir de suas partes componentes, os morfemas”. Entre esses processos, colocamos em evidência os da flexão e da derivação, a fim de mostrarmos, em referência a esses processos, a visão de estudiosos do português do Brasil. Há autores que postulam uma separação rígida entre a flexão e a derivação, outros, no entanto, preferem analisá-las como fazendo parte de um *continuum*. Para evidenciar essas posições, faremos uma breve revisão da literatura sobre o assunto, começaremos pela tradição gramatical, em seguida, faremos paralelo com obras de linguistas e morfólogos.

Na visão de Almeida (2009, p. 80), a morfologia trata das palavras: “a) quanto à sua estrutura e formação; b) quanto às suas flexões; c) quanto à sua classificação”; com esses paradigmas, podemos distinguir a morfologia como o ramo da linguística dedicado ao estudo das formas das palavras em diferentes usos e construções, trabalhando com as estruturas internas das palavras e a dos seus constituintes significativos mínimos ou morfemas. Mattoso Camara Jr. nos adverte que não podemos descrever adequadamente nenhuma parte da língua sem fazermos referência às outras partes (1970). Isso se justifica, pois a inter-relação entre a fonêmica, a morfologia e a sintaxe, evidencia que as estruturas de uma língua não podem ser descritas isoladamente. Relegar a morfologia às configurações formais que as estruturas flexionais e derivacionais possam, isoladamente, considerar, seria desconsiderá-la como uma disciplina que se dedica, também, às entidades significativas e contempla a “dimensão semântica, consubstancial dessas entidades, os valores e as funções semânticas por elas discursivamente assumidos.” (RIO-TORTO, 1998, p. 46).

2.2 Grau: interface da gradação

Os termos *grau* e *gradação* expressam estratégias utilizadas para a construção de sentido, tanto no aspecto gramatical quanto no semântico, entre itens lexicais sujeitos à comparação. O termo *gradação* abrange também a acepção de grau naquilo que se refere a uma categoria morfológica ou sintática, é, portanto, uma manifestação linguística, que se expressa por determinadas formas e se materializa pelos afixos em língua portuguesa, ou é um aspecto que se apresenta sintaticamente. Segundo Crystal (1988, p.128), *gradação* é o termo usado pela Gramática e pela Semântica em referência à análise “das relações de sentido existentes entre itens lexicais que possam ser comparados”. Os opostos expressam relações semânticas graduáveis em cotejo umas com as outras. Paralelamente a essa definição, descreve o grau, *stricto sensu*, como “uma categoria gramatical usada para especificar uma comparação entre adjetivos e advérbios, geralmente contrastando três noções: positivo x comparativo x superlativo”.

Os verbetes grau e gradação, embora semelhantes, apresentam-se distintos, caso se queira ressaltar uma categoria semântica ou gramatical. Se grau implica gradação, não podemos afirmar a reciprocidade, uma vez que, em algumas construções discursivas, nem sempre o vocábulo traz a referência necessária para a compreensão do aspecto de grau. Para superar esta lacuna, os contextos linguístico e extralinguístico remetem à ideia de gradação e ao sentido de grau, sinalizando que o sentido e a significação dos termos se realizam formalmente na língua pela escolha e agenciamento de palavras, por sua organização e ordem sintática, pela interdependência das palavras e das estruturas frasais, e não somente por sua estrutura morfológica.

2.3 Os processos de flexão e de derivação

Na língua portuguesa, a formação de palavras é uma área da atividade linguística cujo funcionamento envolve, de certo modo, todas as demais áreas, porque abrange vários componentes da língua: o fonológico, o lexical, o semântico etc.; apresenta-se como um domínio de acentuada complexidade, decorrente não apenas das variáveis com que opera, mas também da capacidade gerativa por que se define. Entre todas as variações formais dos nomes, as de grau apresentam-se notadamente controversas, talvez por isso a maioria dos estudiosos não se mostra

coerente quanto à categorização, ao processo morfológico, à determinação dos significados que as palavras derivadas transportam, tanto que há defensores de uma rígida separação entre o processo flexional e o derivacional, e outros que preferem analisá-los e considerá-los como parte integrante de um *continuum*.

Azeredo (2008, p. 143-4) afirma que os afixos ou morfemas derivacionais juntam-se a bases léxicas (morfemas lexicais) para a criação de novos lexemas-palavras; esses morfemas dividem-se em: Prefixos - morfemas derivacionais -, que se colocam antes dos radicais (encadernar, transportar) e Sufixos - morfemas derivacionais-, adicionados depois dos radicais (barzinho, mesinha). O produto resultante do processo derivacional reflete os significados da base e do afixo utilizado, conseqüentemente, podemos considerar três seguimentos de significado: base, afixo e produto (palavra derivada).

Cunha (2001, p.198) observa: “nem sempre as noções de aumento e diminuição vêm atualizadas nos sufixos mais tipicamente dimensivos(-*inho* e -*ão*)”, mas limita-se a esta observação, deixando imprecisos os valores semântico-pragmáticos que esses elementos morfológicos veiculam. Entretanto, observa:

A rigor, a flexão de grau é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo: o normal, o aumentativo e o diminutivo – em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa que, nesses pontos, *seguem uma longa tradição no ensino do idioma* (Grifo nosso).

Almeida (2009, p. 97) preconiza: “os substantivos são flexíveis [...] podem flexionar-se de três maneiras diferentes: quanto ao gênero, quanto ao número e quanto ao grau [...]. Daí os três tipos de flexão dos substantivos: flexão genérica, flexão numérica e flexão gradual”; Cereja (2005, p. 117) reforça essa ideia: “O substantivo flexiona-se em gênero, em número e em grau.”; Terra (2002, p. 90) pontua: “o substantivo é flexionado em grau”, questiona, entretanto, se temos um processo flexional ou derivacional e justifica:

Tradicionalmente, tem-se considerado grau como flexão do substantivo, o que é abonado pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Atualmente, no entanto, diversos linguistas entendem que na alteração do grau do substantivo *não ocorre flexão da palavra*. Eles consideram que a alteração de grau não é um

mecanismo que interfere na concordância, como ocorre na alteração do gênero e do número (Grifo nosso).

Enfatizamos a visão de Bechara (2009, p. 140), porque prenuncia uma mudança de perspectiva das gramáticas tradicionais quanto ao tratamento da categoria grau. No seu ponto de vista, os substantivos apresentam-se com a sua significação aumentada ou diminuída, assessorados por sufixos derivacionais e ressalva que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), confundindo flexão com derivação, tem estabelecido dois graus de significação do substantivo: o aumentativo e o diminutivo. Prossegue com suas explicações: “a derivação gradativa do substantivo se realiza por dois processos, numa prova evidente de que estamos diante de um processo de derivação, e não de Flexão: [...]”. Nesta linha de esclarecimentos, à semelhança de Mattoso Camara Jr., adota os conceitos referentes à *Derivatio Naturalis* à *Derivatio Voluntaria*, e, conseqüentemente, desvia-se dos parâmetros da flexão e dirige-se para os da derivação. É oportuno destacar estes conceitos: *derivatio voluntaria* é o processo pelo qual uma nova palavra se forma mediante acréscimo de um elemento no final da palavra com alteração (processo sintético) ou não de elementos terminais (processo analítico) - numa relação aberta; a *derivatio naturalis* é o processo pelo qual uma palavra é adaptada a um contexto com o acréscimo de uma desinência de caso e/ou de número correspondente à função que exerça na frase, numa relação fechada, indicando uma modalidade específica. Em conformidade com estas conceituações, o processo flexional refere-se à *derivatio naturalis* e o derivacional à *derivatio voluntaria*.

2.4 Diferenças entre flexão e derivação

As gramáticas, de maneira geral, ainda não fizeram uma distinção precisa, senão necessária, entre o processo flexional e o derivacional, destacando as características específicas de cada um desses processos. Tradicionalmente, tratam desses temas relacionando-os à estrutura de palavras e estabelecem distinção entre desinência, como elemento indicador de flexão, e afixo (prefixo e sufixo), como elemento de derivação. A polêmica na caracterização ou na abordagem morfológica da categoria grau, que perpassa vários estudos de gramáticos e linguistas, segundo Basílio (2004), fundamenta-se na NGB ao considerar o grau como flexão,

certamente influenciada pela gramática clássica, mas apesar disso, a maior parte dos gramáticos atuais tende a abordar o grau como derivação.

Mattoso Camara Jr. (1970, p.71-72) esclarece que o termo gramatical “flexão” é tradução do alemão *Biegung* significando *flexão, curvatura*, para indicar que um determinado vocábulo se *dobra* a novos empregos. Defende que a derivação é de “caráter fortuito e desconexo, não constitui um quadro regular, coerente e preciso, e há a possibilidade de opção, para (o falante) usar ou deixar de usar o vocábulo derivado”; a derivação forma um novo vocábulo, e para cada vocábulo “há sempre a possibilidade, ou a existência potencial de uma derivação [...] a lista de seus derivados não é nem exclusiva nem exaustiva”. Na flexão, por outro lado, “há obrigatoriedade e sistematização coerente, imposta pela própria natureza da frase [...] não estando na vontade do usuário da língua introduzir um termo novo no quadro existente, visto que é preciso se ater às regras gramaticais”.

No ponto de vista de Fiorin (2005), os morfemas gramaticais, apesar de mais numerosos, têm uma distribuição mais restrita, condicionada pelo uso, ao passo que os flexionais, limitados numericamente, têm uma distribuição mais ampla. Os processos derivacionais são bastante produtivos, o que se justifica pela elevada possibilidade de combinação de raízes e afixos, mudando, em muitos casos, a classe da nova palavra formada; outro fator que justifica a produtividade dos derivacionais é a noção de grande generalidade que envolve ideias como as de grau. Nesses moldes, o número de afixos flexionais dificilmente se modificará, pois constituem um agrupamento fechado e limitado de elementos; há uma possibilidade mínima de surgir uma nova desinência, quer seja nominal (gênero e número), quer seja verbal (número/pessoal ou modo/temporal).

Na abordagem de Borba (1984), as distinções gramaticais que se operam na linguagem podem ser de diversos tipos, dentre os quais, os sufixos – morfemas colocados após os semantemas, que se caracterizam pela ausência de significação externa, correspondem a dois subgrupos: os sufixos derivativos, que determinam a categoria léxica do vocábulo em que entram, acrescentando um novo conceito à palavra derivada; e os sufixos flexionais, que são morfemas propriamente ditos, indicam apenas a categoria gramatical da palavra, flexionando-a para uma aplicação particular, por exemplo, -s para marca de plural dos nomes e -a para marcar o

feminino. Os flexionais recebem particularmente o nome de desinência. Conseqüentemente, é a função que diferencia sufixo e desinência: o sufixo indica a categoria à qual pertence a palavra (nome de agente, de instrumento, diminutivo), a desinência indica apenas o papel que a palavra exerce na frase.

Rio-Torto (1998, p. 50-60), ao dissertar sobre a morfologia flexional do português, informa que pelo fato de a língua portuguesa ter uma estrutura morfológica sensível, diversas são as classes lexicais que acusam a presença de fonemas flexionais, que remetem cumulativa ou disjuntivamente para as categorias de gênero, número, pessoa, tempo, modo. Esses morfemas, como afixos presos, ocorrem predominantemente em posição sufixal e/ou à direita do tema/radical da palavra e, mais frequentemente, em posição periférica em relação aos afixos lexicais. Esclarece ainda que os afixos lexionais são portadores de significação predominantemente gramatical, entretanto não excluem dimensões categoriais, sintáticas e lexicais; distinguem-se dos lexicais, porque não têm poderes de alterar a classe gramatical da base a que se agregam.

A derivação implica existência de uma só base e de um só afixo, mas comporta a inclusão de desinências de gênero e de número: *menin+inh+a+s*. Só podemos considerar os afixos – formas presas – que se ligam a uma base ou núcleo, como elementos de derivação se produzirem novos sintagmas, se apresentarem valor significativo no sistema – a existência deles é que nos permitirá falar em derivação. Por uma questão didática, destacamos como exemplo: “As meninas brincam no jardim”:

- meninas – lexema não derivado
- inh(as) – afixo derivacional
- a – morfema indicador da modalidade de gênero/desinência de gênero
- s – morfema indicador da modalidade de número/desinência de número.

Rio-Torto (1998, p. 60), assim se reporta sobre o processo derivacional: “ocupa-se do estudo dos recursos morfo-lexicais de que a língua dispõe para formar novos itens lexicais, das possibilidades combinatórias desses recursos, dos processos e dos paradigmas que para tal ativa”, adverte, entretanto, que a formação

das palavras não se confina aos limites da morfologia derivacional, uma vez que tanto o processo flexional quanto o derivacional têm em comum a matéria-prima com a qual trabalham: as bases lexicais, os afixos, os mecanismos genolexicais – bases e afixos – e os produtos por estes gerados. Em conformidade com Rio-Torto, na formação de palavras, intervêm regras e processos de ordem semântica e de ordem sintática, que não se limitam ao nível morfológico, mas podem atingir outros como o discursivo e o estilístico, acrescentamos.

2.5 O grau na abordagem de Mattoso Camara Jr.

Temos visto que, em língua portuguesa, nem sempre os processos de flexão e derivação foram devidamente diferenciados, entretanto, na visão mattosiana, há diferenças marcantes no que tange a esses processos. Para evidenciá-las, ancora-se nos pressupostos de Varrão, gramático latino. Conforme esses pressupostos, há determinados sufixos que, acrescidos ao radical, destinam-se a criar novos vocábulos, seriam estes sufixos os derivacionais, os outros apenas indicam modalidades específicas das palavras, os sufixos flexionais; denominados respectivamente, *Derivatio Voluntaria* e *Derivatio Naturalis*.

Mattoso Camara Jr., nosso primeiro teórico a discutir o *status* do grau no Português do Brasil, posiciona-se contra a visão tradicional ao repensar a categoria grau: “a expressão de grau não é um processo obrigatório e coerente e não estabelece paradigmas exaustivos e termos excludentes entre si (1970, p.73)”. Para estabelecer a distinção entre os processos de flexão e de derivação, adota os critérios da sistematização e da não sistematização dos vocábulos: as palavras derivadas não seguem uma sistematização rigorosa no léxico, não existe regularidade; no entanto a mesma regra não se aplica ao processo flexional que exige “concordância de número singular e plural e de gênero masculino e feminino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre sujeito e verbo” (ibid., p. 72). Os vocábulos flexionados recebem, pois, sufixos exigidos pela “própria natureza da frase”; nomes e verbos, na relação sintagmática, funcionam em relação de concordância dentro da estrutura frasal.

No caso da derivação, esse pressuposto transpõe qualquer definição puramente morfológica, pois, ao novo vocábulo, o morfema derivacional acrescenta uma ideia nova (definição semântica), embora não altere a significação original, uma

vez que se trata de: “uma ideia acessória na significação fundamental do vocábulo, como nos diminutivos, uma aplicação diferente na frase, como adjetivo em vez de substantivo”. (ibid., p.93).

Nosso Linguista assim define flexão: “Processo de *flectir*, isto é, fazer variar um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais” (1984). A flexão consiste, portanto, em “aplicar ao vocábulo um morfema: aditivo (flexão externa), ou subtrativo, alternativo, reduplicativo (flexão interna), ficando a variação, respectivamente: fora ou dentro do radical”. Em português, o mecanismo gramatical da flexão “assenta fundamentalmente no morfema aditivo seguido ao radical, ou seja, nos sufixos flexionais, ou desinenciais, da mesma sorte que a derivação assenta no sufixo lexical ou derivacional”. Os vocábulos sujeitos a flexão caracterizam-se como variáveis ou flexionais, compreendendo os nomes (com os pronomes) e os verbos. “As desinências nominais são para as categorias de gênero e número”. Desse modo, o vocábulo flexionado expressa diferentes categorias gramaticais, como gênero e número, nos nomes; modo, tempo e aspecto, nos verbos. Consequentemente, veicula diferentes categorias de acordo com a desinência que recebe. Não há, portanto, com a estratégia flexional, flutuação semântica, apenas mobilidade sintática exigida pelo enunciado; mobilidade caracterizada na concordância nominal ou na verbal; por outro lado, no processo derivacional, a flutuação semântica ocorre sistematicamente.

Sob os parâmetros discutidos até o momento, podemos marcar algumas características dos morfemas flexionais e dos derivacionais: aqueles não alteram a classe da palavra, mantêm uma relação fechada com os núcleos, solicitam a obrigatoriedade de concordância dos determinantes e dos modificadores, a quaisquer tipos de núcleos, acham-se concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação; estes não obedecem a uma sistematização obrigatória, originam novas palavras, permitem a livre opção do falante para usar ou deixar usar o vocábulo derivado. Para melhor esclarecer e fundamentar essas ideias, citamos Bybee (1985, apud GONÇALVES, 2011 p. 149) ao defender que “Nenhum dos critérios, exceto talvez o da “obrigatoriedade”, efetivamente comprova uma discreta divisão entre os processos derivacional e flexional”.

Na visão mais tradicionalista sobre grau/gradação, há praticamente um consenso: o diminutivo não é usado somente com a intenção de dar uma dimensão menor aos objetos ou às pessoas, é usado, muitas vezes, com outra conotação, a qual é solicitada pelo contexto da fala e pelas intenções do falante, circunstâncias linguísticas que mostram a linguagem como um fator social, aspecto preponderante para nossas posteriores considerações.

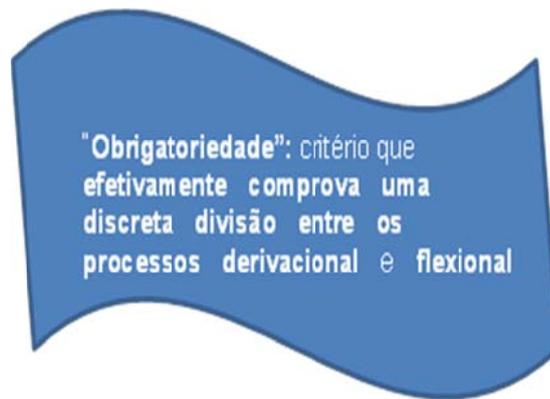


Figura 3- Critério/excludência

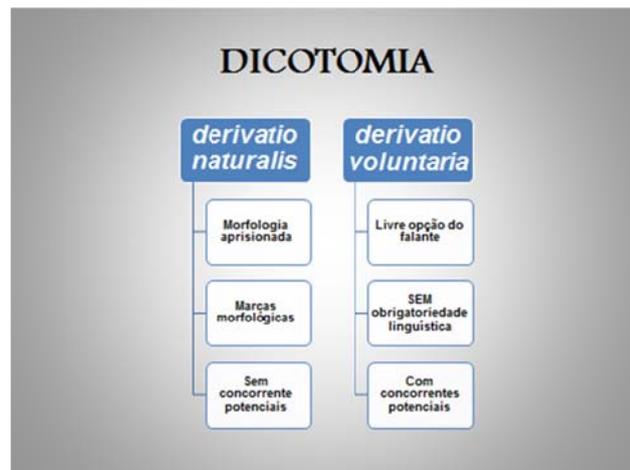


Figura 4 - Dicotomia

3 OUTRAS PROPOSTAS

3.1 Noção de grau

Na literatura linguística, as variações do grau diminutivo apresentam-se, à semelhança das gramáticas tradicionais, com pontos bastante controversos. A nosso ver, se nos ativermos somente aos aspectos morfossintáticos do fenômeno linguístico da gradação, desconhecendo suas características como recurso semântico-argumentativo, permanecerá a dificuldade de categorizá-lo e, conseqüentemente, a de determinar os significados instaurados por esse processo derivacional.

Gonçalves (2011) analisa a gradação morfológica por meio de critérios objetivos frequentemente apontados como marcas diferenciais do binômio flexão/derivação. Em seus estudos, grau é recurso usado para efeitos ou ênfase. Nesses conformes, a gradação é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes. A gradação está diretamente vinculada à perspectiva do emissor que, ao intensificar ou dimensionar, orienta seu receptor para juízos de valor a respeito de algo ou de alguém e submete-o às suas intenções.

3.2 A proposta de Bybee: Teoria do *Continuum*

3.2.1 Bases teóricas

Bybee (1985, apud GONÇALVES 2011, p. 94, 95) apresenta três estratégias com as quais elementos semânticos se combinam para formar expressões linguísticas: (i) *a expressão lexical*, por meio da qual dois ou mais elementos semânticos são expressos por um único morfema lexical; (ii) *a expressão flexional*, por intermédio dessa estratégia, cada elemento semântico é expresso por morfemas que se unem numa única lexia; (iii) *a expressão sintática*, por sua vez, mostra que os elementos semânticos são expressos por unidades totalmente separadas e independentes.

Na perspectiva do *continuum* de Bybee, conforme esquema abaixo, entre a expressão lexical e a flexional encontra-se a expressão derivacional, que é, muitas vezes, restrita e idiossincrática à semelhança da lexical, revela, entretanto, dois

morfemas distintos, como na flexional. Entre a expressão flexional e a sintática, encontra-se o que denomina gramatical livre, ou seja, morfemas dependentes: clíticos, preposições, partículas etc., os quais não são livres como na expressão sintática, mas não chegam a formar uma única lexia com o morfema lexical.

Esquema do *continuum*:

lexical - - - derivacional - - - flexional - - - gramatical livre - - - sintática

maior grau de fusão -----menor grau de fusão

(BYBEE, apud GONÇALVES, 2011, p. 96).

A proposta de Bybee contradiz a ideia tradicional que preconiza serem as morfologias flexional e derivacional excludentes entre si. Defende que a diferença entre essas morfologias é apenas de gradiência. Um elemento de uma categoria pode fazer parte de outra categoria de forma gradual, dependendo de sua localização no *continuum*, levando-se em conta se é representante prototípico ou periférico. Quando periférico, o elemento pode ter características de outra categoria e, por esse motivo, as duas morfologias não formariam conjuntos discretos. Fundamenta sua tese nesse princípio para propor a formulação de uma escala hipotética de prototipicidade, um *continuum*, cuja principal meta é a identificação dos exemplares mais centrais e menos centrais desses dois tipos de operação morfológica, fato que demarcaria seu ponto num possível *continuum*.

Bybee (1985) ampara-se em dois princípios para defender sua tese: o da relevância e o da generalidade. O da relevância estabelece que o significado de um elemento só é relevante para o outro se o conteúdo de um afeta ou modifica diretamente o conteúdo do outro. O resultado dessa combinação terá relevância se distinguir algo que tenha importância cultural e cognitiva. O segundo princípio, generalidade, expõe que uma categoria flexional deve se aplicar a todas as bases com determinadas especificidades sintático-semânticas e necessita ocorrer obrigatoriamente num contexto sintático próprio. Outro critério importante na análise gradiente dos processos morfológicos, de acordo com a proposta em análise, é o da *troca semântica*, que consiste na mudança de sentido motivada pela aplicação de um afixo a uma base, nesse caso, o significado das partes constitutivas não equivale ao sentido do todo, como é o caso, por exemplo, das palavras *camisinha*, *folhinha*,

amarelinha, que sofreram esvaziamento de sentido. Bybee (1985) considera que, muitas vezes, características encontradas em elementos da flexão também se mostram na derivação, sendo ténues as diferenças dos elementos e, conseqüentemente, das operações morfológicas, porque nas morfologias flexional e derivacional, há afixos mais centrais e outros mais periféricos; no esquema de *Continuum*, o protótipo é o elemento que atende a todas as características da classe.

A proposta de Bybee sugere não existirem nitidamente fenômenos os quais possam ser categorizados como flexionais ou como derivacionais; o fenômeno que verificamos entre esses mecanismos é um *continuum* e, por isso, flexão e derivação constituem processo único, do tipo gradiente ou escalar, conforme podemos verificar no esquema abaixo.

CONTINUUM DE AFETIVIDADE

Graus de afetividade



(BYBEE, apud GONÇALVES, 2011, p. 96).

O *continuum* em destaque representa graus de afetividade, nos quais os sufixos *-inho(a)* e *-zinho(a)* apresentam acepções tanto positivas quanto negativas. Observamos que, no centro do *continuum*, localiza-se o uso de palavras que, embora estejam com marca de sufixo diminutivo, não denotam mais esse valor, pois já foram cristalizadas, gramaticalizadas com o uso. É propósito de Bybee (1985), com a estratégia do *continuum* de afetividade, esclarecer o postulado segundo o qual os determinantes para uma categoria gramatical ser expressa como lexical ou como sintática são a *relevância semântica* e a *generalidade lexical*.

3.3 Flexão e derivação: critérios na abordagem de Gonçalves

Para distinguir flexão e derivação, Gonçalves estabelece alguns critérios fundamentados em aspectos morfossintáticos da estrutura frasal e evidencia conceitos consagrados especialmente por Mattoso Camara Jr.

3.3.1 Relevância sintática (derivação)

Sob o primado desse critério, a utilização do grau é facultativa, não havendo, portanto, obrigatoriedade no seu emprego, nem concordância no âmbito do sintagma nominal. Nesse caso, o grau é um processo derivacional, uma vez que “nenhum contexto sintático leva ao acréscimo desse afixo” (GONÇALVES, 2011, p. 12) contrariamente, a flexão é requerida pela sintaxe.

3.3.2 Meios de materialização (derivação)

De acordo com esse critério,

Um afixo é flexional se o significado que veicula manifesta-se apenas morfologicamente. Quando há concorrência de estratégias para exteriorizar determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional. (GONÇALVES, 2011:20).

Sob estas orientações, o grau é derivacional, porque há possibilidade de se materializar de forma sintética, com afixos, ou de forma analítica, com o uso de adjetivos, ou, ainda, por intermédio de outro sufixo concorrente, sem considerar a questão da formalidade. Vejamos:

1-mesinha (forma sintética),

2-mesa pequena (forma analítica com adjetivo).

Conforme podemos observar, a opção pelo uso do sufixo ou pelo adjetivo “pequena”, para formação de grau, leva-nos a afirmar que o sufixo é de ordem derivacional, pois o conteúdo que veicula (tamanho) não se manifesta somente por meio de sufixo, visto que o falante tem à sua disposição outros recursos linguísticos, depende exclusivamente de sua vontade recorrer à estratégia de uso do sufixo.

Com a análise dos critérios de *relevância sintática e meios de materialização*, entenderemos a dicotomia ressaltada por Varrão, segundo a qual a derivação constituiria a *derivatio voluntaria*, por não funcionar como uma morfologia “aprisionada”, como uma obrigatoriedade linguística ou uma imposição para o falante, que livremente pode ou não optar pelo o emprego de um afixo para expressar ideias referentes à dimensão ou a conteúdos que pretende transmitir aos seus interlocutores. Em relação à *derivatio naturalis* – flexão –, não há escolha do falante. As marcas morfológicas – sejam as nominais: gênero e número, ou as verbais: número/pessoal, modo/temporal, quando evidenciadas – independem da vontade do falante, visto que são acionadas por fatores morfossintáticos, e não têm ou não apresentam concorrentes potenciais, outras desinências, por exemplo.

3.3.3 Produtividade ou aplicabilidade (flexão)

Gonçalves (2011, p. 24), respaldado por reflexões de Mattoso Camara Jr. (1970), evidencia que a flexão é mais produtiva que a derivação, pois “estrutura paradigmas mais regulares e sistemáticos”. Em geral, os paradigmas flexionais são completos e as irregularidades são de caráter ocasional; as relações derivacionais, ao contrário, são esporádicas. A derivação apresenta fortes restrições de aplicabilidade e, por esse motivo, contém “células vazias”, ao passo que a flexão possui alto grau de aplicabilidade, com raras exceções.

3.3.4 Estabilidade semântica (flexão/derivação)

Este critério avalia as diferenças entre a flexão e a derivação e fundamenta-se na possibilidade ou na impossibilidade de extensões semânticas. Sob o ponto de vista de Gonçalves (2011, p. 31), “a flexão é semanticamente mais regular que a derivação”. Os afixos flexionais não admitem variabilidade semântica, conduzem o vocábulo sempre para o mesmo significado; dessa forma, há mais transparência semântica na flexão, pois os afixos flexionais veiculam significados mais precisos e uniformes. Em contrapartida, na derivação, o significado da construção morfológica pode variar de uma palavra para outra, portanto seus afixos mostram-se pouco coerentes, sob o ponto de vista semântico, e veiculam conteúdos mais difíceis de precisar; são frequentemente caracterizados por “desvios” de significação em determinadas formas.

3.3.5 Efeitos expressivos (flexão/derivação)

Em conformidade com este critério, “a derivação pode servir como veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou de alguém. A flexão, ao contrário, não se presta a esse serviço” (GONÇALVES, 2011, p. 33). Nesses moldes, um afixo pode alterar pragmaticamente o sentido da palavra, transportando um valor atitudinal (afeto, julgamento, apreciação), como acontece com o sufixo diminutivo *-inho*, que não só adquire valor pragmático, como pode dimensionar o grau, por esse motivo, é considerado derivacional. Com esse instrumento linguístico, o falante inscreve-se implícita ou explicitamente na mensagem. Contrariamente, o recurso da flexão, por operar com significados gramaticais, nunca revela o impacto pragmático, ou seja, a atitude do falante em relação ao enunciado, ao referente, ao interlocutor. É uma relação fechada.

3.3.6 Lexicalização (derivação)

O critério lexicalização baseia-se na seguinte máxima: “arbitrariedades formais e semânticas são constantes nos afixos derivacionais e pouco prováveis nos flexionais” (LOURES, 2000, *apud* GONÇALVES, 2011, p. 37) com esse critério, recorre-se à irregularidade de forma ou de conteúdo, prevista por Mattoso Camara Jr. (1970) para estabelecer diferenças entre a flexão e a derivação.

A lexicalização pode ser de natureza fonológica, morfológica, sintática ou semântica. Essa é caracterizada como produtos de uma operação morfológica, os quais nem sempre “são interpretados pela soma dos significados de suas partes, uma vez que o acréscimo de um afixo pode levar a opacificações de sentido, em proveito da rotulação” (*ibid.*, p.41) que pode ocorrer por via metafórica ou metonímica. Facilmente encontramos usos metafóricos do sufixo diminutivo *-inho* para nomear entidades, por exemplo: *camisinha*, *sombrinha*, *folhinha*, desviando-se da objetividade e recorrendo à transferência de significado.

3.3.7 Mudança de classe (derivacional)

O critério mudança de classe assim se explica: “processos flexionais não são responsáveis por mudanças na categorização da base em relação ao produto. Os derivacionais, ao contrário, podem promover alterações dessa natureza” (GONÇALVES, 2011, p. 44). A mudança de classe é geralmente apontada como a principal diferença entre flexão e derivação. Mattoso Camara Jr. (1970) explica que

morfemas derivacionais podem mudar a categoria sintática da palavra derivada, os morfemas flexionais, no entanto nunca mudam. Nesses parâmetros, a mudança se realiza fundamentalmente por meio de processos morfológicos de derivação, em oposição aos da flexão, pela estratégia de aproveitar os conceitos sistematizados em palavras de uma classe em outra classe.

3.3.8 Posição da cabeça lexical (flexão)

“Sufixos derivacionais constituem o núcleo (a cabeça) de uma palavra morfológicamente complexa, enquanto os flexionais sempre se comportam como modificadores” (GONÇALVES, 2011, p. 49). Este critério faz referência ao elemento mais importante de uma construção morfológicamente complexa que apresenta mais de um morfema, a posição do núcleo. Nas construções derivadas, a interpretação parte do sufixo para a base – da direita para esquerda – e, por isso, o sufixo constitui o elemento nuclear da palavra. Na flexão, ocorre exatamente o contrário: a base figura como o constituinte mais importante e a interpretação segue da base para as marcas flexionais, entre outras, as desinências de gênero e número.

Submetendo esse critério a uma análise mais acurada, tendo como foco os termos estruturais, estabeleceremos diferenças entre a flexão e a derivação. Na flexão, a base é o principal constituinte e a interpretação semântica parte dela para os elementos flexionais. Na derivação, ao contrário, o sufixo é a cabeça da palavra e a interpretação parte desse constituinte para base. Por conseguinte, podemos afirmar que a cabeça lexical é o afixo, no caso de derivação, e a base no caso de flexão, uma vez que esta não determina a interpretação semântica da formação.

3.3.9 Relevância e ordem (derivacional)

A base teórica dos critérios em exame é: “afixos derivacionais se localizam mais próximos da base e sempre precedem os flexionais, quando juntos na mesma palavra”. Nesse aspecto, Gonçalves (2011) concorda com Bybee (1985) ao pontuar que a “ordem é um critério relevante para a derivação”. Sob este critério, podemos afirmar: primeiro, quanto mais próximo da base o afixo se posicionar, mais relevância terá e, conseqüentemente, maior será sua contribuição semântica; segundo, o sufixo diminutivo pode ser considerado, se comparado aos demais do português do Brasil, o mais externo, alinhando a interpretação de Bybee (Escala do

Continuum apud GONÇALVES, 2011), ao defender que afixos posicionados mais próximos da base são mais relevantes por promoverem mudanças mais acentuadas de significado. Em “meninhas”, por exemplo, o sufixo, em relação à base, precede as marcas de gênero e número, respectivamente, e modifica o sentido de “menina”. A adjunção das desinências de gênero e número não traz grandes alterações de significado, não altera por completo o referente, que permanece sendo um ser em proporções diminutas, apenas, nesse caso, o referente é do sexo feminino e a marca de número indica o plural.

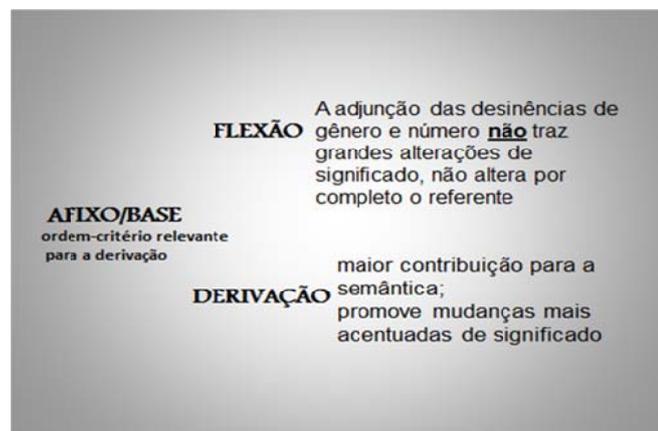


Figura 5 – Base/afixo



Figura 6 – Prerrogativas

3.3.10 Criação de um novo lexema (derivação)

De acordo com Gonçalves (2011, p. 54), “a derivação cria vocábulo novo, isto é, está a serviço da formação de uma palavra nova; a flexão ao contrário, representa

as diferentes formas de uma palavra, não criando por isso vocábulo novo”. As peculiaridades da flexão e da derivação podem amparar o critério acima destacado, pois significados mais relevantes modificam substancialmente o conteúdo da base, operam mudanças, não apenas variações formais, que levam à formação de palavras novas. Significados menos relevantes não têm essa prerrogativa, não possibilitam ou potencializam o surgimento de uma diferente unidade lexical, apenas geram variações a determinadas classes de palavra.

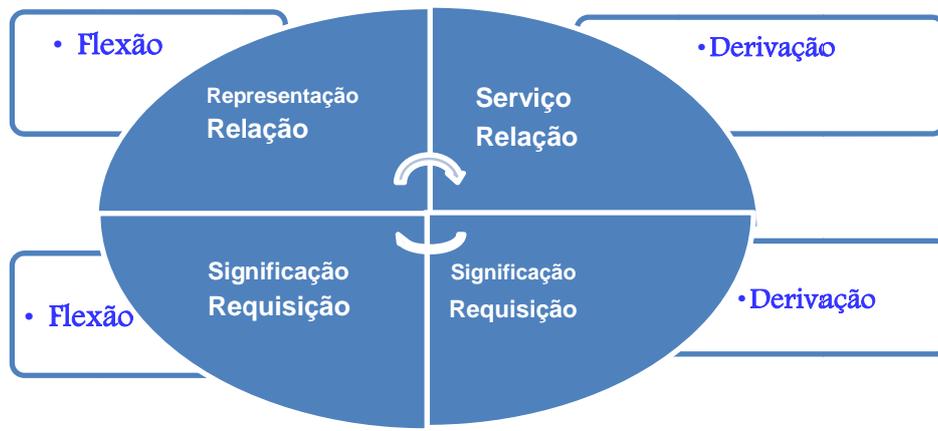


Figura 7 – Peculiaridades

3.3.11 Excludência e recursividade (derivacional)

“Somente os elementos da flexão são mútua e logicamente excludentes. O acréscimo de uma forma impede a adjunção de outra de mesmo valor” (GONÇALVES 2011, p. 58). Em referência à derivação, em princípio, os afixos concorrentes a uma mesma posição podem aparecer juntos na mesma palavra sem contrariar regras morfológicas, sintáticas ou semânticas. Um verbo só pode receber uma marca de tempo, uma de modo e uma de aspecto, porque seu molde estrutural não admite mais de um elemento inserido numa mesma posição. Contudo, podemos encontrar nomes com elementos da categoria aumentativo e diminutivo, e com marcas de plural, cumulativa e concomitantemente, por exemplo, *caixãozinho cor-de-rosa* (GUIMARÃES ROSA, 1995). Portanto, os afixos de grau não são nem excludentes (*caixõezinhos*), nem não recursivos (*Miguilinzinho*), aspectos que nos levam a considerá-los como derivacionais pelo critério de *excludência* e

recursividade. Assim sendo, no processo derivacional, com os formativos *-inho* e *-zinho*, não há restrição quanto ao número de afixos em determinada palavra.

3.3.12 Função indexical

Este critério sustenta-se no pressuposto: “apenas afixos derivacionais podem servir como meio de sinalização do falante do ponto de vista social, geográfico e etário” (GONÇALVES, 2011, p. 64). É analisada como função indexical a capacidade de um formativo conduzir informações relevantes acerca de estilos vocais específicos: “determinadas estratégias podem funcionar como uma espécie de sistema de sinalização (ibid.)”, revelando o perfil sociolinguístico do usuário. Se considerarmos a morfologia, somente os processos derivacionais podem conduzir esse tipo de função, e abrem espaços para possibilidades ou não de uso dos sufixos formativos de grau. Contrariamente, as marcas flexionais não caracterizam a função indexical, uma vez que não apresentam concorrentes potenciais por esse motivo, não possibilitam a livre escolha do falante.

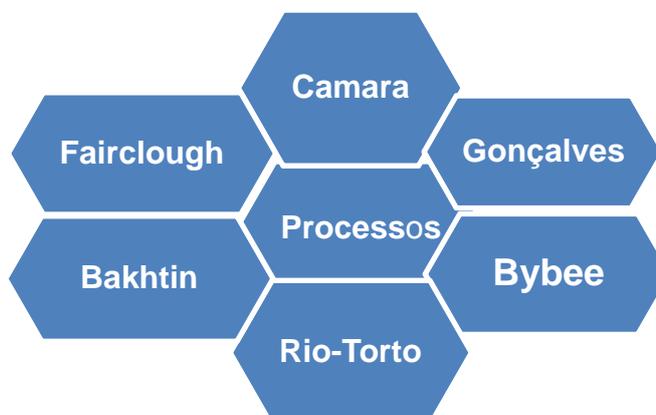


Figura 8 – Processos

A diferença entre os processos flexional e derivacional assim como a caracterização do diminutivo mostram pontos polêmicos. Uma das características mais relevantes nas questões referentes ao diminutivo com os formativos *-inho* e *-zinho* é a capacidade de manifestarem uma variedade de sentidos e de significados, independentemente da função morfossintática que exerça. O potencial estilístico-discursivo de cada um desses formativos não se reduz ou se limita a uma ordem morfológica ou semântica, mas alarga-se para abranger aspectos diversos, solicitando outros critérios e outras considerações.

4 DERIVAÇÃO: GRAU DIMINUTIVO

4.1 Atualizações do Léxico: Língua / Linguagem e Sociedade

Os pontos polêmicos que se mostram nos processos flexional e derivacional, assim como na caracterização do grau diminutivo, sinalizam que a categoria grau com os formativos *-inho* e *-zinho* não se sujeita a enquadramentos puramente formais, e, ao mesmo tempo, evidenciam as especificidades da linguagem e o caráter libertário da língua.

Para Lyons (1987, p. 224-225), “a linguagem é tanto um fenômeno biológico quanto cultural”, estas características justificam a estreita relação entre língua e comportamento de um povo, comportamento que recebe estímulos os mais diversos e obedece a convenções sociais e/ou culturais historicamente transmitidas aos falantes de uma determinada língua. Muitas das práticas cotidianas como conversar, ler, escrever são performances operacionais que as pessoas realizam corriqueiramente, mas, para isso, dependem de saberes culturalmente acumulados. Em relação ao comportamento linguístico, não seria diferente, pois “grande parte do significado de expressões, inclusive os seus significados descritivos, bem como social e expressivo, é não-universal e dependente de cultura” (idem.) A aceitabilidade de um comportamento linguístico – conhecer, reconhecer e aceitar a fala do outro – implica proximidade de culturas; significa troca de saberes, de experiências; consiste em fatores que garantem a legibilidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de surgimento do novo.

Bakhtin (1988, p.16, 17) afirma que a “palavra é o signo ideológico por excelência”; “as palavras de uma língua são carregadas de um conteúdo ideológico”, o que pressupõe um mecanismo ideológico de naturalização dos sentidos, o qual pode ser atualizado por intermédio da escolha de um léxico, sugerindo que todo acontecimento de atualização da língua, com a inclusão de novas palavras no seu léxico, assume as feições da realidade dos articuladores do discurso de uma dada comunidade. Halliday (1963, apud Neves, 1997, p. 58 a 69) amplia essas ideias, colocando a língua como um sistema de opções ou significados escolhidos pelo falante para uso nas interações sociais. Segundo sua visão funcionalista, a linguagem tem “funções” que remetem ao papel desempenhado pelos indivíduos a

serviço de determinadas demandas sociais. Assim sendo, podemos dizer que a formação de palavras se realiza com finalidades objetivas, com propósitos bem firmados, por conseguinte cada nova palavra carrega em sua base um sentido em potencial e cada ato de linguagem é sempre dotado de intencionalidade.

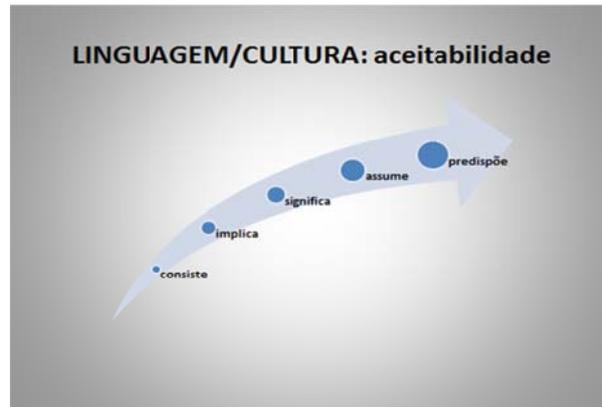


Figura 9 – Linguagem/cultura: aceitabilidade

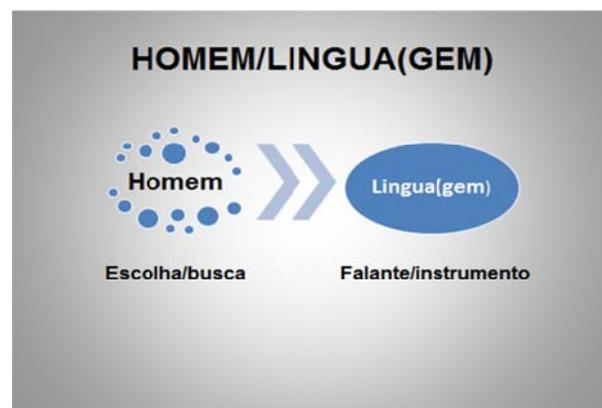


Figura 10 – Homem/lingua(gem)

4.2 Aspectos formais e avaliativos

Geralmente as gramáticas tradicionais incluem os diminutivos com os formativos *-inho* e *-zinho* no âmbito do grau nominal, destacando como significado mais relevante o de “pequeno X”; ensinam que o grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres, tratando de maneira periférica os valores semânticos e afetivos. Com esse enfoque, Cunha (2009, p. 109-110) apresenta uma lista dos principais sufixos diminutivos

empregados em português; explica a origem dos sufixos *-inho* e *-ino*, como provenientes do latim *-inus*; discorre sobre a dificuldade pela escolha de uso do formativo *-inho* ou do *-zinho* e enfatiza que, às vezes, a seleção desses formativos de grau se dá pelo ritmo da frase, ou seja, pelo fluir da frase. Por outro lado, Gonçalves reconhece a possibilidade de o diminutivo ser a expressão de diferentes aspectos avaliativos mais ou menos emotivos, tanto positivos quanto negativos:

[...] o grau é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a uma de suas partes. Por isso mesmo, está diretamente relacionada à perspectiva do emissor que, ao intensificar ou dimensionar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito da pessoa ou coisa referida no enunciado, o que confere ao item morfológicamente complexo relevância tamanha que o torna marcado. (GONÇALVES 2000, p. 1).

Quanto à caracterização e ao emprego dos sufixos *-inho* e *-zinho*, alguns autores elegem como sufixo de diminutivo apenas o *-inho*, e interpretam o *-z* que compõe algumas formas no diminutivo como uma consoante de ligação, certamente se limitam a eventuais aspectos fonéticos, nos quais o sufixo *-zinho* mostra-se, tão somente, como uma consoante de ligação aposta entre a palavra primitiva e o sufixo *-inho*, para facilitar a pronúncia. Ilustramos estas considerações a junção do vocábulo “rua” com o sufixo *-inha* (rua + *-inha* = ruazinha) com a qual obtemos a palavra “rua-Z-inha”. Nesta ocorrência, o *-z* é uma consoante de ligação, pois não existe, na língua portuguesa, a palavra “ruainha”; seu aparecimento é um recurso para evitar o hiato, como em “Cheiinhas” (GUIMARÃES ROSA, *A menina de lá*, 2005). A análise de *corpus* refuta essa tese de o *-inho* ser o único sufixo para o diminutivo e, por extensão, de o *-z* representar apenas uma consoante de ligação, visto que o falante, muitas vezes, sem atender as formas morfológicas, escolhe um ou outro sufixo (papelinho/papelzinho, gentinha/gentezinha) em conformidade com suas intenções e com as circunstâncias linguístico-discursivas.

Maximino Maciel (1823, *apud* Bisol, 2009) esclarece que o diminutivo com *-inho*, pode apresentar-se com o afixo *-z*, obrigatório em nomes terminados por “duas vogais, por sons nasais e em oxítonas: labiozinho, cãozinho, sabiázinha; mas facultativo nos demais casos”; Cedi (1996) considera *-z* um alomorfe de um mesmo morfema, dado que a consoante de ligação existe na língua portuguesa apenas para

efeito de eufonia, não apresentando qualquer significação, fato que a impede de ser interpretada como um morfema, como defendem outros autores.

Para Basílio (2004, p. 72), a característica “mais desconcertante do *-zinho* é o fato de sua adição não impedir a flexão de gênero e número na palavra base”. Como podemos observar em *coraçãozinho/coraçõezinhos*, *pobrezinho/pobrezinhas* o radical preserva a sua independência com o sufixo *-zinho*; ocorrência que não verificamos em *-inho*: *bonzinho/boazinhas*. O posicionamento de Basílio contraria a ideia segundo a qual não existe flexão interna à derivação. Esta contradição corporifica a polêmica sobre o *status* de *-zinho* como um sufixo independente, posição adotada por Villalva (2000, p. 323), ou como uma variante alomórfica de *-inho*, defendida por Kehdi (1996).

Entre os argumentos apontados por Basílio (1989) no que se refere à autonomia do sufixo *-zinho* frente ao *-inho*, destacamos o da derivação, processo o qual se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base (elemento que constitui o núcleo de uma construção morfológica), formando uma nova palavra; esses afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas, delimitando os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação. Uma das funções da formação de palavras é a de conformar a ideia contida em um item lexical às necessidades de utilização dessa ideia para a formação de determinado enunciado.

Podemos atribuir a complexidade de interpretação semântica das palavras nas quais aparecem as formas diminutivas ao fato de os formativos *-inho* e *-zinho* imprimirem valor de dimensão, de intensidade, de afetividade e de pejoratividade às expressões gradativas. Nessa interface, o sufixo partilha com a base dados morfológicos e controla as informações semântico-discursivas dessa base e, dependendo do contexto linguístico-discursivo, no qual o sufixo é usado, ao falante é dado recorrer a uma ou outra forma morfológica, que pode assumir as mais diversas significações, indicando manifestações emotivas e intencionais do falante.

4.3 Enfoques semânticos

Podemos dizer que há um estreito relacionamento entre a gradação e a morfologia, a sintática e a pragmática. Nesta convivência, a estrutura das palavras

serve de alicerce para o conhecimento dos propósitos do falante no ato comunicativo e se presta à indicação de atitudes subjetivas em relação ao enunciado. Para Gonçalves (2011, apud Vieira e Brandão, p.160), a gradação é relevante pragmaticamente porque dimensão e intensidade remetem a um contexto interacional específico, ou seja, dependem de fatores como o nível de envolvimento entre os interlocutores, os propósitos comunicativos e o grau de formalidade do discurso. Subordinados à situação comunicativa, os significados dos sufixos de grau são negociáveis nas transações do ato comunicativo.

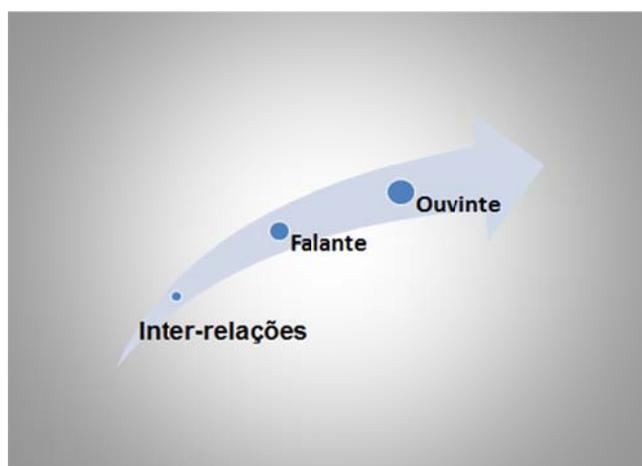


Figura 11 – Falante/ouvinte



Figura 12 – Palavra/ferramenta

Para corroborar e fortalecer essas ideias, evidenciamos a posição de Basílio (2004) quanto à função de atitude subjetiva no processo de formação de palavras na língua portuguesa. Na maioria dos casos, essa função está presente, juntamente

com outras funções, sobretudo com as de natureza semântica, entretanto podemos encontrar casos de utilização desse processo com função exclusivamente de indicar atitude subjetiva. Por certo, o caso mais nítido desse tipo de função é o dos chamados diminutivos pejorativos. Em atendimento as suas funcionalidades, o grau diminutivo pode assumir várias formas, vários conteúdos e significados. Para atestar este fato, basta atentarmos para o amplo repertório de meios morfológicos existentes no português: afixos, vogal ou sílaba prolongada, tom lexical, mudança de classe de nomes, e para uma gama de estratégias discursivas à disposição do falante – conjunto de traços linguísticos e recursos discursivos – que constituem grande potencial de significação de palavras afetadas pelos processos de formação principalmente pelo derivacional com o recurso dos formativos de grau diminutivo - *inho* e -*zinho*.

Além de destacar a função de atitude subjetiva no processo de formação de palavras, aliada às funções de natureza semântica, Basílio (2004, p. 70) atenta para a distinção entre a função denotativa e a expressiva do diminutivo. A denotativa (denominadora) pode ser observada em exemplos como: Sirva-me um *cafezinho*, por favor; Ele fez perigosamente uma *tesourinha*. Por outro lado, cita formações, nas quais a diminuição das dimensões do referente é acompanhada de vários graus de expressividade. Essa função expressiva do diminutivo fica ainda mais evidente em exemplos nos quais as dimensões deixam de ser relevantes: Necessitamos apenas de uma *mãozinha* na digitação desta pesquisa.

Para Basílio o sufixo-*inho* é o principal elemento formador do diminutivo, alterna-se com o -*zinho*, quando a base – palavra primitiva – termina em consoante, ditongo ou vogal acentuada: *pezinho*, *mãezinha*, *florzinha*, *lençolzinho*. Além dessas ocorrências, os sufixos -*inho* e -*zinho* aparecem como complementares, pois -*zinho* é utilizado em ambientes fonológicos nos quais -*inho* não é aplicado. Esses aspectos não constituem uma restrição absoluta de aplicabilidade desses formativos, pois, no caso de ditongação, há variações regionais, como em *painho* e *mainha*; em algumas palavras terminadas em [r] pode ocorrer -*inho*: *colherinha*, *florinha*; formações em -*zinho* podem alternar com formações em -*inho*: *territorinho/territoriozinho*.

Podemos evidenciar efeitos de sentidos e de significações no uso cotidiano do diminutivo que extrapolam, muitas vezes, a visão tradicional de simplesmente caracterizar um tamanho reduzido, possibilitando aos nomes um leque de empregos e uma gama de valores, por exemplo: 1. Tamanho reduzido: Que *bichinho* curioso é o pardal. (= bicho pequeno); 2. Intensidade reduzida: O sol está tão *morninho*. (= pouco calor); 3. Desprezo: Um *livrinho* insignificante esse! (= livro ruim, sem conteúdo relevante); 4. Atenuação: Por favor, aguarde só um *segundinho*. (= pouco tempo). Esses exemplos norteiam nosso posicionamento sobre o poder que o falante tem de expor seu ponto de vista, recorrendo a determinadas marcas morfológicas e, ao mesmo tempo, confirmam que o significado dos sufixos se altera, pragmaticamente, em função do contexto. Em consequência, a derivação veicula juízos de valor e sinaliza impressões subjetivas do falante, materializadas em suas escolhas lexicais. Rio-Torto (1993, p.104) fundamenta nossa posição, ao defender que o *dimensionamento operado por -inho não é absoluto*, pois esse sufixo realça aspectos para atender a padrões individuais e subjetivos do falante.

Nessa linha de reflexão, para o atendimento dos padrões acima destacados, as circunstâncias discursivas imprimem um caráter sociolinguístico relevante para a análise ou compreensão do ato de fala, porque na comunicação há uma infinidade de situações pontilhadas por circunstâncias específicas, fonte de significações, de oposições, de relações, de implícitos e de pressupostos passíveis de (in)compreensão. Nesta dinâmica linguística, o falante faz escolhas. A escolha é a procura da palavra, da frase exata; “traduz frequentemente a preocupação de evocar ou respeitar um determinado nível de fala, um determinado tipo de interação” (ILARI e GERALDI, 2002, p.47). A escolha da palavra certa objetiva a clareza da mensagem, e, conforme o contexto (formal, informal, técnico), assume sentidos específicos no ato de reconhecer e estabelecer relações de sentidos. Esta busca é própria do fazer linguístico e demonstra “a presença do homem na língua” (BENVENISTE, apud ILARI 2002, p. 64).

A presença do homem na língua se concretiza no ato comunicativo e nas escolhas que faz, a fim de se comunicar e ser compreendido. “A linguagem está na natureza do homem que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...]”. (BENVENISTE 1991, p. 285, 288). O falante dela se apropria e torna-a instrumento para suas

realizações comunicativas, sociais, históricas. No que se refere às escolhas, posiciona-se (2006, p. 82): a “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. A intimidade do falante com a língua determina os caracteres – sentidos e significações – linguísticos da comunicação. No enfrentamento do outro, no ato enunciativo, o estilo dos interlocutores aponta para a enunciação como um processo de “apropriação”. O falante se apropria das formas da língua e se coloca diante de seu interlocutor, interagindo com ele, e ambos concretizam a imperiosa necessidade de se comunicarem. Neste espaço interacional, realiza-se a produção de sentidos, a qual se dá sempre numa dada situação de uso e num contexto específico.

Para Bakhtin (2000, p. 290), a comunicação é sempre uma parceria; nessa perspectiva, considerar apenas o falante atrofia ou distorce o processo comunicativo. Uma comunicação sem truncamento pressupõe o entendimento de uma “fala viva”, de um “enunciado vivo” sempre acompanhado de uma responsabilidade participativa, subentendendo-se a alternância de papéis dos articuladores do discurso, pois todo ato comunicativo, via compreensão, de uma forma ou de outra, gesta uma resposta. O falante solicita uma compreensão ativa, por sua vez, o ouvinte ao concordar ou discordar parcial ou totalmente com o falante, assume uma atitude participativa de ouvir, de compreender e de reutilizar o enunciado na dinâmica discursiva. Nesse momento, com a alternância de papéis, as fronteiras entre os interlocutores se diluem, e as palavras tomam formas e ganham sentidos.

Na reflexão bakhtiniana, a palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial. É sob esta influência que compreendemos as palavras, porque reagimos somente àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou fazem parte de nossa memória linguística, de nossas experiências de vida. Isso significa dizer que o falante, ao utilizar a linguagem, não pretende apenas transmitir informações ou exteriorizar pensamentos, mas, concomitantemente, realiza ações por meio da linguagem e atua sobre o interlocutor, buscando interagir com ele e influenciá-lo.

Na dinâmica da comunicação, há sempre uma tentativa de convencimento, de persuasão, por parte do falante para com o ouvinte, objetivando adesão às suas

ideias. Essa adesão é encaminhada pelo falante quando imprime sentidos às palavras. A tentativa de convencimento ocorre principalmente mediante o processo semântico da argumentação, no qual a linguagem é um singular instrumento de manipulação e uma importante ferramenta de sentidos.

Nesta dinâmica comunicativa, a língua – sistema linguístico – disponibiliza aos seus usuários meios alternativos de se expressarem. O falante reconhece essas possibilidades e utiliza esses meios, não apenas como estoque de itens lexicais passíveis de serem organizados para formular enunciados, mas, de acordo com a situação comunicativa, recorre a um repertório limitado da gramática da língua, e por meio de estratégias e recursos linguísticos, mantendo o significado-base do vocábulo, cria novas palavras, com as peculiares marcas de expressão, para o atendimento de necessidades comunicativas. O caráter discursivo da linguagem mostra a língua como essencialmente dinâmica, moldável, porque disponível para o falante articulá-la, conforme suas necessidades de comunicação. Essas características da língua condizem com os pressupostos e os objetivos da Estilística e da ADC, teorias que respaldam nossas posteriores considerações.

5 GRAU: OUTRAS ABORDAGENS/NOVAS PROPOSTAS

5.1 Grau: uma questão de estilo

Uma passagem pelas gramáticas tradicionais nos permite verificar que não há consenso quanto ao grau diminutivo ser processo de flexão ou de derivação, entretanto um número significativo de autores admite o fato de o diminutivo possuir uma característica que vai além da ideia de dimensão:

O emprego dos sufixos indica ao leitor/interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a língua afetiva no primeiro plano. [...] quer exprimir de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona. Assim encontra-se no sufixo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga (SKORGE apud CUNHA, 1990, p. 209).

A análise de um fenômeno linguístico, a do grau diminutivo, por exemplo, fundamentada numa concepção estritamente morfológica, semântica, pragmática ou discursiva contaria com uma série de limitações, pois qualquer uma delas, tomada isoladamente, não daria conta da variedade de usos da linguagem, por conseguinte entendemos que o ato linguístico não deve ser abordado sob um único ponto de vista, pois o próprio dinamismo da língua recusa exigências de homogeneidade no modo de tratá-la. O fato de privilegiarmos a Estilística e a ADC em nossa pesquisa não significa tomá-las como as únicas capazes de orientar as discussões concernentes ao grau diminutivo. O motivo principal para essa escolha é considerá-las paradigmas alternativos de abordagem sociolinguística, e isso se explica tão somente por um juízo de valor.

Nessa linha de pensamento, alicerçamos a tese deste capítulo no princípio que se assenta na importância dada à linguagem pelas ciências sociais. Este enfoque nos permite vislumbrar diversas maneiras de abordar a língua, atitude que nos faculta lançar outro olhar sobre nosso objeto de estudo – o grau diminutivo com os formativos *-inho* e *-zinho* –, disponibiliza-nos novas metodologias e estratégias e aponta-nos outros recursos para considerarmos a língua em suas formas-de-ser e nuances-de-se-revelar.

As flexibilidades do léxico de nossas línguas e as ocorrências de alterações semânticas facilitam o surgimento de novas palavras no momento da enunciação.

Muitas vezes, o sentido dessas palavras é somente apreendido no contexto discursivo. Essas possibilidades do fazer linguístico imprimem dinamismo e beleza ao léxico, atribuindo aos seus usuários função de artífices da língua, que trabalham estratégias e recursos linguísticos capazes de atribuir às palavras os mais imprevisíveis sentidos e significados. Podemos dizer que o significado dos formativos de diminutivo é determinado no e pelo contexto sociointeracional, uma vez que, conduzindo forte e variada carga emotiva, emprestam à mensagem maior força comunicativa e submetem-na às mais diversas dimensões e aos mais específicos sentimentos. Somente com o suporte do contexto, de acordo com a real intenção do falante, apreendemos o significado desses sufixos, pois unicamente a prescrição gramatical não dá conta do entendimento de todos os aspectos linguísticos veiculados por *-inho* e *-zinho*.



Figura 13 – Falante: artífice da língua

Mattoso Camara Jr. (2004b) considera a Estilística uma disciplina complementar da Gramática: se esta estuda a língua como meio de representação da realidade, aquela a estuda como meio de expressão. O estilo seria um recurso linguístico, um tipo de uso da língua que ultrapassaria o plano intelectual, projetando efeitos expressivos. Com esta plataforma, a estilística nos dá a contrapartida linguística que nos faltava: completa a gramática. “O estilo também pertence à língua, pois é um sistema simbólico que transponta do discurso” (2004b, 174, 175) a

solução, em última análise, para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectual da língua está na base do estilo. Seguindo nosso linguista, não devemos caracterizar o estilo pela oposição individual/coletivo, mas, sim, pelo contraste emocional em face do que é intelectual. O estilo se “caracteriza, em regra, por um *desvio* (grifo nosso) da norma linguística ao se utilizar a “linguagem representativa” para fins que não estão na sua essência” (ibid. 176). No ponto de vista de Mattoso Camara Jr., as formas do estilo só podem ser usadas mediante uma adaptação, uma adequação que se acredita seja realizada pelas funções não intelectivas. Nesses conformes, apreende a estilística como uma disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e suggestionar. Capacidade que pode ser transmitida por processos fônicos, construções sintáticas e associações significativas e expressivas, plano no qual alocamos os formativos de grau *-inho* e *-zinho*.

Para abarcar mais amplamente os aspectos relativos à língua, Mattoso Camara Jr. propõe duas disciplinas linguísticas: a Linguística propriamente dita, que é o estudo da língua, do sistema representativo e a Estilística ou Linguística do Estilo, estudo da língua como sistema de expressividade cuja base verdadeiramente sólida são os aspectos fônicos, léxicos e sintáticos da língua. Deduzimos, sob esses pressupostos, que o falante não pode agir linguisticamente a esmo, sem orientação, sua bússola é a língua em seus fundamentos teóricos e em sua historicidade. Sob essa orientação, o falante faz escolhas diante das possibilidades de expressão oferecidas por sua língua; escolhas condizentes com sua competência comunicativa, a qual implica o conhecimento exigido para certa atividade, sua habilidade de exercer interação social por meio da linguagem e sua atuação para articular esse conhecimento. Os elementos que compõem o histórico desta competência não se limitam a simples verbetes; caracterizam-se, sobretudo, como uma espécie de conteúdo semântico e social da palavra que representa um saber tácito que se constitui continuamente na própria experiência com a linguagem, um processo longo que envolve os usos da fala em situações concretas, a identificação de semelhanças, a apreensão de particularidades, e que acaba por formar o conteúdo semântico e o social das palavras os “conceitos vividos”.

Retomamos a concepção inicial de estilo, segundo Mattoso Camara Jr., como uma categoria vinculada implicitamente a uma norma, devido ao seu caráter, no

fundo, social, pois “não há estilo pessoal absoluto; todo estilo prende-se a uma socialização” (2004b, p. 179), peculiaridade que não impede um escritor de produzir efeito estilístico com suas “extravagâncias linguísticas” (aqui, destacamos Guimarães Rosa). Na estilística mattosiana, podemos subentender não a dicotomia individual/coletivo, mas níveis semânticos que se interseccionam: o pessoal (estilo individual) e o social (estilo coletivo) que atuam de modo articulado quando o falante coloca uma palavra em determinada frase, dentro de certo contexto.

Mattoso Camara Jr. chama a atenção para o fato de que o desvio só é tolerável quando está a serviço de uma finalidade estética. Não confundamos, portanto, com o erro, como ele tem o cuidado de advertir: “É claro que toda deformação que serve a esse fim (o estético) é um traço estilístico e não um erro” (*ibid.*, p. 179). Conceituando erro em estilística, ensina: “O erro, do ponto de vista estilístico, é a deformação que não conduz a nada ou aquela que provoca um efeito negativo”.

As possibilidades estilísticas de nossa língua, meios que ela oferece ao falante para manifestar estados emotivos e julgamentos de valor, a fim de despertar em seus interlocutores uma reação também de ordem afetiva, segundo Martins (1989, p. 23), podem ser examinadas em três níveis: *fonético*, valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e no enunciado; *léxico*, aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos; *sintático*, valores expressivos ligados à constituição das frases. Munido desse aparato linguístico, o falante orientará seus procedimentos expressivos certo de que é amparado por uma metodologia específica e consciente de que poderá encaminhar seu interlocutor para o entendimento de sua fala e adesão às suas ideias.

A disciplinada estilística estabelecida por Charles Bally, discípulo de Saussure, prevê que existem diferentes modos de o sujeito construir enunciados, pois o processo de criação linguística está intimamente ligado às particularidades com as quais o falante apreende, vivencia e, conseqüentemente, dá vida ao seu próprio repertório linguístico (MELO, 1976). Nessa criação, recorre a escolhas diferenciadas, e às vezes controversas, de palavras para formalizar suas construções linguísticas. A singularidade (individualidade) de um falante é resultante

não somente de suas escolhas e das marcas estilísticas das quais se utiliza, mas também do nível de entendimento desses fatores por parte do ouvinte. A liberdade de escolha que a língua faculta ao falante permite-lhe ser original, ter um estilo próprio. No âmbito dessa liberdade, Mattoso Camara Jr. (2004b, p.178) sentencia: “O estilo se caracteriza em regra por um desvio da norma assente”; o efeito estilístico resulta não raro da singularidade do desvio em relação ao padrão normativo e da escolha diante das virtualidades oferecidas pelo sistema.

A possibilidade de realizar escolhas e a de recorrer a desvios, aliadas ao amplo repertório vocabular do português do Brasil, possibilitam ao falante ultrapassar o significado-base das palavras e imprimir sentidos a certos usos linguísticos para melhor atender a determinadas solicitações comunicativas. Essas possibilidades e esses desvios configuram as funções exercidas pelo falante no trabalho com a língua para colocá-la a serviço da comunicação. As formas de trabalhar a língua mostram-se, paradoxalmente, como rupturas e elos realizados pelos articuladores do discurso nas inter-relações e nas trocas linguísticas, gerando novas estruturas vocabulares. Neste plasmar da língua, o falante coloca a palavra no lugar que ela deveria estar e com o significado que ele quer lhe atribuir. Para garantir esse lugar e assegurar esse significado, é necessária a identificação de contextos, sem a qual não se dá a compreensão dos termos, ocasionando falhas e ambiguidades intelectivas, fatores que minimizam os efeitos de sentidos e dificultam a comunicação.

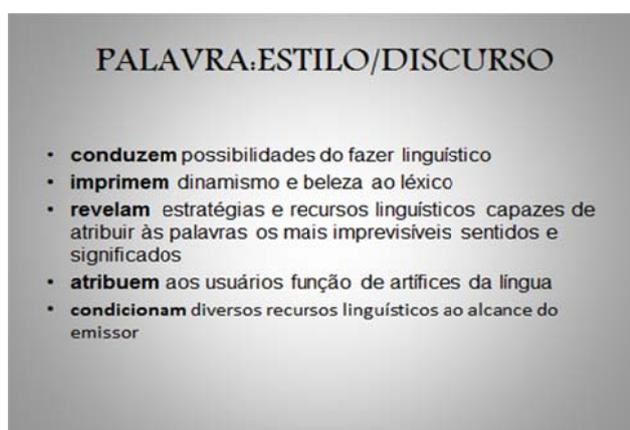


Figura 14 – Palavra: estilo/discurso

A característica fundamental da expressividade reside na força de persuadir, de transmitir conteúdos desejados, bem como na capacidade apelativa do falante.

Os efeitos de sentido, reais ou pretendidos, articulam-se numa sequência linguística, estruturada por meio de escolhas lexicais e dependem não só das estruturas formais, mas também dos conhecimentos linguísticos do emissor e do receptor, assim como das circunstâncias da interação comunicativa. A receptividade está condicionada tanto a fatores internos quanto a externos, e “não é provocada apenas pela solidez, pelo vigor ou pelo dinamismo do enunciado”, pois “o calor da comunicação, o prazer dado ao destinatário, é também um fator de adesão” (CRESSOT, 1980, p. 14); desse modo, o sentido e a significação das palavras se instauram numa troca, numa relação dialógica: intenção do falante e adesão do ouvinte.

Lapa (1984, p. 30) considera que certas palavras são “poderosos centros de carga afetiva”. Essa “carga afetiva” revela o *valor sentimental e intelectual* das palavras, indicando a reação sentida pelas pessoas quando se deparam com um fato, com um objeto ou uma situação. Se cada fato desperta uma reação distinta nas pessoas, dependendo de sua bagagem cultural, de seus “conteúdos vividos”, de sua vivência, “assim também as palavras: umas têm uma dominante afetiva, outras uma dominante intelectual” (ibid.). Os estudos da Estilística se concentram mais na dominante afetiva, sobretudo quando o léxico usado pelo falante é dicionarizado e de uso corrente, pois nesse caso o ouvinte teria de verificar não o valor denotativo das palavras, mas, sim, o conotativo: a emoção sentida pelo falante ao ouvir certas palavras ou expressões, as quais procura transmitir em seu texto (falado ou escrito). Este é um dos fatores decisivos para a análise da criação lexical, e é chamado por Lapa de *noção qualitativa* (ibid. p. 35), ou seja, o fato de darmos às coisas um valor que somente nós percebemos e não corresponde à apreciação geral daquele objeto na sociedade de maneira geral ou no ambiente social do qual fazemos parte. Portanto, ao analisarmos o uso que os autores selecionados fazem das palavras com os sufixos *-inho* e *-zinho*, concentramo-nos não somente nos aspectos formais, mas também no *valor sentimental* e na *noção qualitativa* que as palavras carregam e veiculam. O uso, às vezes inusitado de palavras e sua associação com outros campos temáticos, rompe o bloqueio lexical, quebrando as expectativas do ouvinte, surpreendendo-o no processo de criação verbal.

Bakhtin (2000, p. 308) amplia as reflexões de Lapa (1984) e contextualiza a relação do emissor com o receptor, com o objeto e com a elocução, e as condicionantes de um significado:

Um significado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa com o objeto de seu discurso, qualquer que seja este objeto, também determina a seleção dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado.

Ao falante é reservada a função de estabelecer um juízo de valor a respeito da realidade que ele quer mostrar mediante enunciado concreto. Essa valoração é o princípio norteador da expressividade por ele exercida. O estilo se apresenta como um dos determinantes da seleção dos diversos recursos linguísticos ao alcance do emissor, quer seja em maior, quer seja em menor grau. Essa densidade dependerá da circunstância linguística, da posição social e do relacionamento dos interlocutores: “A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. (BAKHTIN, 1988, p. 113)

A alternância dos sujeitos do discurso, a sua conclusibilidade e a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação caracterizam um enunciado para Bakhtin. Na medida em que há alternância dos sujeitos do discurso, pode-se delimitar um enunciado; isso ocorre porque o falante comunica aquilo que deseja em dado momento e sob algumas condições, por outro lado, o ouvinte tem a possibilidade de ocupar uma posição responsável em relação ao enunciado.

Sob esses fundamentos, uma análise textual que objetive verificar aspectos linguísticos e estilísticos deve se preocupar com o todo do enunciado e, obrigatoriamente, perscrutá-lo na cadeia de comunicação verbal e na interação social. Neste viés, citamos Mattoso Camara Jr. (2004), ao alertar para os prejuízos de separação entre gramática e estilística: seria o mesmo que separar forma e conteúdo ou não perceber as relações linguísticas e estilísticas na construção do enunciado e, além disso, não entender que o sentido se dá pela valoração dada às palavras; fator que orienta as escolhas gramaticais, as intenções do falante e o entendimento do ouvinte.

5.1.1 Relação do diminutivo com outros aspectos da língua

O diminutivo com os recursos morfológicos de *-inho* e *-zinho* estabelece uma estreita relação com os aspectos formais e estilísticos da fala, conforme os princípios, metodologias e estratégias adotados. Essa relação se dá, em virtude de o falante internalizar a variedade linguística predominante em seu meio e, de acordo com o ambiente sociolinguístico, articular cadeias verbais, que se reduzem, em última análise, à realidade da língua, cabendo ao falante, em cada situação discursiva, adequar o uso da variedade linguística aos objetivos da comunicação.

Na realização e condução de enunciados, há uma diversidade de fatores “intervenientes e reguladores” da interação verbal que alicerçam o entendimento da fala, tais como, grau de conhecimento social de cada falante, domínio de vocabulário, meio social dos falantes; a análise desses fatores permite que, sob um posto de vista não estritamente linguístico, seja possível ver o texto (falado ou escrito) como “forma visível da relação social em presença (MATEUS 1989, p. 115-20)”. O tipo de relação social entre os locutores também se constitui elemento regulador da interação verbal: “processo comunicativo que importa não só pelo que é comunicado, mas também pelas formas como a comunicação se estabelece (ibid.)”. Desse modo, a interpretação de um enunciado não é determinada exclusivamente pelo conteúdo proposicional das frases constituintes; outros aspectos, notadamente inferenciais, são determinantes do significado e atribuem às palavras um significado pragmático dependente das situações específicas de interação.

No que se refere à compreensão de enunciados, duas palavras podem ser equivalentes do ponto de vista do significado-base e diferirem em termos de significação social e expressiva (LYONS, 1981/1987). O significado-base pode ser descrito em dois níveis semânticos em relação ao grau denominado normal: um nível referencial e outro relacionado ao sentido referencial + expressivo. O primeiro está sempre presente na palavra, primitiva ou derivada; o segundo nem sempre, pois dependerá do valor dado à palavra pelo falante no momento da fala. O valor expressivo pode realçar matizes capazes de colocar o significado referencial em segundo plano, mas sem condições de invalidá-lo, uma vez que o sentido se realiza no contato entre a realidade objetiva e a estrutura linguística, emergindo deste

encontro o significado social e o expressivo da fala, os quais viabilizam o sentido e o significado do enunciado. Na perspectiva de Lyons (1981/1987), o significado social e o expressivo se fundem, e são interdependentes, na medida em que, no comportamento linguístico, o falante apresenta sua personalidade e individualidade – alteridade –, reconhece e sustenta as variações linguísticas (sotaques, dialetos, idioletos,) na interação verbal para estabelecer e facilitar a comunicação.

Para Labov (2008), a variação social permite a identificação do falante pela linguagem, e a diversidade estilística evidencia sua acomodação ao ouvinte. Essas envolvem não só o domínio vocabular e o espaço social, mas também a intencionalidade do falante e seu grau de conhecimento social. Aceitar uma identificação e uma acomodação expressivas, resultantes da intencionalidade do falante, não altera a permanência de um significado-base, tanto no grau diminutivo quanto no normal; apenas o acréscimo de valor expressivo, em algumas manifestações linguísticas, pode obscurecer esse significado, por exemplo, em palavras cristalizadas no percurso linguístico, entre outras, “sombriinha”, “camisinha”.

Em seus estudos, o autor observa que um falante nativo realiza suas escolhas linguísticas, influenciado pela época em que vive, pelo ambiente, pelo tema, pelo estado emocional e pelo grau de intimidade entre os interlocutores. Esses aspectos sociolinguísticos, no ponto de vista de Labov (*ibid.*) determinam a escolha do registro– ou nível de fala – a ser utilizado pelo falante quanto: ao *grau de formalismo* – uso mais ou menos formal da língua; ao *modo* –, língua falada ou escrita; e à *sintonia* – maior ou menor grau de tecnicidade, cortesia ou respeito à norma –, tendo em vista o perfil do interlocutor. Podemos dizer que esses níveis de fala se concretizam em competências do falante e do ouvinte, em um pacto social que nasce no compartilhamento do mesmo idioma e se desenvolve no discurso.

5.2 Grau na abordagem da Análise do Discurso Crítica

As línguas geralmente são estudadas sob um ponto de vista metodológico que esgarça sua constituição linguística, histórica e social e, conseqüentemente, são

apreendidas de forma fragmentada e estanque. Essa metodologia, ao mesmo tempo, potencializa fortes debates entre especialistas de diversas vertentes linguísticas. Destes debates, emerge a ideia de maior integração entre as áreas da morfologia, da sintaxe, da semântica, da estilística e da ADC, fortalecendo a perspectiva discursiva dos fenômenos linguísticos, visto que essas vertentes têm como fundamento e objeto de estudo a própria língua. Sob esse ângulo, as diferenças e os limites realçados, nesta pesquisa, são vistos de forma complementar, porque entendemos que a historicidade linguística suporta e mantém a inclusão de aspectos linguísticos, sociais e culturais, estabelecendo relações com as mudanças que ocorrem no léxico e abarcam o homem e a língua em sociedade.

Neste item, propomos uma aproximação entre Bakhtin e Fairclough, admitindo que, embora situados em postos teóricos diferentes – o primeiro refletindo sobre o diálogo sócio-histórico-ideológico entre enunciados, no discurso; e o segundo compreendendo a linguagem como prática social, examina marcadores sociais, históricos e ideológicos presentes no discurso – na estrutura interna do texto –, esses dois autores priorizam a ideologia, o discurso na determinação do sentido, podem ser convocados, sem incoerência teórica, para apontar e explicar as interferências dos fatores sociais, históricos e ideológicos nas escolhas do falante para estruturação do texto (falado ou escrito).

É no rastro da historicidade que colocamos a ADC como aparato teórico-discursivo capaz de dar suporte para uma análise mais acurada do processo de grau, de acordo com a concepção de língua na qual o sujeito constrói-se histórica e socialmente no processo de interação. Desse modo, descartamos o conceito de língua como sistema de normas rígidas, fixas e alheias às transformações sociais, culturais, histórias e linguísticas provocadas e vivenciadas pelo homem social.

Para a ADC, a construção de sentidos encontra-se além de uma superfície textual com palavras isoladas ou frases rigidamente estruturadas. O texto (falado ou escrito) deixa de ser um produto da codificação/decodificação entre falante/ouvinte, para tornar-se “o próprio lugar da interação, e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2002, p. 17). O fato linguístico não está relacionado somente à sequência de sintagmas, pois da palavra ao discurso estão em jogo a situação comunicativa, a intencionalidade do

falante e os objetivos da comunicação. Fatores que caracterizam a linguagem como essencialmente dinâmica, porque, a depender da situação comunicativa e dos propósitos dos interlocutores, o significado se dá, às vezes, de forma inesperada e nem sempre clara e transparente, mas, obliquamente, envolvendo o enunciado, em ambiguidades e opacidades somente esclarecidas na inter-relação dos sujeitos da comunicação.

A ADC estuda os eventos linguísticos na esfera das práticas sociais, propondo uma teoria e um método para descrever, interpretar e explicar a linguagem no contexto histórico e social, e subentendendo o dizer linguístico como o dizer social. Esse entendimento se dá na percepção que Fairclough (2001) tem de discurso como forma de ação e como forma de representação (social). Isso significa dizer que não só agimos discursivamente, como também representamos discursivamente o mundo social à nossa volta, implica ter o discurso como um modo de ação, uma forma de as “pessoas poderem agir sobre o mundo e especialmente sobre o outro, como também um modo de representação” (ibid., p. 90-91). Para reforço desse princípio discursivo, citamos Neves (1997), ao assinalar o propósito e a metodologia da ADC: “A análise de discurso tem como propósito o debate teórico e metodológico do discurso: a linguagem como prática social”.

Cabe salientar que a noção de discurso que adotamos está intimamente relacionada ao uso e/ou a práticas discursivas, dessa forma, concebemos o discurso como o resultado linguístico e, conseqüentemente, ideológico, dentro de uma esfera maior: prática social, com vistas à transformação social; em suma, “discurso como texto” (ibid., p. 101).

Na esfera textual, a ADC amplia as considerações sobre a análise social; essa metodologia conforma-se ao tempo atual com características de rápidas mudanças econômicas, sociais, culturas, e de sofisticadas técnicas de comunicação. Fairclough (ibid., p. 128) considera essas características e esclarece:

À medida que os produtores e os intérpretes combinam convenções discursivas, códigos e elementos de maneira nova em eventos discursivos inovadores estão, sem dúvida **produzindo cumulativamente mudanças estruturais nas ordens de discurso** (destaque nosso): estão desarticulando ordem de discurso existente e rearticulando novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas.

Sob esses parâmetros, registramos a gradação – grau diminutivo – como um processo linguístico-discursivo de significativa relevância, porque dimensão, intensidade e afetividade – fundamentos do grau diminutivo – são significados que necessariamente envolvem avaliações e julgamentos tanto por parte do falante quanto por parte do ouvinte, e operam mudanças estruturais nas ordens de discurso e nas inter-relações sociolinguísticas. Reconhecemos que o recurso dos formativos de grau produz efeitos discursivos e indica atitudes subjetivas do falante, trazendo à tona reflexões sobre os diversos fatores intervenientes e reguladores do ato comunicativo. Atitude que se afasta da abordagem tradicional que geralmente apresenta a categoria grau diminutivo de modo estanque, utilizando uma lista de sufixos para destacar características dimensionais – tamanho do objeto ou da pessoa –, desconsiderando os aspectos afetivos e as circunstâncias de uso desses formativos.

Sob o prisma da ADC, a marca de grau não se restringe a aspectos morfológicos ou gramaticais, atitude que poderia ofuscar a compreensão dos fenômenos pragmático-discursivos veiculados por esse processo e descartar os possíveis usos de estratégias linguísticas para acionar os sentidos e significados das palavras formadas com os sufixos *-inho* e *-zinho*. Na dialética discursiva, as estratégias argumentativas de intensificação ou dimensão implicam juízos de valor e orientam o interlocutor a determinadas conclusões nem sempre explícitas no vocábulo, mas possíveis de serem esclarecidas ou reveladas na permuta e/ou manutenção de sentidos e significados desencadeados pelos agentes do discurso nas inter-relações sociais.

A língua é forma concreta de revelação social e histórica do homem. Língua, história e homem constituem um tripé no qual cada um desses elementos dinamiza o outro em alto grau de pertinência, a qual se realiza na comunicação, quando os articuladores da fala captam as condicionantes linguísticas: voz, repertório lexical, circunstâncias discursivas e, concomitantemente, realizam escolhas e operacionalizam o enunciado. Na instância da comunicação, o falante, que é também o idealizador do discurso, no qual a língua se realiza, instaura os aspectos históricos, sociais e linguísticos, desarticulando a ordem de discurso existente e rearticula novas ordens de discurso, novas hegemonias discursivas.

5.2.1 Discurso: configuração de sentidos

Na tessitura do discurso estão presentes pelo menos duas vozes, a que é afirmada – a proposta discursiva – e aquela em oposição na qual se constrói a resposta discursiva. Nessa dinâmica, o discurso é construído na base de outro discurso, é uma resposta, uma tomada de posição em relação a uma proposta. Isso significa dizer que todo discurso é constitutivamente heterogêneo, pois é habitado, perpassado pelo outro. Na prática discursiva, o egocentrismo cede espaço para alteridade – colocar-se no lugar do outro –, mas o falante mantém sua identidade para se fazer entender e para potencializar o entendimento do enunciado pelo interlocutor. Essa propriedade do discurso é denominada *dialogismo constitutivo*: a palavra do outro é condição imprescindível para a existência de qualquer discurso. É em razão dessa exigência que se estabelece a máxima discursiva: sob um discurso há necessariamente outro discurso – a percepção do outro. Por serem dialógicos é que os discursos são históricos. A historicidade da língua não preexiste externamente na enunciação. Essa marca dos enunciados é captada no próprio movimento linguístico, em sua constituição, no momento da enunciação. É na percepção das inter-relações, com a fala do outro, que se compreende a história que perpassa todo e qualquer discurso. Discurso que se constitui fundamentalmente no confronto de vozes, no estranhamento e na percepção da realidade, configurando o movimento dialético de constituição dos sentidos.

A língua, em seu processo histórico, perpetua as aquisições linguísticas dos falantes, relaciona-as com fatos sociais, imprime marcas nas estruturas linguísticas e deixa um lastro na memória histórica dos indivíduos. Com essa atividade, novas palavras surgem no léxico com a função de expressar novas zonas de sentido que foram instauradas pelo processo de assimilação e de troca nas inter-relações; do mesmo modo, do ponto de vista sintático, construções que antes eram quase impossíveis de serem materializadas, tornam-se possíveis; essa constatação deixa transparente a articulação entre memória, língua e história, como fator indissociável no fazer linguístico.

5.2.2 Situação Discursiva: Contexto

O contexto, “repertório de conhecimentos compartilhados dos interlocutores da fala” (MOURA, 2000 p. 29), é um dos fatores de maior interferência na prática discursiva, porque imprime, mais significativamente, sentido às expressões linguísticas. A determinação ou o cancelamento de postos ou de pressupostos dependem diretamente do contexto. A interferência do contexto, para apreensão e interpretação de uma forma linguística, figura tão significativamente na situação discursiva que um enunciado pode adquirir e manifestar vários sentidos e, em algumas situações, pode ser o único fator capaz de anular ambiguidades de expressões linguísticas. Essas observações são pertinentes para nossa análise, porque defendemos que o diminutivo, muitas vezes, é usado, de acordo com as circunstâncias discursivas, com sentido contrário à interpretação literal do termo, ou seja, em conformidade com o verbete registrado nos dicionários. Desse modo, o contexto, como demarcador e catalizador de sentidos, orienta os falantes para a compreensão e a interpretação dos elementos do discurso.



Figura 15 – Contexto

Sandmann (1997), na esteira da ADC, destaca que a função do sufixo diminutivo *-inho* é unicamente semântica ou semântica e discursiva. Termos como *escolinha*, *cursinho*, *amarelinha*, não trazem em si a significação de “pequenos”, são denominações que já se cristalizaram no léxico do português brasileiro. Nessas ocorrências linguísticas, o contexto histórico, no qual o léxico foi utilizado, filia-se pela memória enunciativa, a regiões do interdiscurso sustentadas por semelhança semântica, e sofre, por influência da ideologia, efeitos e significados outros, tecendo uma nova etapa de historicidade linguística. A repetição da palavra, mesmo que continue imutável no dicionário da língua, será afetada na memória do falante sob a influência da história. Conseqüentemente, a história atinge a língua não somente no aspecto morfológico, mas o faz em todos os aspectos, uma vez que, sob a historicidade da língua, o significado da palavra amplia-se, afeta as redes de memória, e, extensivamente, a formação e a aplicabilidade de palavras. Na medida em que os significantes forem ativados no interdiscurso, a história de constituição de sentidos, atualizada por novos fatos históricos e sociais, irá ativar-se e a palavra, quando enunciada, além de um sentido literal, que surgirá do contexto linguístico no qual ocorrer, portará consigo toda a virtualidade semântica que a compôs historicamente.

Para ilustrar o dinamismo da língua, o papel do social e do histórico nas formações de grau, assim como a aplicabilidade que o falante faz dessas formações, analisamos um fato social que implicou mudanças no léxico do português do Brasil. O vocábulo *mês* agregava, em sua rede associativa anteriormente constituída, derivações como *mensal*, *mensalidade*, em decorrência de fatos históricos e sociais, teve sua rede de memória desviada, reformulada e ampliada por intermédio dos termos “mensalão” e seu oposto “mensalinho”, os quais foram inseridos na rede de memória do falante nativo e passaram a funcionar em relação de paráfrase com o léxico já existente, evidenciando mudanças morfossintáticas para atender às exigências contextuais da língua, tendo como consequência linguística um novo léxico adicionado ao arquivo linguístico, à memória do falante. O processo de gradação (diminutivo e aumentativo), que antes não se aplicava à palavra derivada *mensal*, além de transformar o adjetivo (*mensal*) em substantivos (*mensalão* e *mensalinho*), esclarece a tese de que fatos históricos e sociais podem provocar atualizações no léxico, quando o falante recorre a estratégias linguísticas, entre

outras, mecanismos de substituições, paráfrases, retomadas, acréscimos, apagamentos etc., a fim de dar suporte à formação de palavras.

No relato, o aumentativo *mensalão* exprime uma ênfase que o grau normal do substantivo *mês*, semanticamente, não daria conta de expressar: a emoção do falante causada pela corrupção no ambiente político; por outro lado, o diminutivo *mensalinho* surge com intenção pejorativa, expressa pelo falante para evidenciar suas impressões frente às “pequenas” vantagens que funcionários públicos recebiam do governo. Nesta ocorrência, o falante aciona uma das funções do diminutivo, suavizar uma forte carga emocional, e cria o neologismo *mensalinho*.

Na perspectiva da ADC, o contexto sociolinguístico ressalta a função privilegiada dos articuladores do discurso na criação e na aplicabilidade de formações linguísticas, no caso, com os sufixos formativos *-inho* e *-zinho*, e, ao mesmo tempo, esclarece a influência das circunstâncias sociais, culturais e políticas nessas formações.

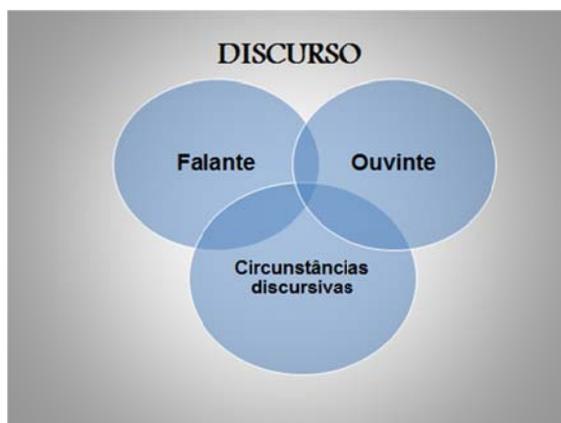


Figura 16 – Discurso



Figura 17 – Discursividade

6 ANÁLISE DE *CORPUS*: ASPECTOS ESTILÍSTICOS E DISCURSIVOS

6.1 Justificativa da escolha do *corpus*

Para proceder a uma amostra de análise, selecionamos frases, expressões e palavras com os constituintes formativos de grau *-inho* e *-zinho* em obras de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José de Alencar e Machado de Assis, tendo como o suporte teórico a Estilística e a ADC. Esclarecemos, oportunamente, que não temos a intenção de realizar uma análise literária, se essa feição, às vezes, se mostrar é tão somente pelo fato de intentarmos apreender os termos em suas possibilidades e em seus constituintes expressivos, condicionados às circunstâncias discursivas: tempo, espaço e intenção do falante, para melhor caracterizar as amostras linguísticas e compreender os sentidos e as significações sinalizados pelos sufixos derivacionais nas situações discursivas. Esclarecemos também que os fragmentos foram transcritos em conformidade com o texto original de cada uma das obras selecionadas, por conseguinte podem apresentar ortografia contrária à vigente e, por questões de estilística literária, registrarem expressões, frases ou orações que não condizem com a concordância ou a com regência nominal ou verbal, solicitadas pelas normas e regras puramente gramaticais.

6.2 Descrição da metodologia

Para trabalharmos com um *corpus* mais significativo, contemplando diversos contextos com ocorrência dos sufixos *-inho* e *-zinho* e suas flexões, recorreremos às seguintes estratégias: primeiro listamos os autores e as obras de nossa preferência, dando prioridade a livros tipografados; em seguida, pesquisamos, na internet, as obras que não obtivemos neste formato; posteriormente fizemos as leituras para confirmação de possíveis registros do grau diminutivo, método que nos permitiu angariar amostragem de inúmeras ocorrências numa coletânea literária composta de romances, contos e novelas.

Os autores e as obras compulsados nesta pesquisa são os apresentados a seguir: Graciliano Ramos: *Vidas Secas* e *Angústia*; Guimarães Rosa: *Ave, Palavra, Primeiras histórias, Corpo de Baile* e *A Hora e a vez de Augusto Matraga*; José de Alencar: *A Pata da Gazela, Senhora, Lucíola* e *A Viúvinha*; Machado de Assis –

Contos: *O caso da vara, Médico é remédio, Noite de Almirante e A inglesinha Barcelos*; Romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Esaú e Jacó*.

6.3 Análises dos termos retirados de obras de Guimarães Rosa

Primeiras estórias (2005)

6.3.1 Conto: A menina de lá (2005 p. 65-9)

Em toda a narrativa do conto em destaque, registramos o termo *Nhinhinha* com o sufixo diminutivo afetivamente acentuado, triplicado, reforçando a fragilidade e a sensibilidade da personagem: “pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha (Fragmento 1)”; no fragmento (doravante Frag.) 13, observamos a singularidade estilística e linguística do narrador no sintagma “caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes”, expressando o afetuoso cuidado que o narrador reserva à personagem: o caixão para esse “anjo” não seria tão desagradável, se fosse um *caixãozinho* com a singeleza da cor rosa e com o verde dos campos que ela tanto amava; “Mas veio vagarosa, abraçou a mãe e a beijou, quentinha. (Frag. 10)”, nestas expressões, o contexto linguístico-discursivo delineado por Guimarães Rosa, imprime, de forma abrangente, além das marcas gráficas, o sentido afetivo do diminutivo.

6.3.2 Conto: O Espelho (2005, p. 113-20).

Com uma descrição psicológica e intimista, Guimarães Rosa reflete sobre a existência humana, tendo como suporte físico um espelho. Num jogo de imagens e de “existires”, domina o texto utilizando um rosto revelador: “rostinho de menino, de menos-que-menino [...]”. Nos fragmentos 14,15 e 16, respectivamente, ameniza a descrição intimista com a expressividade dos diminutivos: *criancinha, luzinha, rostinho*, conforme os fragmentos abaixo:

Por começo a criancinha vê os objetos invertidos [...].

- Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?

- E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?

6.3.3 Conto: Partida do audaz navegante (2005, p. 153-60)

Esse conto é um alarido de diminutivos, nele, o narrador se insinua discretamente no universo infantil e reproduz o pensamento e a maneira peculiar de a criança ver e sentir o mundo; emprega o diminutivo como recurso expressivo para reforçar a identidade infantil e traduzir as intenções do falante:

[...] A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, cosicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia. (Frag. 18);

No recorte acima, Brejeirinha– nome próprio derivado do adjetivo brejeiro – sugere beleza despojada, associada à natureza, à liberdade desprentiosa da vida no campo. Na sequência sintagmática, o autor, estrategicamente, topicaliza o termo antecessor já no diminutivo, seguido de apostos explicativos, estruturado com sufixos menos usuais “*coisicas diminutas*”, criando um ambiente linguístico-estilístico de maior intensidade; os termos apositivos: carinha, perfilzinho e narizinho sustentam a carga semântica e tanto remetem ao tamanho diminuto das características físicas de Brejeirinha quanto à afetividade positiva – o carinho, o afeto – subjacente na estrutura semântico-discursiva.

Nesta hora, não. Brejeirinha se instituía um azougue de quieta, sentada no caixote de batatas. Toda cruzadinha, traçada as pernocas, ocupava-se com a caixa de fósforos. (Frag. 19)

Pele levantou a colher: – Você é uma analfabetinha “aldaz”. – Falsa a beatinha é tu! – Brejeirinha se malcriou. (Frag. 34)

Deitou-se-lhe ao pescoço. Mamãe amparava-lhe a cabecinha, como um esquilo pega uma noz. (Frag. 41)

A gentezinha separou-se. (Frag. 44)

Nos fragmentos acima destacados, observamos Guimarães Rosa brincar com os sufixos diminutivos, quando acata a flexibilidade das palavras paroxítonas– quanto ao uso desses formativos de grau – e caprichosamente usa o sufixo -*inho*(*Brejeirinha/cruzadinha/analfabetinha*), outras vezes recorre ao -*zinho*, (*gentezinha*) ou nos surpreende, colocando outros sufixos menos usuais: -*ica* (*coisicas*), -*oca* (*pernocas*), -*ote* (*caixote*). No fragmento 44, brinca novamente com as paroxítonas num verdadeiro esconde-esconde de sentidos: caso atendesse à recomendação formal quanto ao uso dos formadores de diminutivo, utilizaria o sufixo -*inho* para o substantivo *gente*, entretanto, poderia imprimir sentido pejorativo à

expressão, desse modo, recorre ao sufixo *-zinho* para atender às prerrogativas da afetividade positiva e dar realce ao contexto que remete a crianças.

6.3.4 Conto: Os cimos (2005, p. 201-9)

A expressividade é simbolizada neste conto nos sintagmas *bonequinho*, *macaquinho*, *à horinha*, *naviozinho*, *marrequinho*. Vejamos:

[...] concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho. (Frag. 45).

Havia o tucano – sem jaça – em voo e pouso e voo. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ...chégochégochégo, [...] que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo da plana como se fosse um marrequinho deslizando para frente, por sobre a luz de dourada água. (Frag. 46).

6.4 Ave, Palavra (2001)

Para Guimarães Rosa, o sentido e a emotividade são os elementos mais importantes numa narrativa. Esses elementos estilísticos são trabalhados como estratégias e recursos linguísticos os quais revelam o inesgotável da língua e o domínio que sobre ela é permitido ao falante exercer. Em *Ave, Palavra*, ele se torna um inventor de formas verbais e um criador de notas emotivas. A cada trecho, marca formas e dá sentidos que transparecem em expressões como: “O gaturamo é o antes, é seu reflexo sem espelhos, minúscula imensidão” (Frag. 48); “mímicas cabecinhas, a catitar-se, asas de vestir, revestir (Frag. 51)”; “um bocadinho de barro, a lama galhozinho mais doce, a mais terna (Frag, 52)”. Apreendemos essas formas e esses sentidos como uma gramática viva, cujas normas se formalizam na singularidade das expressões, constituindo as regras dos formativos de grau na fala de seus personagens.

6.4.1 Conto: Os Inhos Engenheiros

Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. [...] Sozinhos adeuses. (Frag.47);

O sabiazinho imperturbado. [...]. (Frag.48);

O tico-tico, no saltitanteio, a safar-se de surpresa em surpresa, tico-te-tico no levitar preciso. (Frag. 49);

Quê? Qual? Sei, num certo sonho, um deles já acudiu por o "apavoradinho", ave Maria! (Frag. 50);

Todo galhozinho é uma ponte. (Frag. 53);

O mundo é cheio do que se precisa, em migalhificências: felpas, filamentos, flóculos. (Frag. 56);

Sumiu-se a gentil trapeirinha em gandaia. (Frag. 58);

[...] Ela se faz a femeazinha, instantânea tanagrinha. (Frag. 59);

O tremer de galho que um mínimo corpo deixa. *E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros.*(Frag. 60, grifo nosso);

Guimarães Rosa estrutura e conduz as formas e os sentidos do grau diminutivo com singular expressividade neste conto. O jogo linguístico que realiza faz que as palavras sejam criadas no espaço da semântica, da estilística e da discursividade, o que impõe legitimidade linguística aos significados e aos recursos utilizados. Com traços linguísticos e estilísticos bem definidos, aponta-nos o contexto, o ambiente linguístico, as circunstâncias discursivas de suas criações nas quais nada acontece por acaso, mas com riqueza de detalhes e surpreendente criatividade: "O mundo é cheio do que se precisa, em migalhificências: felpas, filamentos, flóculos", nesse fragmento, Guimarães Rosa mescla linguisticamente migalha/magnificência e brinca com a sobriedade e o esplendor, corroborando a tese de Mussalim (2004, p. 62) "é o significado que na medida em que se distingue de outros significados dá legitimidade linguística ao significante".

A dinamicidade e fluidez da língua explicitada pela Estilística e pela ADC, e apreendida por Guimarães Rosa, possibilitam ao falante suspender o sentido vocabular por meio de construções morfossintáticas desafiadoras, as quais dão força e movimento à língua, estruturando-lhe formas concretas e perceptíveis nas instâncias comunicativas. As palavras em "Os Inhos Engenheiros" se traçam como imagem e som conjugados, condicionam os arranjos linguístico-discursivos e, muitas vezes, desestabilizam as funções formalistas dos elementos textuais e harmoniosamente realizam "desvios" para impor a percepção e o conhecimento de mundo do falante:

-Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. [...]. Sozinhos adeuses. (Frag. 47);

- Todo galhozinho é uma ponte. (Frag. 54);
- Sumiu-se a gentil trapeirinha em gandaia (Fragmento 58);
- [...] Ela se faz a femeazinha, instantânea tanagrinha. (Frag. 59);
- O tremer de galho que um mínimo corpo deixa. *E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros.* (Frag.60, grifo nosso).

Guimarães Rosa, com estilo primoroso, realiza “desvio” morfológico e emprega estilisticamente o lexema *territorinho*, em lugar de *territoriozinho*. Esclarecemos que a regra de emprego dos sufixos, referente a paroxítonas com ditongo, recomenda a formação com o sufixo *-zinho*, no caso, a derivação seria *territoriozinho*, e não *-territorinho*. É certo que nem sempre o falante tem conhecimento acadêmico das regras que norteiam esta ou aquela seleção linguística, escolhe-as de forma intuitiva e excluindo construções que não lhe são eufonicamente audíveis. Entretanto as regras existem, porém, como Guimarães Rosa nos demonstra e Mattoso Camara Jr. enfatiza, não são inflexíveis. Na orientação de Said (2001, p. 48), o sufixo *-inho* “não serve para as palavras terminadas em vogal nasal, em vogal pura tônica ou em ditongo”. Em face dessas ocorrências, é necessário substituir o *-inho* por *-zinho*. Recomendação que Guimarães Rosa não acatou no vocábulo “*territorinho*” (Frag. 47), contudo observa, em “*femeazinha*”(Frag. 59). Em algumas construções linguísticas, nosso contista não obedece regimento aos cânones da língua, causando, às vezes, uma estranheza linguística que paradoxalmente não empobrece seu texto, ao contrário, imprime-lhe especial riqueza e expressividade.

6.5 A Hora e a vez de Augusto Matraga (2011)

No fragmento 67, “Ir para longe, para o *sítiozinho* perdido no sertão mais longínquo”, registramos o uso do diminutivo com cumulação de sentido, esse processo consiste no fato de um único elemento mórfico conter mais de um valor, expressando mais de uma noção gramatical em um único morfema; no termo destacado acima, o sufixo *-zinho* detém, por cumulação, tanto a noção de afetividade quanto a de dimensão física do sítio.

Nas obras de Guimarães Rosa, podemos identificar diferentes estratégias de expressão de grau, sobretudo nas inovações linguísticas marcadas pela influência dos falares, as quais, aliadas à erudição do autor, levam-no a articular invenções e

intervenções semânticas e sintáticas para surpreender: “E assim mal madrugadinha escassa, partiram as duas (Frag. 65); “Um rapazinho miúdo, tão no desamparo” (Frag. 68); “E as sementinhas que hibernavam na poeira, esperando na poeira em misteriosas incubações” (Frag. 70); “Este companheirinho chegador para chegar na frente, e não dizer até logo!” (Frag. 74); “Você me ensinazinho a dançar, Chica?” (Frag. 155). Estas expressões, dentre tantas outras, com marcas de diminutivo são exemplos irrefutáveis da expressividade dos sufixos formativos do grau diminutivo - *inho* e - *zinho* impressa nos textos de Guimarães Rosa e, ao mesmo tempo, reforçam a posição de Bakhtin (1988, p.15): “O valor novo do signo, (da palavra) relativamente a um “tema” sempre novo, é a única realidade para o locutor-ouvinte. [...] O signo (a palavra) é por natureza vivo e móvel, plurivalente; [...]”.

6.6 Corpo de Baile (1960)

6.6.1 Novela: Miguilim-Campo Geral (p. 7-83)

Esta narrativa profundamente expressiva traduz a habilidade de Guimarães Rosa para recriar o mundo captado pela perspectiva de uma criança. A infância aparece com frequência nos textos roseanos, sempre ligada à magia de um mundo no qual a sensibilidade, a emoção e o poder das palavras compõem um universo estruturado com formas e sentidos que fogem a análises formais ou superficiais. Em Miguilim, a sensibilidade linguística se faz com momento e espaço privilegiados num mundo de expressões e criações, às vezes, alheias à rigidez das formas e à imposição das regras gramaticais.

[...] podia ter a cortesia de me agenciar para mim um dinheirozinhosinho pouco, por ajuda? (Frag.117);

Olha, o corguinho já está alargado, com suas águas amarelas.(Frag.122);

Estiadas as aguinhas brincavam nas árvores e no chão (Frag. 126);

Miguilinzinho, meu irmãozinho, fala comigo por que é que você está chorando, que é que você está sentindo dor? Drelina pegara uma das mãos dele, de junto carinhava Miguilim, na testa. (Frag. 150);

Um soluçozinho veio. (p. 83). (Frag. 207)

No fragmento 117 (*dinheirozinhosinho*), mais uma vez Guimarães Rosa recorre ao processo de triplicação de fonemas com marcas de diminutivo, agora

para atenuar uma situação social pouco cômoda, condicionando a marca de grau à vontade e ao estilo do falante. Nos fragmentos 122 e 126, observamos que os elementos mórfico-descritivos que formam os vocábulos *águas* e *aguinhas*, respectivamente, fundamentam os semântico-discursivos para apreensão de sentidos, tendo como suporte estilístico o contexto. Nesses fragmentos, à semelhança de Machado de Assis, no recorte 287 com os vocábulos *sapatos* e *sapatinhos*, Guimarães Rosa, ao escolher o item lexical *água*, não ultrapassa o sentido referencial, porém vai além desse sentido em *aguinhas*, acrescentando ao significado-base da palavra uma nuance de afetividade. Desse modo, estrategicamente, recorre a dois níveis semânticos: *água* com sentido representacional e *aguinhas* com o significado-base + valor expressivo de afetividade positiva.

Para Guimarães Rosa, o sentido e o uso dos diminutivos não se restringem a um ou outro termo na construção textual; ao contrário, eles se flexibilizam para abarcar todo o ambiente discursivo, dinamizando aspectos inesperados de significação e de intencionalidade, desestabilizam as habituais relações semânticas, a fim de projetá-las em novas perspectivas e possibilidades contextuais que não se prendem a expressões puramente formalizadas, pois, sob o domínio de Guimarães Rosa, o contexto amplia a singular expressividade dos sufixos diminutivos e dinamiza as instâncias discursivas, que se moldam conforme as necessidades do falante, como neste fragmento: “fosse em estória, numa estória contada, estoriuzinha assim ele inventando estivesse. (Frag. 169)”.

No recorte 150, há redundância de diminutivo e acúmulo de duas marcas em uma mesma palavra. O termo “Miguilim” com marca de diminutivo *-im*, é reforçado com *-zinho*, “Miguilinzinho”, e enfatizado pelo vocativo “meu irmãozinho”. Justificamos essa ocorrência pela propriedade de o diminutivo implicar outros significados além do de gradação dimensiva. Assim, tendo à sua disposição um amplo leque de significações, as quais o grau diminutivo pode adquirir e projetar o falante, ao se expressar, percebendo qualquer esvaziamento de sentido do termo, recorre à repetição – cumulação – do mecanismo de grau.

Em todos os fragmentos analisados, a dinâmica roseana se faz com diversos mecanismos linguísticos os quais evidenciam a multiformidade de discursos na

diversidade de formas e de sentidos. Para Guimarães Rosa, o significado expressivo sobrepõe-se ao significado referencial, por isso dá às expressões um sentido particular e aponta aspectos importantes na descrição linguística, tendo em vista que é no jogo significado x sentido que é possível identificar a variável linguística: as variantes mantêm o mesmo significado-base, embora se diferenciem no sentido e na significação. Essas constatações nos remetem a Martins (1986), ao fazer distinção entre significado e sentido, argumentando que o significado existe na palavra pertencente ao léxico da língua; o significado-base é uma parte necessária e importante da palavra, mas não é a única; o significado é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Contrariamente, o sentido é a soma de todos os aspectos de uma palavra, é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa. Guimarães Rosa demonstra ter pleno conhecimento dessas particularidades linguísticas. Para ele, o sentido depende de diversos aspectos: um deles está intimamente ligado à intenção do falante, em razão dessa dependência, pode variar em diferentes momentos da fala. Condensamos essas ideias sobre sentido e significado nesta observação de Martins (1986, p. 87):

A palavra é um signo sonoro, que contém um núcleo significativo, que se atualiza e se completa pelo seu aparecimento em um conjunto de linguagem concreta. As palavras exprimem a realidade, justamente porque podem moldar o significado conforme a situação.

6.7 Análise dos termos retirados de obras de Graciliano Ramos

6.7.1 Romance: *Vidas Secas* (2012)

A nota predominante do livro é o desencontro das pessoas. A terra é árida. O homem forma-se árido. Graciliano Ramos apreende este homem como profundamente marcado pela desesperança; são pessoas que, apesar de partilharem misérias, afeições e espaços comuns, vivem entregues ao seu próprio abandono, ao seu próprio destino. Não conseguem articular mais do que rudes palavras, pesadas exclamações, sibilantes insultos ou fortes interjeições num mesclar de sentimentos de tristeza e de miséria. Retratando essa realidade, nosso escritor constrói e desenvolve um discurso igualmente seco com frases curtas e incisivas. Baleia, a cachorrinha, é a personagem mais gente: pensa, sonha e age.

Graciliano Ramos a descreve com delicadeza e suavidade; por seu intermédio o narrador mostra a bondade e a amizade, o carinho e a esperteza que nela se concentram e dá especial ênfase à função de afetividade; com os termos *criaturinha* e *cabecinha*, faz contraste com *inverno* e *frio*; *pedra* e *aspereza* (Frag. 208, 209 e 210, respectivamente).

[...] Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha (Frag. 208);

[...] Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. (Frag. 209);

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. (Frag. 210);

O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia. (Frag. 211);

Quando deixaria que um soldadinho daqueles o humilhasse tanto? (Frag. 212);

[...] levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. (Frag. 214).

Em relação campo semântico (Frag. 210 e 214), apreendemos a subjetividade e expressividade do diminutivo nos termos: *pequeno* (menino), *baixinho*, *bracinhos moles*, *finos como cambitos* os quais ressaltam a fragilidade e a pequenez de vida dos personagens, assim como a miséria na qual são envolvidos. Por outro lado, o contexto sociolinguístico e a circunstância discursiva dos enunciados (Frag. 211 e 212) nos quais ressaltamos os termos: *magrinho*, *enfezadinho*, *soldadinho*, destacam-se como recurso linguístico, ao estabelecerem antonímia com a descrição de Baleia que, apesar de descrita com diminutivos os quais sugerem delicadeza e suavidade (*criaturinha*, *cabecinha*), subentendem resistência e esperteza; no tocante ao *Soldado Amarelo*, consideramos que a intenção do escritor tenha sido nitidamente de deboche, de desprezo, pois um soldadinho com essas características e qualidades não se impõe a ninguém.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram-se as suas desgraças e os seus pavores. (Frag. 215);

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois

velhinhos acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. (Frag.216).

Os fragmentos acima exemplificam o emprego do diminutivo com as peculiaridades ressaltadas por Cunha (2009) de atenuar realidade, acontecimento, ou sentimento desagradáveis; os sentimentos de pequenez e de insignificância que envolvem a família, as experiências de miséria e de abandono vivenciadas pelo casal são atenuados com os termos *Miudinhos e velhinhos*. Destacamos também nesses fragmentos o efeito semântico-discursivo que resulta da contraposição de pessoas fortes da grande cidade (Frag. 216) com dois velhinhos do campo, reforçando um dos pressupostos de nossa argumentação, segundo o qual o falante não tem acesso ao significado de uma sentença – unidade abstrata – senão dentro de um contexto linguístico e discursivo, quando a enunciação, com as prerrogativas da linguagem e as pretensões do falante, toma corpo como enunciado, e o comportamento sociolinguístico do falante condiciona a recepção da mensagem por seu interlocutor. Esses fatores remetem a uma das particularidades da linguagem destacada por Bréal (apud TAMBA-MECZ, 2006, p.24): “a linguagem não possui realidade fora da atividade humana”.

6.7.2 Romance: *Angústia* (1936)

Em *Angústia*, de forma concisa, crítica e irônica, Graciliano Ramos descreve estados de pessoas em constante questionamento com elas mesmas e com o mundo. Esse sentimento perpassa todo o texto, revelando o universo psicológico de Luís da Silva, protagonista dominado pelo pessimismo e negativismo. Nesta obra, Graciliano Ramos revela-se um prosador ímpar no exercício de mostrar o sofrimento com uso contido e exato de palavras, particularidade que não impede o registro de palavras com os sufixos formativos de diminutivo em sua narrativa, ao contrário, essa marca se explica pela peculiaridade que os formativos *-inho e -zinho* possuem de atenuar sentimentos, situações ou acontecimentos menos agradáveis.

Meteu esse trabalhinho num caixilho dourado e pregou-o na parede, por cima do bureau. (Frag. 217);

Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem. (Frag. 228);

Uma chuvinha renitente açoita as folhas da mangueira que ensombra o fundo do meu quintal, [...]. (Frag. 224);

Os chuviscos entravam pela sala, os móveis e a roupa da gente pareciam cobrir-se de pontinhas de alfinetes. (Frag. 225).

Nos fragmentos 208 e 228, a carga semântica impressa no vocábulo *criaturinha* demonstra a produtividade dos formativos de diminutivo: no fragmento 208, o formativo *-inha* expressa sentimentos de afeto, de compaixão; em contrapartida, no exemplar 228, há uma densidade de sentimentos negativos: menosprezo, asco, repugnância; no recorte 217, o papel do ambiente sociolinguístico possibilita uma antítese formada com a palavra *trabalhinho* com carga semântica negativa (menosprezo) e com a expressão *caixilho dourado* com carga semântica positiva (apreço); Nos fragmentos 224 e 225, a cadência e a tonalidade linguísticas que emergem dos termos *chuvinha*, *chuvisco* e *pontinhas* marcam a expressividade dos sufixos formadores de diminutivo e ressaltam o ambiente sociolinguístico.

6.8 Análise dos termos retirados das obras de Machado de Assis

Sob qualquer propósito que nos aventuremos a analisar uma obra machadiana, temos de atentar para as coisas que acontecem na história, reconhecer as estratégias e as sutilezas, nascidas da criatividade de Machado de Assis, temos de ficar atentos às falas, porque o narrador ou as personagens quando falam, conduzem as intenções de nosso escritor, às vezes, de forma oblíqua, mas objetiva.

6.8.1 Conto: *O caso da vara* (1998, p. 378-85)

Se interpretar um texto exige um trabalho de reconstrução de sentidos, de compreensão dos elementos textuais, abordar os textos machadianos solicita uma operação interativa que requer articulação de diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos, entre outros, entendimento do estilo do autor, domínio do léxico e percepção do texto, do contexto e do momento histórico no qual esse texto foi produzido.

Machado de Assis, em *O caso da Vara*, explora enfaticamente a função expressiva, o caráter discursivo do grau diminutivo e empresta aos formativos *-inho* e *-zinho* sua perspicácia linguística.

[...] uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos; (Frag. 230).

No fragmento acima, Lucrecia, uma das escravas de Sinhá Rita, é descrita e caracterizada pelo narrador em detalhes. No registro, o uso do sufixo é linguisticamente vinculado à gradação, e expressa não somente a pequenez de estatura da escrava, mas também a sua fragilidade e a sua tenra idade. Sob o projeto comunicativo delineado no conto, o uso do formativo de diminutivo e o processo de gradação funcionam como uma estratégia discursiva que visa a conquistar a simpatia e a cumplicidade do leitor e direcioná-las para Lucrecia, descrita, sobretudo, como pequena e frágil.

6.8.2 Conto: *Médico é remédio* (1998, p. 129-36)

O ambiente linguístico e extralinguístico deste conto nos dá suporte teórico para destacamos dois empregos do diminutivo com o formativo *-zinho*: um com sentido de afetividade positiva (afeto, carinho, cumplicidade), outro com afetividade negativa (desprezo, desafeto)

Considerou que Julieta não era bonita, nem rica; tinha uma certa graça e algumas prendas; mas os noivos não andavam a rodo, e a pobrezinha ia entrar em nova campanha. (Frag. 234);

–Que mulherzinha! Pensava José Augusto indo para casa. [...] Realmente quem é que deixa Julieta para escolher Malvina! A Malvina é uma massa de carne, sem feitió... (Frag. 235).

A Teoria do *Continuum* (BYBEE, 1985) evidencia uma das características do sufixo *-inho*: ser menos afetivo ou mais pejorativo. No fragmento 234, a afetividade dispensada a Julieta por José Augusto atenua o fato de a moça “não ser nem bonita, nem rica”. Em contrapartida, no fragmento 235, respaldados pelo contexto semântico e discursivo, inferimos o alto grau de pejoratividade indicado pela expressão “Que mulherzinha!”, ideia intensificada com os predicativos “uma massa de carne, sem feitió”. Com essas expressões, intuimos a sagacidade de Machado de Assis, ao contextualizar os nomes *Julieta* e *Malvina*, imprimindo-lhes carga semântica e ênfase estilística que induzem à inferência de opostos.

Machado de Assis coloca a situação discursiva e a intenção do falante como o *frame*, como a moldura das expressões com formativos de diminutivo, criando uma

estratégia específica para apreender o significado das palavras, imprimir sentido aos sintagmas e conduzir todos os elementos linguísticos do texto de tal maneira que, para compreender qualquer um deles, é imprescindível entender a estrutura na qual eles se encaixam. Desse modo, quando um dos elementos da estrutura é colocado no texto, todos os outros ficam linguisticamente disponíveis.

Machado de Assis nos aproxima da compreensão e da descrição do significado dos itens lexicais, das formas gramaticais e das construções discursivas que elabora, deixando implícito que, para compreendermos o sentido das palavras de uma língua, precisamos primeiramente ter conhecimento da historicidade dessas palavras e do momento histórico e social no qual elas foram empregadas. Cada um dos fragmentos destacados das obras machadianas é uma motivação para buscarmos o sentido e o significado das palavras e o seu uso no discurso com os aspectos sintáticos, semânticos e discursivos que podem portar. Ilustramos esses aspectos com os recortes abaixo destacados.

6.8.3 Conto: *Noite de Almirante* (1998, p. 174-176)

Que noite de almirante você vai passar! ceia, viola, e os braços de Geneveva. Colozinho de Geneveva... (Frag. 236);

A casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco [...] (Frag. 239);

Geneveva que era um pedacinho de gente [...] (Frag. 240).

6.8.4 Conto: *A inglesinha Barcelos* (1998, p. 241-243)

Eram trintonas. Cândida era casada. Joaninha solteirona. (Frag.242);

Adeus, inglesinha Barcelos – disse Candinha ao despedir-se dela. (Frag. 243);

Esqueceu a mala em que estava um retratinho dela.(Frag. 244).

6.8.5 Romance: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2012)

Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira [...] (Frag.250);

[...] a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante (Frag. 251);

[...] e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, (Cap.36). (Frag. 253);

[...] mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ternos, de criancices,[...] (Frag.260);

[...] eu abençoava interiormente essa tragédia, que me tirara uma pedrinha do sapato. (Frag. 264).

6.8.6 Romance: *Dom Casmurro* (2009)

No fragmento 287, “Uns sapatos [...] uns sapatinhos rasos de fitas pretas”, com a seleção do item lexical sapatinhos, detectamos reflexos de atitude do falante, haja vista que, no mesmo contexto, o item lexical aparece no grau normal sapatos sem característica afetiva, ao mesmo tempo em que o falante faz uso da palavra com o sufixo *-inho*, acrescentando ao seu significado-base um matiz afetivo, com o objetivo de evidenciar sentimentos e solicitar a atenção do ouvinte para o objeto em foco. Com essa estratégia, Machado de Assis, atento aos traços significativos das palavras, expõe a expressividade do grau diminutivo em três níveis de linguagem: o lexical, o semântico e o discursivo, empregando o termo sapato com sentido representacional e sapatinhos com o significado-base + valor expressivo. Consequentemente, esses registros atestam uma das peculiaridades do grau diminutivo: ser catalisador de sentidos.

Machado de Assis põe em destaque a organização social da variação linguística aliada aos efeitos de sentido que possam ser por ela veiculados. Nessa variação, importa *quem diz, o que diz e quando diz*, e, desse modo, com estilo peculiar, vai tecendo cuidadosamente a estrutura textual: a fala e as formas de fala do enunciador, a disponibilidade de ouvir e de compreender do falante, como observamos nos fragmentos:

Prima Glória! Prima Glória! José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...” (Frag. 268);

É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. (Frag. 269);

Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto às bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. Nos lances graves, gravíssimo. (Frag. 270);

Em todos esses sonhos andávamos unidinhos. (Frag.274);

[...] alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. (Frag. 276);

Capitu teve um risinho descorado e incrédulo, [...] (Frag. 282);

[...], e nesse caso, meu amiguinho, o melhor remédio é a Europa. (Frag. 283);

[...] se tem algum trapinho que me deixe em lembrança, um caderno latino, qualquer coisa, um botão de colete, coisa que já lhe não preste para nada. (Frag. 284).

A formação discursiva machadiana determina aquilo que pode e deve ser dito, cuidando não somente da natureza das palavras empregadas, mas também das construções linguísticas nas quais essas palavras se combinam. Manipulando grande variedade de recursos linguísticos, muda o sentido das palavras, passando de uma formação discursiva a outra, e nos leva à concepção de texto “como uma unidade interativa de comunicação funcional, construída na interlocução” (VIEIRA e BRANDÃO, 2011):

[...] um vintém sujo e triste ao pé da nota tão novinha que parecia sair do prelo (Frag. 300);

Parecem dois pombinhos! (Frag. 319);

Em vez de se deitar quietinha e dormir com os anjos, (Frag. 320);

É muito docilzinha, conversa, toca e desenha que faz gosto. (Frag. 328);

— Não escreva palavrinhas doces, recomendou ele ao secretário. (Frag. 329).

6.8.7 Romance: *Esaú e Jacó* (2012)

Um repertório variado consiste nas possibilidades oferecidas pela língua como recurso expressivo para o falante efetuar escolhas que resultam em estilo. O estilo machadiano é marcante, sinaliza que trabalhar uma estrutura linguística não é sinônimo de sustentar homogeneidade, mas é buscar a versatilidade, a heterogeneidade da língua. Machado de Assis transforma a linguagem em poderoso instrumento de manipulação linguística e, conseqüentemente, de implantação de ideologias, arranjando o histórico e o ideológico. Em sua dinâmica de persuasão, trabalha com os formativos de grau como se quisesse levar o leitor ao nível máximo de emoção, entretanto mantém certo distanciamento, reservando-se uma falsa

neutralidade, impondo ao texto a dinâmica do significado: o significado representacional, que constitui o significado primeiro da variável linguística captada no vernáculo, o significado-base, o qual garante a regra variável, e o significado base + expressivo subjacente na produção linguística do falante machadiano. Os aspectos são ilustrados com os recortes abaixo:

Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé.(Frag. 298);

[...] e mostrava no calcanhar da meia um buraquinho de saudade. (Frag. 306);

[...] ele até me escreveu isto em latim, concluiu tirando e lendo o papelinho: Teste David cum Sibylla. (Frag. 307);

Os próprios cavalos eram iguaizinhos, quase gêmeos. (Frag. 314);

Podia ser uma pontinha de malignidade, mas não era.(Frag. 315);

É muito docilzinha, conversa, toca e desenha que faz gosto.(Frag. 328);

[...] modestamente vestida, sem brincos, nunca lhe vira brincos às orelhas, duas perolazinhas que fossem.(Frag. 332);

Não esquecer a figurinha da cabocla. (Frag. 333);

A caboclinha era esta mesma criatura leve e breve, com os cabelos atados no alto da cabeça, olhando, falando, dançando... (Frag. 334).

6.9 Análises dos termos retirados de obras José de Alencar

6.9.1 Romance: *A Pata da Gazela* (2006)

Romance totalmente ambientado na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, a narrativa curta e fluente mostra os hábitos da burguesia daquele período. José de Alencar (doravante Alencar) inicia este romance, valendo-se de um estratagema: a perda de uma botina feminina em torno da qual organiza todo o enredo, mantendo a atenção do leitor presa ao mistério: quem seria a verdadeira dona da delicada botina?

[...] o peito, a ponta, a sombra ao menos do pezinho mimoso, do ídolo de sua alma (Frag. 337);

Um primor de pelica e seda, a concha mimosa de uma pérola, a faceira irmã do lindo chapim de ouro da borralheira. (Frag.338);

Ah! minha sonsa, não queria confessar o que tinha aqui dentro deste coraçãozinho! E eu que pensava que ele só queria bem a mim? (p. 43) (Frag. 341).

A língua está a serviço do falante para expressar suas impressões sobre as pessoas e o sobre mundo. Para alcançar este objetivo linguístico, Alencar recorre a algumas estratégias: comparações, metáforas, paradoxos, antíteses, e utiliza, à exaustão, os recursos que a língua disponibiliza para o falante, haja vista a riqueza de detalhes com que descreve a botina: “Um primor de pelica e seda, a concha mimosa de uma pérola, a faceira irmã do lindo chapim de ouro da borrarheira; em uma palavra a botina desabrochada em flor” (2006, p. 11).

O vocábulo “chapim” tem carga semântica de grau diminutivo, à semelhança das formas *espadim*, *mearim*. Sob o ponto de vista formal, os sufixos com *-n* ou *-inh* *-inho* (<*-inus*) são formativos de diminutivo. No dicionário Houaiss (2001), no verbete *chapim*, encontramos, dentre outras definições: “*chapim* s.m. Antigo calçado de sola alta para mulheres; Coturno usado na representação das tragédias; Sapato fino”. Ainda recorrendo ao Houaiss, destacamos o elemento composicional de etimologia tupi “*mirim*” /pequeno, às vezes, reduzido a *im* e *i*: *paumirim*, *potimirim*, *cumirim*, *jabutim*; *mirim*: adjetivo de dois gêneros. 1- de tamanho reduzido, pequeno. Nesse percurso linguístico, assinalamos a ocorrência do formativo de diminutivo “im” em “Miguilim” e “menorzim” com carga semântica fundamentada em resquícios linguísticos marcados em contexto informal, geralmente no Nordeste. No campo semântico, todos esses referentes remetem a objetos ou pessoas de pequena dimensão ou afetivamente caracterizadas, também evidenciados nos trechos abaixo:

6.9.2 Romance: *Senhora* (2001)

O velhinho saltou da cadeira como um balão elástico. (Frag. 349);

[...] tanto que toda esta manhã estiveram aqui em segredinhos [...] (Frag. 351);

-Lemos fitou os olhinhos de azougue no semblante de Seixas [...] (Frag. 352);

Soltando a sua implicante risadinha [...] (Frag. 356);

- é tempo de saber que sou eu o feliz tutor deste amorzinho; (Frag. 359).

6.9.3 Romance: *Lucíola* (2012)

Nesta obra alencarina, a temática condiciona o uso dos sufixos formadores de grau diminutivo, já na primeira forma linguística: nome próprio personativo, título do livro – *Lucíola* – é diminutivo derivado de *Lúcia*. Dependendo do ambiente sociolinguístico, Alencar registra o termo ***Lucíola*** no diminutivo com carga semântica pejorativa (*Lucíola* – a prostituta repugnante e vulgar) ou *Lúcia*, no grau normal, mas ideologicamente dimensivo (*Lúcia* – a mulher amada, meiga e pura). Embora não assente marca formal do diminutivo, o conteúdo linguístico e o arranjo de sentidos revelam a intenção do falante de atenuar sentimentos ou acontecimentos ou simplesmente de expressar uma gradação sem, no entanto, dimensionar formalmente o termo, como nestes fragmentos: “Que linda menina! – exclamei para meu companheiro que também admirava. – Como deve ser pura a alma que mora naquele rosto mimoso” (p. 21), “brincou, saltou, dançou e por fim acabou tornando-me criança como ela” (p. 60). A construção textual e a argumentação criam imagens no imaginário do leitor, as quais funcionam como pistas de interpretação de sentidos, pois o formativo de grau por si só não dá conta da multiplicidade de significações requerida pelo diminutivo. Assim sendo, o ambiente sociolinguístico supre essa carência e condiciona a abrangência das significações.

6.9.4 Romance: *A Viúvinha* (1992)

[...] uma casinha de quatro janelas e um pequeno jardim na frente.
(Frag. 375).

Daí a pouco o sino da igreja da Glória começou a repicar alegremente [...] Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja. (Frag. 377);

– Ora! quem não conhece a Viúvinha no Rio de Janeiro. (Frag. 381).

O falante, no ato enunciativo, recorre a estratégias discursivas para construir sua mensagem, a fim de estabelecer elos comunicativos com seu interlocutor, que necessita penetrar nas entrelinhas do texto, perceber as intenções do falante e desvelar a ideologia, sua intenção. Com esse objetivo, Alencar “joga com as palavras e os com sentidos”, utilizando diferentes recursos linguísticos, dentre os quais destacamos o processo de formação de palavras intermediado pelos sufixos -*inho* e -*zinho*:

[...] mas vieram os meus francesinhos e inventaram o tal Alacar que é uma casa de fazer doidos. (Frag. 355);

– Quanto à minha musa... ficou anjinho [...] (Frag. 359);

–é tempo de saber que sou eu o feliz tutor deste amorzinho; (Frag. 360);

[...] que a pequena se deixasse iludir pelas lábias de um desses bigodinhos [...] (Frag. 361);

Não sei se aí ainda existe um velho casebre, escondido no mato. (p. 113);

[...] quando o vimos parado defronte de uma pequena casa [...]. (Frag. 373);

[...] uma casinha de quatro janelas com pequeno jardim na frente. (Frag. 375);

Daí a pouco o sino da igreja da Glória começou a repicar alegremente [...] Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja. (Frag. 377).

Alencar faz o jogo com a formação do grau diminutivo, ora recorrendo aos sufixos formadores de grau sintético, ora aos adjetivos para formar o grau analítico. Ocorrências que registramos com os fragmentos acima. Com estilo peculiar, compõe e decompõe sentidos e significados, recorre às formações de grau e, ao mesmo tempo, cuidando da fonética e da semântica, entrelaça esses fundamentos semânticos com as expressões: *casa, casinha, casebre, pequena casa; jardim, pequeno jardim; igreja, igrejazinha*. Desse modo, em sua construção textual, atende as questões gramaticais com um estilo primoroso e com uma densidade discursiva que despertam e prendem a curiosidade do leitor.

Tendo como suporte linguístico os fragmentos das obras selecionadas e orientados por Garcez (1998), podemos afirmar que:

a língua dispõe de múltiplos recursos expressivos e só na associação entre os diversos fatores sociais: situação, contexto, relação entre interlocutores, leis conversacionais e sistemas de referência, pode-se chegar à compreensão e determinação de um dado texto, seja oral ou escrito.

As obras analisadas reforçam a função dos contextos linguístico e extralinguístico na formação de palavras, especialmente com o recurso dos

formativos de grau diminutivo *-inho* e *-zinho*, e revelam o caráter discursivo-ideológico da língua, visto que o sentido e o significado das palavras se exprimem mais nas instâncias discursivas que propriamente no significado-base, muito embora essa peculiaridade dos formativos em análise não anule a significação primeira que subjaz no percurso linguístico e na historicidade da palavra.

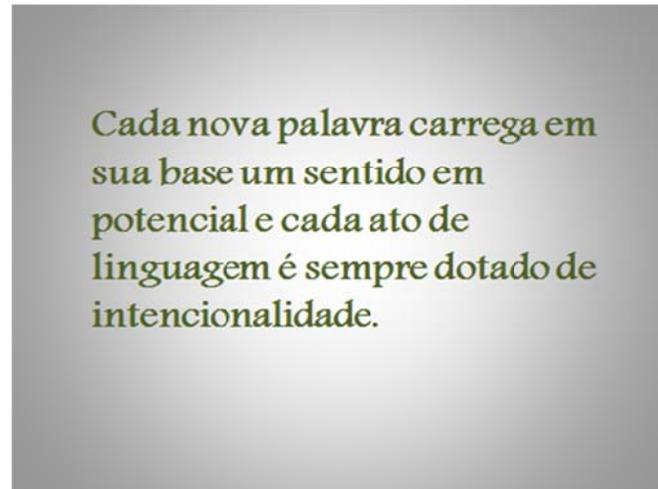


Figura 18 – Nova palavra

7 GRAU DIMINUTIVO: ANÁLISE DE CORPUS – ASPECTOS GRAMATICAIS

7.1 Análise dos resultados: aspectos formais

Um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (JAKOBSON, 1992, p. 162).

Os dados analisados indicam que a seleção dos sufixos formativos de grau diminutivo *-inho* e *-zinho* e suas flexões é determinada principalmente pela ambientação fonética aliada à intenção do falante e à expressividade; observamos que, entre outros fatores, a cadência do vocábulo e sua tonicidade são aspectos de relevância nas escolhas do falante. Em relação ao sufixo *-zinho*, há uma tendência de empregá-lo quando: as palavras contêm ditongo nasal: *balcãozinho*, *caixãozinho*, *coraçãozinho*, *criaçãozinha*, *mãezinha*. Ocorrências as quais seguem a orientação de Said (2001, p. 48): o sufixo *-inho* “não serve para as palavras terminadas em vogal nasal”;

1. as palavras, salvo raras exceções, apresentam outras classificações de ditongos: *alegriazinha*, *bozinho*, *cemiteriozinho*, *chapeuzinho*. O par de ditongos *primeirinha* e *primeirozinho* fundamenta a escolha e o estilo do falante, dado que, pela norma geral assente, a formação seria marcada com *-zinho*;
2. as palavras se classificam como monossílabas tônicas ou oxítonas: *pezinho*, *Tomezinho*, *sabiazinho*, *Sinhazinha*, *manhãzinha*; norma já registrada por de Maximino Maciel (*Grammatica Descriptiva*, 1823, p. 166, *apud* BISOL, 2009), ao registrar que o diminutivo também é designado com *-inho*, o qual pode apresentar-se com o afixo *-z*, e acrescenta que esse afixo é obrigatório em nomes terminados por “duas vogais, por sons nasais e em oxítonas: *labiozinho*, *cãozinho*, *sabiãzinha*(transcrição literal);mas facultativo nos demais casos”;
3. o referencial são palavras proparoxítonas, registramos o diminutivo em *-zinho(a)*: *arvorezinha*, *maquinazinha*, *príncipezinho*, *rotulazinha*;

4. o hiato deve ser evitado. Jerônimo Soares Barbosa, na *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*, (1823, apud BISOL, 2009), menciona o diminutivo com os formativos *-inho* e *-zinho*, considerando-os como uma única forma. O aparecimento de *-z* é tido como um recurso para evitar o hiato. Observação que não foi atendida por Guimarães Rosa no vocábulo “Cheiinhas” (A menina de lá, 2005, p. 65-9);
5. as palavras apresentam hiatos não finais, tendem à grafia com *-inho*: beatinha, criaturinha, joaninha, miudinhos, viajadinho; quanto às que apresentam hiatos finais, são grafadas com *-zinho* (a) raizinhas, femeazinha, bauzinho;
6. as paroxítonas são terminadas em consoantes, principalmente em [l] e [r]: azulzinho, iguaizinhos, animalzinho, perfilzinho, solzinho, colarzinho, fulgorzinho, lugarzinho, mulherzinha. Por questão de estilo, observado o ambiente sociolinguístico, salientamos essas exceções: florinhas, papelinho, colherinha, devagarinho.

Chamamos a atenção sobre as marcas de plural (*-s*) e de diminutivo (*-zinho*) na palavra “igual” “e a Tapira e a Veluda pariram – cada uma – uma bezerrinha, igualzinhas das cores delas duas” (GUIMARÃES ROSA, 1960, p. 53); “Os próprios cavalos eram iguaizinhos, quase gêmeos” (MACHADO DE ASSIS, 2012, p. 88). Guimarães Rosa comete um “desvio” gramatical; por outro lado, Machado de Assis segue criteriosamente a regra de plural referente às palavras finalizadas com a consoante “l” e precedidas dos sufixos diminutivos *-inho* ou *-zinho* (TERRA, 2002, p. 88). Destacamos também a palavra “papelinho” sob a qual Guimarães Rosa não ministra as normas gramaticais, isso não quer dizer que seja mal formada, entretanto “papelzinho” é forma normatizada.

Em conformidade com os registros e com as análises realizadas, delimitamos regras que norteiam a seleção dos sufixos *-inho* e *-zinho*, resta-nos identificar qual desses dois sufixos é a forma básica e qual deles é a alomórfica. Segundo Kehdi (1996, p. 21), “a existência de diferentes alomorfes para um mesmo morfema remete-nos ao problema da escolha de um deles para representar o conjunto. O alomorfe selecionado (mais frequente) recebe a designação de forma básica”,

entretanto, fundamentados nos registros, concluímos que não é fácil, tampouco simples, caracterizar ou estabelecer essa forma básica, independentemente de registrarmos uma delas como a mais recorrente. Para o autor referenciado, a escolha deve ser fundamentada por alguns critérios, entre os quais, destaca o estatístico: “dentre as variantes existentes, é escolhida como forma básica a mais frequente”(KEHDI, 1996, p. 21).

7.2 Estatística

Seguindo as orientações de Kehdi e em consonância com os elementos coletados, a forma-base do diminutivo no português do Brasil é o sufixo *-inho*, e o sufixo *-zinho* emerge como alomorfe, pois, entre todas as ocorrências analisadas, registramos 73,75% de palavras com emprego do sufixo *-inho*, em oposição a 26,25% com emprego do sufixo *-zinho*. Contudo, não podemos afirmar que se encontrem sempre em distribuição complementar, porque, em alguns contextos, é possível o emprego desses dois formativos numa única palavra-base: *analfabetinha/analfabetazinha*, *gentinha/gentezinha*, *territorinho/territoriozinho*, *papelinho/papelzinho* etc. No *corpus*, registramos um percentual de 43% de palavras que aceitam ora um, ora outro sufixo.

8 DISCUSSÃO

A retrospectiva histórico-linguística nos permite intuir os fundamentos da riqueza de expressões, da flexibilidade do discurso e da gama de possibilidades e manobras linguísticas à disposição do falante do português do Brasil. As influências linguísticas sofridas pela *flor do Lácio* constituem fatores que explicam as suas constantes transformações. Essas influências e transformações geradas pelo encontro com novas línguas que, para Camões, eram motivo de estranheza, quanto à terminologia, e de insegurança, quanto à pureza da língua, revestem-se hoje de grande riqueza para a nossa língua. Em todos os lugares nos quais é falada e cantada em prosa e verso, sob a escrita ou sob a fala, são essas influências e essas transformações que imprimem em todos os seus domínios linguístico-discursivos o aspecto paradoxal de uma unidade que se revela na variação linguística e na aguda sensibilidade ao novo e ao próprio.

A linguística, nos últimos anos, tende a ampliar sua visão de análise e romper o dogma reducionista de dedicar-se à mera descrição dos fenômenos da linguagem, e volta-se para diversas relações estabelecidas pelo falante no fazer linguístico, facilitando o conhecimento da língua e de todos os elementos históricos e sociais que se inter cruzam em sua estruturação. Nessa dinâmica, teorias como Análise do Discurso Crítica desenvolvem-se com o propósito de inserir a língua no universo humano e de integrar e fazer convergir para ela os elementos históricos, sociais e culturais que a envolvem, uma vez que envolvem o homem.

O grau diminutivo estruturado com os sufixos *-inho* e *-zinho* porta sentido de gradação propriamente dimensivo, mas ultrapassa os limites morfossintáticos e alcança sentidos expressivo-estilísticos que transportam para o ato discursivo aspectos que revelam atitudes do falante alicerçadas nas instâncias discursivas. Independentemente da tradicional referência da noção de grau a uma categoria morfológica, o falante não deixa de recorrer a diversos mecanismos disponíveis no sistema linguístico para expressar valores gradativos e, intuitivamente, reconhece esses recursos, expressando a gradação em diferentes níveis linguísticos, por meio de: morfemas, itens lexicais de base gramatical, figura de linguagem, repetições de enunciados, dentre outros mecanismos.

Essas constatações fortalecem nosso entendimento, ancorado em Bybee (1985), de que não existem fenômenos nitidamente categorizados como flexionais ou derivacionais. Entre esses mecanismos, ocorre um *continuum*, por isso flexão e derivação constituem processo único, do tipo gradiente ou escalar; não são conceitos radicalmente opostos, constituem extremos numa escala de *continuum*, integram uma posição gradual. Conseqüentemente, devemos entender essas categorias, como mais flexionais e mais derivacionais, numa visão escalar, instrumentalizada por um *continuum*. Nesse viés, definimos o grau como um recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase, por consequência, a gradação é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes, por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva do falante que, ao intensificar ou dimensionar, orienta o ouvinte para juízos de valor a respeito de algo ou de alguém.

Gonçalves (2011), ao analisar algumas teses, na tentativa de elucidar pontos convergentes e divergentes da questão do estatuto de grau: flexão e derivação, embora não apresente respostas categóricas, acrescenta alguns elementos de expressiva importância teórica ao conjunto das ideias gramaticais recentes e formula argumentos suficientemente técnicos que dão suporte para o aprofundamento de questões relativas a esta categoria e apresentam subsídios para uma descrição mais coerente dos processos flexional e derivacional. Analisando os critérios descritos por Gonçalves (2011) e a visão de *continuum* de Bybee (1985), deduzimos que o grau diminutivo posiciona-se em diferentes pontos num *continuum* e apresenta características tanto derivacionais quanto flexionais, dependendo do modelo teórico sob o qual é visto.

Considerando esses requisitos linguísticos, ressaltamos a posição de Vieira e Viera (2008), que reconhecem uma função basicamente afetiva da comunicação alicerçada em trocas de sentimentos que afetam os sujeitos envolvidos na situação comunicativa; função que indica os rumos do discurso, pois, o mais das vezes, é nos implícitos da fala e nas intenções do falante que se encontra o sentido de um enunciado. Posição também fundamentada pelos teóricos da Estilística e da ADC.

No processo comunicativo, a compreensão e a aceitação do ouvinte dependem do conhecimento partilhado de mundo, da percepção das circunstâncias

do evento da fala – tempo, espaço, situação discursiva – em que se dá a enunciação. Entendemos conhecimento compartilhado como o conjunto de proposições que são aceitas tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, elemento contextual que embasa o uso de pressupostos e o entendimento de implícitos, o pano de fundo da conversação. Numa conversação, os interlocutores devem dominar um repertório de informações, sem as quais as novas não podem ser compreendidas. A pressuposição semântica – entrada de novos termos – faz parte do repertório de conhecimentos prévios dos interlocutores, os quais abrangem o conhecimento de mundo, mas também podem abranger outros menos partilhados.

Na produção de texto (falado ou escrito), os recursos estilísticos se encontram a serviço dos produtores do discurso e delineiam um confronto entre a norma padrão e a expressividade; nesse confronto, podem ser realizados desvios da norma linguística, entre os quais, destacamos formações e expressões linguísticas de Guimarães Rosa: “Então, mas por que é que os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres [...] (Frag. 143); Você me ensinzinho a dançar, Chica? (Frag. 155); A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mó de os bichos que estragam. (Frag. 159) [...] fosse em estória, numa estória contada, estoriuzinha assim ele inventando estivesse. (Frag. 169)”. A análise desses termos indica que o estilo depende não só de um olhar linguístico, refletido nas escolhas do falante, mas também dos arranjos dessas escolhas, condicionados às circunstâncias de fala e às situações de interação social.



Figura 19 – Qual a conclusão



Figura 20 – Grau: Flexão/derivação

CONCLUSÃO

As gramáticas, que serviram de instrumento de pesquisa, quer sejam as normativas, quer as descritivas, quer as didáticas, ainda não fizeram uma distinção clara entre a flexão e a derivação com as características específicas de cada um desses processos. Geralmente, trabalham essas categorias morfológicas, relacionando-as à estrutura de palavras e estabelecendo distinção entre desinência, como elemento indicador de flexão, e afixo (prefixo e sufixo), como elemento de derivação. Em consequência, entram em conflito conceitual e prático ao nomearem o grau como um processo de flexão do substantivo e do adjetivo. Essa posição limita explicações acerca dos fatores que motivam a escolha do falante pelo sufixo *-inho* ou pelo sufixo *-zinho*, quando recorre ao processo de gradação na sua forma diminutiva, portanto a explicação das gramáticas tradicionais e de alguns autores citados, em relação ao uso desses sufixos, carece de aprofundamento, senão de uma descrição mais detalhada.

Um dos aspectos mais importante para distinguirmos a flexão e a derivação é a especificidade de esta ser um processo de formação de novas palavras e aquela um processo fechado de modalidades de uma mesma palavra: quando acrescentamos a uma palavra um sufixo derivacional (afixo) formamos uma nova palavra, por exemplo, casa - casinha, entretanto, quando acrescentamos um sufixo flexional (desinência) a uma palavra, ocorre uma nova modalidade: casa – casas, neste exemplo, temos diferentes formas destas palavras, não novas palavras com novos significados, como verificamos na derivação. Com essas distinções, reforçamos a tese de que os morfemas derivacionais, não obedecem a uma sistematização obrigatória; por sua vez, os flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. No processo de derivação, os morfemas não constituem um quadro regular, coerente, preciso e obrigatório; a derivação é mais uma solicitação semântica; no flexional, há uma variação de caráter morfossintático: um impositivo da própria natureza da frase; o processo flexional tem sido definido como morfológico e regular, com larga escala de aplicabilidade sem que possibilite qualquer mudança na categorização lexical das bases, em contrapartida o derivacional é considerado como irregular, com

característica marcante de mudar classes, e apresenta grandes restrições de aplicabilidade.

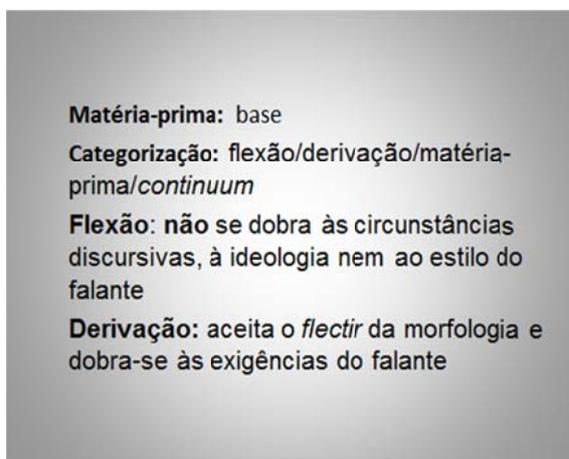


Figura 21 – Análise



Figura 22 – Grau: categoria semântica

Essas diferenças são relativas, visto que à flexão também podem estar associadas arbitrariedades formais e restrições de aplicabilidade, aspectos particularmente atribuídos à derivação, tanto que a ocorrência do processo derivacional não exclui, necessariamente, as marcas flexionais (desinências) de gênero ou de número, sugerindo que as categorias flexionais e derivacionais não são alheias umas às outras. Tampouco essas ocorrências morfológicas constituem empecilhos para realização do processo derivacional, aspectos que legitimam a concomitância morfológica nesses processos, conforme registramos na análise de *corpus*: *caixõezinhos*, *iguaizinhos*, *sapatinhos* etc.

Essas constatações delineiam nossa proposta, numa dimensão semântico-discursiva, de conciliação entre essas categorias no que concerne ao grau diminutivo, isto porque a não excludência de marcas flexionais, pontos sensíveis para o estatuto da flexão, em palavras derivadas pelos sufixos de grau *-inho* e *-zinho*, dá-nos o necessário suporte linguístico-discursivo para essa proposta, que é também delineada pelo falante ao submeter a palavra derivada por esses formativos de grau a um caráter discursivo-ideológico, ultrapassando os aspectos simplesmente morfossintáticos e sinalizando que processos e regras flexionais e derivacionais não

se anulam, nem se confundem, antes se interseccionam e se complementam. Essas constatações sustentam a tese de não dissociação, de não conflito entre esses processos, características que ajudam a atenuar fronteiras entre eles, promovendo a compreensão e a descrição de palavras no grau diminutivo com o componente flexional e o derivacional, e levando em conta os aspectos e as significações que portam e transportam, quer na estrutura morfológica, quer na estrutura semântica, ou na interdependência que se estabelece entre a palavra e os contextos social e ideológico nos quais ela se concretiza.

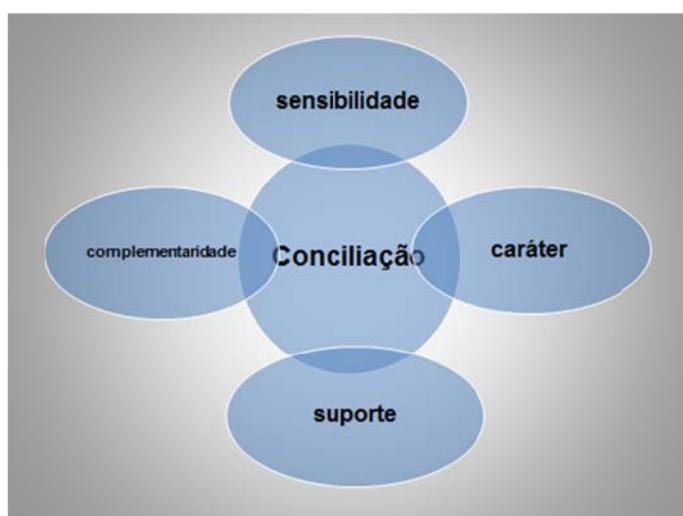


Figura 23 – Outro olhar: conciliação

A despeito de constituírem formas alternativas da variável diminutiva, os sufixos formativos de grau *-inho* e *-zinho* não se encontram sempre em distribuição complementar na língua, uma vez que, em alguns contextos, verificamos o emprego tanto de uma, quanto da outra forma num mesmo vocábulo. Em alguns casos, a seleção da forma é determinada por fatores semânticos, estilísticos, ou discursivos, configurando uma tendência à seleção do sufixo *-zinho* para expressar valor dimensional; por sua vez, o sufixo *-inho* se presta mais à expressão de afetividade. Em outras ocorrências, contudo, a seleção parece ser mais aleatória, não traduzindo diferenças semânticas, estilísticas ou discursivas muito sensíveis. A alternância de uso se dá especialmente com as palavras paroxítonas cujas regras de seleção parecem ser as mais instáveis em nossa língua e, numericamente, são as mais

representativas, considerando o léxico do português do Brasil. A opção por um ou outro sufixo é negociada na fala de acordo com a necessidade do falante, quando pretende dar à sua construção um tom afetivo, pejorativo, apreciativo, ou de tamanho, portanto somente pelo contexto. De acordo com a real intenção do falante, apreenderemos o significado dos sufixos diminutivos, visto que a prescrição gramatical, muitas vezes, limita nosso entendimento sobre certos aspectos da linguagem.

A relação entre a variante linguística e/ou escolhas lexicais e a interação funciona como manipuladora dos comportamentos linguísticos dos falantes na constituição formal e discursiva dos elementos da fala, uma vez que essas escolhas têm previamente uma avaliação dos interlocutores e produzem sentidos e/ou efeitos distintos, conforme a organização do discurso realizada pelos interlocutores em suas práticas sociais, sinalizando que a língua não constitui mero conjunto de elementos que se associam para estruturar palavras, pois também guarda e expõe uma gama de possibilidades que permitem ao falante relacionar-se com o outro e com o mundo no qual interagem em constante troca de experiências linguísticas e sociais, compartilhando o conhecimento de mundo numa busca incessante de se estabelecerem como sujeitos sociais e de reconhecerem o papel que lhes cabe como articuladores de discursos nessas inter-relações.

O grau pressupõe, explícita ou implicitamente, juízos de graus anteriormente referidos, e, desse modo, podemos afirmar que a noção de grau implica sempre comparação entre pelo menos dois valores de uma escala gradativa. Com esse processo, a significação gradativa de um enunciado instaura-se nos aspectos semântico-discursivos dos valores graduais do termo comparado e do termo comparante e na inter-relação dos sujeitos do discurso em determinadas situações de interação.

Uma das prerrogativas da situação discursiva é a de disponibilizar um aparato linguístico-ideológico para interpretação e significação de uso da palavra fundamentado no contexto sociolinguístico o qual completa e atualiza lacunas de natureza categorial – caso do diminutivo – e oportuniza operações que a natureza simplesmente gramatical ou morfológica da palavra não tem condições de realizar plenamente.

Com a análise de corpus, assinalamos tendências de uso dos sufixos diminutivos, porém, em face de a língua ser sensível a mudanças, as quais são veiculadas principalmente pelas escolhas do falante, essas tendências podem ser alteradas conforme as solicitações linguístico-discursivas. Possibilidade que encaminha uma constatação: o grau é um fenômeno constituído não somente de um componente linguístico, mas também de um componente argumentativo elaborado nas interações sociais dos articuladores do discurso, revelando que a língua não constitui mero conjunto de signos que se associam e se moldam somente para preconizar regras, mas manifesta-se como uma gramática pessoal e coletiva estruturada com base nas experiências dos operadores do discurso.

Categorizar o processo de formação do grau diminutivo depende do ponto de vista sob o qual é tomada esta categoria, ou do critério sob o qual é examinada. Se, de uma parte, são praticamente irrefutáveis os argumentos de Mattoso Camara Jr., uma vez que, pelos parâmetros que estabelece, o grau é indiscutivelmente um processo derivacional, por outra, não menos válidas são as evidências apresentadas por Gonçalves para considerá-lo flexional sob alguns aspectos. Neste cenário, a ideia de *continuum* flexão/derivação se conforma muito bem ao comportamento dos sufixos formativos de grau diminutivo *-inho* e *-zinho*. Como ocupam posições mais periféricas na escala de prototipicidade, as marcas morfológicas de grau apresentam menor pertencimento à classe flexão, entretanto não são representantes protótipos da categoria derivação, visto que se comportam como sufixações de limites instáveis, por conseguinte devemos entender essas categorias, como mais flexionais e mais derivacionais numa visão escalar, instrumentalizada por *um continuum*.

A Estilística e ADC a apresentam-se como abordagens alternativas para esclarecer o emprego dos sufixos diminutivos, pois consideram a interação entre os diversos fatores de influência na produção do discurso e permitem a combinação de diferentes níveis linguísticos que atuam na interface da morfologia, possibilitando a descrição de fenômenos linguísticos como um todo. Dessa forma, os processos de flexão e de derivação deixam de ser analisados exclusivamente sob o âmbito morfológico e a incorporação de fatores estilístico-discursivos torna possível a análise de outros aspectos na formação de palavras.

Os estudos realizados não esgotam, tampouco esclarecem todas as questões referentes aos formativos de grau *-inho* e *-zinho*, esta, esclarecemos, não é nossa intenção, objetivamos tão somente destacar orientações que possam ser passíveis de aplicabilidade, apesar de sabermos que haverá sempre espaço para outras discussões e novos estudos. O mérito deste trabalho é, com base nos termos analisados, apresentar as tendências de uso dos dois principais sufixos formadores de diminutivo do português do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *A Pata da Gazela*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. *A Viuvinha*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1992.

_____. *Lucíola*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. *Senhora*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BALLY, Charles. *El Lenguaje y la Vida*. Buenos Aires: Losada, 1967, 5. ed. 1941, in CAMARA JR. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Teoria lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Nacional, 1991.

BILAC, Olavo. *Soneto Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://www.releituras.com/olavobilac_lingua.asp>. Acesso em: 30 ago.2012 às 23h34m.

BISOL, Leda. *O diminutivo e suas demandas*. 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_o_diminutivo_e_suas_demandas.pdf>. Acesso em 08. jun.2012 às 21h21m.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos Linguísticos*. 8. ed. São Paulo Nacional, 1984.

BYBEE, Joan L. *Morphology a Study of the Relation Between Meaning and for. Amesterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing co, 1985. In GONÇALVES, C. A. V. Iniciação aos estudos morfológicos: Flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004a.

_____. *Dispersos. Carlos Eduardo Falcão Uchôa (org.)*. Nova ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004b.

_____. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1970.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. *Gramática reflexiva: texto, semântica*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC, 1990.

FAIRCLOUGH, Norman, MAGALHÃES, Izabel-Coordenadora de Tradução. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001, 2008 (reimpressão).

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

GARCEZ, Lucília H.C. *A escrita e o outro*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos estudos morfológicos: Flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Flexão e derivação: o grau*. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues. BRANDÃO, Sílvia. Figueiredo (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Morfopragmática da intensificação Sufixal em português*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl24Art08.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo et alii, *Semântica* 10. ed. 5ª impres. São Paulo: Ática, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação* 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo. Parábola, 2008.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 11. ed. Revista pelo autor. Coimbra: Coimbra, 1984

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981/1987.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos - uma antologia* Vol.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cuba*. Disponível em <<http://margem-da-palavra.jimdo.com/livros-para-download/>>. Acesso em 06. ago.2012

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: expressividade da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo, 1989.

MATEUS, Maria Helena Mira et. Al. *Gramática da língua Portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MELLO, Gladstone Chaves *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

MOURA, Heronides, Maurílio de Melo. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 2000.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Ana Christina (org). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, vol. 3, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAULI Evaldo. *Enciclopédia Simpozio*, 1997. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/megaestetica/estetica_literaria/apresenta.htm>. Acesso em 06 maios 2012.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Disponível em <<http://vestibular.uol.com.br/ultnot/livros/resumos/ult2755u52.jhtm>>. Acesso em 04 ago. 2012.

_____. *Vidas secas*. Disponível em: <<http://margem-da-palavra.jimdo.com/livros-para-download/>>. Acesso em 06 ago. 2012

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

ROSA, João, Guimarães. *A hora e a vez de Augusto Matraga, Edição especial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. *Ave, Palavra*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Corpo de Baile*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

_____. *Primeiras Estórias*. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

RUY, Maria Lucilia. *Formação de palavras*: Livro VIII da gramática de Varrão Mestrado São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarcuTeV.html>>. Acesso em 06 nov. 2012.

SAID ALI IDA, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2001.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. Lisboa: Contexto, 1997.

TAMBA-MECZ, Irene. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

TERRA, Ernani. *Curso prático de gramática*. São Paulo: Scipione, 2002.

VIEIRA, Márcia dos Santos Machado, VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *A expressão de grau: para além da morfologia*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº34, p. 63-83, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo4.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2012 às 14h18m.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues, BRANDÃO, Sílvia Figueiredo, (org). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. 1 reimpressão– São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, Alina. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MarcuTeV.html>>. Acesso em 01 nov. 2012.

APÊNDICE

REPRODUÇÃO DE *CORPUS*

Exemplos retirados de obras de Guimarães Rosa

Primeiras estórias(2005)

A menina de lá (p. 65-9)

1. “[...] pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha”;
2. Seria mesmo o seu tanto tolinha?
3. Ela apreciava o casacão da noite. _ “Cheinhas” _ olhava as estrelas, deléveis sobre-humanas. Chamava-as de “estrelinhas pia-pia”;
4. Estava no quintal, vestidinha de amarelo;
5. [...] o dedinho chegava quase no céu;
6. Eu disse: _ “A avezinha”;
7. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para os pés de Nhinhinha [...].
8. [...] outro dia ela comenta que gostaria de comer pamonhinha de goiaba.
9. [...] chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos de goiaba [...].
10. Mas veio vagarosa, abraçou a mãe e a beijou, quentinha;
11. _ “Mas não pode, ué” – ela sacudiu a cabecinha;
12. E o pai alisava com a mão o tamboretinho em que Nhinhinha se sentava tanto [...].
13. “Nhinhinha tinha falado despropositado desatino, por isso ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes”;

O Espelho (p. 113-20)

14. Por começo a criancinha vê os objetos invertidos [...];
15. - Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa?
16. - E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?

Partida do audaz navegante (p.153-60)

17. Aldaz Navegante não foi sozinho;
18. [...] A gente via Brejeirinha: primeiro, os cabelos, compridos, lisos, louro-cobre; e, no meio deles, coisicas diminutas: a carinha não-comprida, o perfilzinho agudo, um narizinho que-carícia;
19. Nesta hora, não. Brejeirinha se instituía um azougue de quieta, sentada no caixote de batatas. Toda cruzadinha, traçada as pernocas, ocupava-se com a caixa de fósforos;
20. [...] e Brejeirinha crivava-o de mais coisas — folhas de bambu, raminhos, gravetos;
21. [...] Correu, com Nurka, pela encosta inferior, no verdinho pasto;
22. O que se queria, aqui, era a pequena angra, onde o riachinho faz foz;
23. Zito devia acompanhá-las, pois já era um “meiozinho” – homem, leal de responsabilidades;
24. A história é interrompida por Pele: - Você é uma analfabetinha “aldaz”;
25. Nurka, a cachorrinha, dorme. As crianças ainda estão em casa, porque, lá fora, chove;
26. Zito dando o braço a Ciganinha, por vezes, muito, as mãos se encontravam. Pele se crescia, elegante. E ágil ia Brejeirinha com seu casaquinho coleóptero³. Ela andava pés-para-dentro, feito periquitinho, impávido;
27. [...] parece que já está até calçada com um sapatinho só. Mas, sem se desgachar, logo gira nos pezinhos, quer Ciganinha e Zito para ouvirem;
28. Zito põe uma moeda. Ciganinha, um grampo. Pele, um chicle. Brejeirinha – um cuspinho, é o seu estilo;
29. Um ventinho faz nela bilo-bilo — acarinha-lhe o rosto, os lábios, sim, e os ouvidos, os cabelos. A chuva, longe, adiada;
30. Toda cruzadinha, traçada as pernocas, ocupava-se com a caixa de fósforos;
31. [...] com essas aguaceirices, de durante dias, a chuvinha no bruar e a pálida manhã do céu;
32. Ciganinha e Zito nem muito um do outro se aproximava, antes paravam meio brigados, de da véspera, de uma briguinha grande e feia;

³Coleóptero: insetos, larvas, pragas dos vegetais.

33. Por isso, queria avançar afirmações, com superior modo e calor de expressão, deduzidos de babinhas;
34. Pele levantou a colher: —Você é uma analfabetinha “aldaz”. —Falsa a beatinha é tu! — Brejeirinha se malcriou;
35. Mamãe tinha dito que eles precisavam de ter: coragem com juízo. Mas, isso, era beatinha;
36. Mas, mais. Entanto, à úmida, à luz, o plano capim — e floriu-se: estendem-se, entremunhadas, as margaridinhas, todas se rodeiam de pálpebras;
37. —A cachoeirinha é uma parede de água... Falou que aquela, ali, no rio, em frente, era a Ilhazinha dos Jacarés;
38. —A moça estava paralela, lá, longe, sozinha, ficada, inclusive, eles dois estavam nas duas pontinhas da saudade...;
39. Apanhara aquelas florinhas amarelas — josés — moleques, douradinhos e margaridinhas — e veio espetá-las no concreto do objeto. — Hoje não tem nenhuma flor azul?
40. Segredando-se, Ciganinha e Zito se consideram, nas pontinhas da realidade;
41. Deitou-se-lhe ao pescoço. Mamãe amparava-lhe a cabecinha, como um esquilo pega uma noz;
42. [...] uma gota orvalha, uma gotinha, que perluz — no pináculo de uma trampa seca de vaca;
43. Pele lambava-lhe um tico de desdém; mas Pele não perdia de boazinha e beliscava em doce, sorria sempre na voz;
44. A gentezinha separou-se;

Os cimos (p. 201-9)

45. [...] concebia um remorso, de ter no bolso o bonequinho macaquinho;
46. Havia o tucano — sem jaça — em voo e pouso e voo. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ...chégochégochégo, [...] que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo da plana como se fosse um marrequinho deslizando para frente, por sobre a luz de dourada água;

Ave, Palavra (2001)

Os Inhos Engenheiros (p.81-5)

47. Onde eu estava ali era um quieto. O ameno âmbito, lugar entre-as-guerras e invasto territorinho, fundo de chácara. [...] Sozinhos adeuses;
48. O sabiazinho imperturbado. [...] O gaturamo é o antes, é seu reflexo sem espelhos, minúscula imensidão, é: minuciosamente indescritível;
49. O tico-tico, no saltitanteio, a safar-se de surpresa em surpresa, tico-te-tico no levar preciso;
50. Quê? Qual? Sei, num certo sonho, um deles já acudiu por o "apavoradinho", ave Maria!
51. Como corvoam as múltiplas mímicas cabecinhas, a catitar-se, asas de vestir, revestir;
52. [...] com um bocadinho de barro, a lama mais doce, a mais terna;
53. O sabiazinho imperturbado. [...]
54. Todo galhozinho é uma ponte;
55. Ambos e a alvo ao em ar, afã, e o leviano com que pousam a amimar o chão- o chãozinho;
56. O mundo é cheio do que se precisa, em migalhificências: felpas, filamentos, flóculos;
57. A mirá-la de reolho, como um trejeitar, ou repausado -tiroliro-biquiabertinho;
58. Sumiu-se a gentil trapeirinha em gandaia;
59. [...] Ela se faz a femeazinha, instantânea tanagrinha;
60. O tremer de galho que um mínimo corpo deixa. E o nomezinho de Deus, no bico dos pássaros;

A hora e a vez de Augusto Matraga (2011)

61. [...] o homem – nessa noitinha de novena, (p. 11);
62. Apertadas contra o balcãozinho, [...] (p. 11);
63. O capiauzinho ficou mais amarelo. (p. 13) Mas o lugar estava bem iluminado com lanterninhas e muita luz de azeite [...];
64. E até a Mimita que tinha só dez anos (p. 15);
65. E assim mal madrugadinha escassa, partiram as duas. (p. 16);
66. E depois com um sorriso trístico, (p. 17);
67. Ir para longe, para o sitiozinho perdido no sertão mais longínquo (p. 26);

68. Um rapazinho miúdo, tão no desamparo [...] (p. 31);
69. Podia ir procurar a coitadinha de minha filha, que talvez esteja sofrendo precisando de mim... (p. 32);
70. E as sementinhas que hibernavam na poeira, esperando na poeira em misteriosas incubações. (p. 32);
71. Um sorriso bonito e mansinho de moça [...] (p. 34);
72. E agora preciso é de ver desse povinho assustado [...] (p. 35);
73. A gente não ia passar porque eu nem sabia que aqui tinha esse comércinho... (p. 36)
74. Este companheirinho chegador para chegar na frente, e não dizer até logo!...(p. 39);
75. Deixa a criaçãozinha de Deus. (p. 39);
76. Cedinho da manhã seguinte o grupo se despediu. (p. 40);
77. E a outra brotando ao norte como um pontozinho preto, (p. 43);
78. Ser o jumento um animalzinho meio sagrado, misturado às passagens da vida de Jesus (p. 45);
79. Entoou uma das letras que ouvira de seu Joãozinho Bem-Bem. (p. 45);
80. Todos cantando uma cantiga que qualquer um estava inventando na horinha (p. 54);

Corpo de Baile (1960)

Novela: Miguilim-Campo Geral (p. 7-83)

81. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha;
82. [...] mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar;
83. [...] na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água;
84. [...] levou o bando dos irmãozinhos para pescaria no córrego; e Miguilim teve de ficar em casa, de castigo;
85. [...] mas o mais lindo era o das frutinhas vermelhas escondidas por entre as folhas - cheiro pingado, respingado, risonho, cheiro de alegriazinha;

86. Os cabritinhos viajavam dentro, junto com a gente, berravam pela mãe deles, toda a vida;
87. — alguém falava. Mas, então, pobrezinhos de todos;
88. Trouxe este santinho [...];
89. Só encontrava um pedaço de barbante e as bolinhas de resina[...];
90. — E pra mim? E pra mim?! — reclamavam o Dito e Tomezinho;
91. — José Rocha e Julinho da Túlia sendo nomes de pessoas [...];
92. O cachorrinho era com-côr com a Pingo: os dois em amarelo e nhalvo, chovidinhos. Ele se esticava, rapava, com as patinhas para diante, arrancando terra mole [...];
93. Depois, virava cambalhotas, rolava de costas, sentava-se para se sacudir, seus dentinhos brilhavam para muitas distâncias;
94. Pingo-de-Ouro abocava um galho, ele corria, para tomar, latia bravinho, se ela o mordia forte. Alegrinho, e sem vexames [...];
95. Daí, corria, boquinha aberta, revinha, pulava na mãe, vinte vezes;
96. — "Vamos na beira do rego, a ver os patinhos nadando;
97. A mãe suspirava soluçosa, era um chorinho sem verdade, aborrecido;
98. Via as formiguinhas entrando e saindo e trançando, os caramujinhos rodeando as folhas;
99. A Chica vinha passando, com a boneca — nem era boneca, era uma mandioquinha enrolada nos trapos, dizia que filhinha dela;
100. A Chica era tão engraçadinha, clara, mariolinha, muito menor do que Drelina, [...]. Ela cantava tirando completas cantigas dançava mocinha;
101. [...] esticava pinotes e sentava a bundinha no chão[...];
102. O coelhinho tinha toca na borda-da-mata, saía só no escurecer, [...];
103. O tatú correndo sopressado dos cachorros fazia aquele barulhinho com o casculho dele, as chapas arrepiadas, pobrezinho — quase um assovio;
104. Tatú corria com o rabozinho levantado — abre que abria, cavouca o buraco [...];
105. A Rosa e Maria Pretinha estavam acabando de fazer o jantar;

106. — não podiam esquecer nenhuma peçazinha ali fora... — ele tinha pena daquelas roupinhas pobres, as calças do Dito, vestidinho de Drelina;
107. O gaturamo, tão podido miúdo, azulzinho no sol, tirintintim, com brilhamentos, mel de melhor — maquinazinha de ser de bem-cantar... — "O gaturarninho das frutas, ele merece castigo, Dito?";
108. [...] para enfeitar os santos do oratório, tinha um colarzinho de ovos de nhambu e pássaro-preto enfiados com linha;
109. — de repente estava engasgado com ossinho de galinha na goela;
110. Se não, vinham de noite as raposas, gambá, a irarinha muito raivosa, até onça de se tremer;
111. Ali no oratório, embrulhados e recosidos num saquinho de pano, eles guardavam os umbiguinhos secos de todos os meninos, os dos irmãozinhos, das irmãs, o de Miguilim também...;
112. Os joelhos de Miguilim descansavam e cansavam, doía era o corpo, um poucadinho só, quase não doía;
113. Miguilim e Dito dormiam no mesmo catre, perto da caminha de Tomezinho;
114. Uma jiboia velha entrou numa casa, já estava engolindo por metade um meninozinho pequeno [...];
115. Miguilim, este feixinho está muito pesado para você?
116. Ao quando dava qualquer estiada, saía um solzinho arrependido;
117. [...] podia ter a cortesia de me agenciar para mim um dinheirozinhosinho pouco, por ajuda?
118. — A bala eu chupei, estava azedinha gostosa [...];
119. Enganei meu burrinho, com uma pedrinha de sal!
120. A já! E eu brigo com menino menorzinho do que eu?! Tu bobeia?
121. Tirava camisinha⁴. Ahã... Ahã... Está se vendo, o estado deste menino não é pra nada-não senhor, a gente pode se guiar quantas costelinhas Deus deu a ele [...];
122. Olha, o corguinho já está alargado, com suas águas amarelas;
123. [...] até Vovó Izidra concordava de apreciar o olho-de-boi, que era só um reduzidinho retalho de arco-da-velha, leviano airoso;

⁴ Significado base- camisa pequena- peça de vestiário infantil

124. Mas, como é que, se ele sendo assim pequeno agora quem é que sabia se o baguinho-de-fé nele ainda era que estava, não gastada?
125. [...] falasse, os outros então aí era que acreditavam a mortezinha dele certa, acostuada;
126. Estiadas as aguinhas brincavam nas árvores e no chão;
127. E o casal de tico-ticos, o viajadinho repulado que ele vai, nas léguas em três palmos de chão;
128. E o gaturamo que era de todos o mais menorzim, e que escolhia o espaço de água mais clara: a figurinha dele reproduzida no agume, como que ele muito namorava;
129. e apontava para ele, Miguilim, dizendo que ele só é que era bonzinho, mas todos, que ela mais xingava, todos não prestavam;
130. E agorinha, agora que ele carecia tanto de qualquer assinzinho de socorro... ;
131. [...] achava aqueles toquinhos de pau que Mãitina tinha escascado com a faca, eram os calunguinhas;
132. Hoje é onze, a Rosa espiou na folhinha⁵;
133. Tomezinho e o Dito corriam, no pátio, cada um com uma vara de pau, eram cavalinhos que tinham até nomes dados;
134. Assim instante assim, comezinho dela, ela estava só querendo vindo pousando [...];
135. Era capaz de brincar com o Dito a vida inteira, o Ditinho era a melhor pessoa, de repente, sempre sem desassossego;
136. Pois ele não era o primeirozinho separado para ser, conforme Deus podia mandar como a doença queria?
137. Não cortavam, e a arvorezinha pegava asas;
138. Um sabuco roxo era boi roxo, outros o Dito pedia à Rosa para no fogo tostar, viravam sendo boizinhos amarelos, pretos, pintados de preto-e-branco;
139. [...] ele abanava a cabeça que sim, sorria mansinho que pudesse, para ser bobinho;
140. [...], mas o pessoal da família cada um lidando em suas miúdas obrigações, no usozinho;
141. E tinha pelinhos brancos entremeados no casco, feito as pontas mais finas, mais últimas, de raizinhas. E levantava as

⁵ Palavra gramaticalizada, calendário.

mãozinhas, cruzadas, mostrava aqueles dedos de unhas, como ossinhos;

142. [...] para lugar onde ela não ia reconhecer ninguém e já estava quase ceguinha;

143. Então, mas por que é que os outros se praziam tão risonhos, doidavam, tão animados alegres, na hora de caçar à toa, de matar o tatú e os outros bichinhos desvalidos?

144. Mais nem queriam que ele Miguilim tivesse pena do tatú-pobrezinho de Deus sozinho em seu ofício, carecido de nenhuma amizade;

145. [...], ele com um cismado de orelhas seguia longe o rumor de rato que ia se aparecer dum buraquinho;

146. O garrote tourava as vacas, depois nasciam os bezerrinhos;

147. Drelina e da Chica, suas duas muito irmãzinhas, delas gostava tanto;

148. O gaviãozinho, o gavião-pardo do cerrado, o gaviãozinho-pintado;

149. De manhã, ele já chuviscara um chorozinho, o travesseiro estava molhado;

150. "Miguilinzinho, meu irmãozinho, fala comigo por que é que você está chorando, que é que você está sentindo dor?" Drelina pegara uma das mãos dele, de junto carinhava Miguilim, na testa;

151. Se não se tosar a crina do poldrinho novo, pescoço do poldrinho não engrossa. Se não cortar as presas do leitãozinho, leitãozinho não mama direito...;

152. Ele tinha um ramozinho de ai-de-mim de flor espetado na copa do chapéu;

153. Se não esconder bem pombinha do menino, pombinha voa às aluadas...;

154. — "Tratem com os açucaras este homenzinho nosso, foi ele quem veio e quis me chamar...";

155. — Você me ensinazinho a dançar, Chica?

156. Mas depois Mãe e a Rosa arrumavam bem a comida, no tabuleirinho de pau com aqueles buracos diferentes;

157. E o caminhozinho descia, beirava a grotta;

158. A bezerrinha da vaca Piúna era dele, bezerro da Trombeta era de Tomezinho;

159. A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas, mó de os bichos que estragam;
160. As folhas de batata-doce e estavam picadas: era um besourinho amarelo que tudo furava;
161. [...] na primeirinha árvore perto do mato;
162. [...] nhambuzinha ainda quis remirar para trás;
163. [...] era só um matinho bobo, matinho pequeno trem-à-toa;
164. [...] rês sabe quando um está com pavor, qualquer receiozinho, então capaz mesmo que até a mansa vira brava;
165. [...] os garrotinhos se escornando, chifreando;
166. [...] era aspra, zangosa, feito uma vaquinha brava;
167. O Dito era espertadozinho, mas acomodado;
168. [...] debaixo do jacarandá-violeta, ai, o bilhetezinho de se ter e não perder eu perdi;
169. [...] fosse em estória, numa estória contada, estoriuzinha assim ele inventando estivesse;
170. [...] corisco, com o rabãozinho bem esticado para trás, pra baixo, até mais comprido que o corpo — meio que era um peso, para o donozinho dele não subir mais depressa do que a árvore;
171. Tirou um pedaço de rapadurinha preta do bolso;
172. [...] a garrucha disparou, o rapazinho morreu depressa demais;
173. Rosa tinha deitado galinhas: a Pintinha-amarela-na-cabeça, com treze ovos, e a Pintadinha com onze;
174. [...] e a Tapira e a Veluda pariram cada-uma uma bezerrinha, igualzinhas das cores delas duas;
175. O Dito não devia de ter ido de manhãzinha,[...];
176. Tinha a lagoa, de água num prato-fundo, com os patinhos e peixes, o urso-branco, uma rã de todo tamanho, o cágado, a *foquinha bicuda;
177. A Pinta-Amarela tirou os pintinhos, todos vivos, e no meio as três perdizinhas;
178. [...] lá onde ela dormia estava escuro, mas nunca deixava de ter aquele fogueiro de cinzas que ela assoprava;
179. Três Reis mais adiantados um pouco, no caminho da Lapinha, todo dia eles estavam;

180. ... Nem as abelhinhas hoje não espanam as asas, tarefzinha...;
181. [...] ela era quase velhinha, beijou a mão do Dito;
182. [...] ele sentiu uma coisinha caindo em seu coração;
183. [...], onde o Dito era príncipezinho, calçado só com um pé de botina...;
184. [...] enterrar no cemiteriozinho de pedras, para diante da vereda do Terentém;
185. “Mãe, que foi que a senhora disse, dos cabelos, do nariz, do machucadinho no pé, quando eles estavam lavando o Ditinho”?!
186. O Dito nunca tinha mudado, enquanto em vida, e por isso, se a gente tivesse um retratinho dele [...];
187. E disse que o Dito parecia uma pessoinha velha, muito velha em nova;
188. [...] depois foram buscar as pedrinhas lavadas no riacho;
189. [...] que era só a gente apanhar um tiquinho de terra molhada [...];
190. [...] facão novo para Pai, uma roupinha para cada um dos meninos;
191. Emprestou a gaitinha a Miguilim, mas um instante só;
192. Mas isto aqui é uma boiadinha alheia [...];
193. [...] era o casal de tico-ticos-reis, o macho tão altaneirozinho bonito upupava [...];
194. [...] onde tinha um brinquedo de rodinha d’água [...];
195. [...] permanecia só aquele fulgorzinho na memória, e a enxada capinando;
196. A barriguinha dele está toda sarapintada de vermelhos [...];
197. [...] a correria de Tomezinho, a fala de Papaco-o-Paco, o rumorzinho das árvores;
198. [...] o Grivo trouxe um canarinho-cabeça-de-fogo dentro de uma gaiola pequena e mal feita;
199. Adeusinho de adeus, Miguilim. Quando você sarar mais;
200. Aos dias, Miguilim melhorava. Sobressarado, já podia se levantar um pouquinho, sem escora;

201. Vovó Izidra abençoou Miguilim, pôs mais duas medalhinhas no pescoço dele;
202. Por causa do restinho de doença, ele não devia de brincar com os irmãos, nem com o Grivo;
203. Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma;
204. Via os grãozinhos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância;
205. "Você pode levar também as alpercatinhas do Dito, elas servem pra você...";
206. Miguilim calçou as botinhas;
207. Um soluçozinho veio;

Exemplos retirados de obras de Graciliano Ramos

Romance: Vidas Secas (2012)

208. [...] Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha;
209. [...] Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra;
210. "O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história";
211. O soldado, magrinho, enfezadinho, tremia;
212. -Quando deixaria que um soldadinho daqueles o humilhasse tanto?
213. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato;
214. [...] levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos;
215. Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram-se as suas desgraças e os seus pavores;
216. "Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia";

Romance: Angústia (1936)

217. Meteu esse trabalhinho num caixilho dourado e pregou-o na parede, por cima do bureau;

218. [...] encontrava o antigo senhor escorado no balcão de Teotoninho Sabiá, bebendo cachaça e jogando três-setes com os soldados;
219. Não entrava: dava umas notícias, esfregando as mãos, aguentando aqueles pinguinhos que não molhavam, [...];
220. Este pensamento esquisito - Marina despida, arrepiada, coberta de carocinhos - bole comigo durante alguns minutos;
221. Eu estava ali como um bichinho abandonado, encolhido na prensa que apodrecia;
222. Tem um avental manchado de sangue, um bigodinho ralo e faz “Pfu”!
223. Prega a revolução, baixinho, e tem os bolsos cheios de folhetos incendiários;
224. Uma chuvinha renitente açoita as folhas da mangueira que ensombra o fundo do meu quintal, [...];
225. Os chuviscos entravam pela sala, os móveis e a roupa da gente pareciam cobrir-se de pontinhas de alfinetes;
226. Eu tirava as alpercatas, arrancava do corpo a camisinha⁶ de algodão encardida, [...];
227. O sino da igreja bate a primeira pancada das ave-marias;
228. Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem;

Exemplos retirados de obras de Machado de Assis

Contos - uma antologia Vol.2. (1998)

Conto: O caso da vara (p.378-85)

229. [...] se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo do costume;
230. [...] uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos;
231. Teve pena da negrinha e resolveu apadrinhá-la [...];
232. Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos;

⁶ Nessa ocorrência não há esvaziamento de sentido, o termo é usado com o significado-base.

233. Minha senhora, me perdoe! tossia a negrinha;

Conto: Médico é remédio (p.129-36)

234. Considerou que Julieta não era bonita, nem rica; tinha uma certa graça e algumas prendas; mas os noivos não andavam a rodo, e a pobrezinha ia entrar em nova campanha;

235. –Que mulherzinha! Pensava José Augusto indo para casa. [...] Realmente quem é que deixa Julieta para escolher Malvina! A Malvina é uma massa de carne, sem feito...;

Conto: Noite de Almirante (174-181)

236. Que noite de almirante você vai passar! ceia, viola, e os braços de Genoveva. Colozinho de Genoveva...;

237. Chamava-se Genoveva, uma caboclinha de vinte anos, esperta, olhos negros e atrevidos;

238. [...] casa é uma rotulazinha escura, portal rachado de sol [...];

239. Casinha dela, tão pequenina, e a mobília de pé quebrado, tudo velho e pouco [...];

240. Genoveva que era um pedacinho de gente [...];

241. Vamos coser um bocadinho quero acabar o meu corpinho azul;

Conto: A inglesinha Barcelos (394 a 396)

242. Eram trintonas. Cândida era casada. Joaninha solteirona;

243. Adeus, inglesinha Barcelos – disse Candinha ao despedir-se dela;

244. Esqueceu a mala em que estava um retratinho dela.

Romance: Memórias Póstumas de Brás Cubas (2012)

245. Acresce que chovia – peneirava - uma chuvinha miúda [...] (Cap. 1)

246. Não houve cadeirinha que não trabalhasse. (Cap.9)

247. [...] obrigavam-me cedo a agarrar às cadeiras, pegavam-me da fralda, davam-me carrinhos de pau. (Cap.10)

248. [...] dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro! (Cap. 12)

249. As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, (Cap.13).

250. [...] metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, (Cap. 14);
251. Cá me vou às fadigas e à glória; deixo-vos com as calcinhas da primeira [...] (Cap.20);
252. [...] a voar uma borboletinha de asas de ouro e olhos de diamante (Cap.25);
253. Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas (Cap. 31);
254. [...] e via a aleijadinha perder-se no horizonte do pretérito, (Cap.36);
255. Era tempo; já me custava estar ali; dei uma moedinha (Cap. 40).
256. [...] mas muito de cima, soerguendo a pontinha esquerda do lábio (Cap. 42);
257. Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha! (Cap.46);
258. [...] uma casinha só nossa, solitária, metida num jardim, em alguma rua escondida, não é? (Cap. 45);
259. [...] os deixei muito quietinhos na gaveta da secretária. (Cap.52);
260. [...] embrulhada em papel de seda, e ornada de fitinhas cor-de-rosa. (Cap. 67);
261. [...] mas era um comer virgulado de palavrinhas doces, de olhares ternos, de criancices,[...] (Cap. 73);
262. [...] eu deixei-lhe uma pratinha na algibeira do vestido. (Cap. 73);
263. A filha estava com quatorze anos; mas era muito fraquinha, (Cap.76);
264. [...] ao passo que elas aí estavam bem juntinhas (Cap. 98);
265. [...] eu abençoava interiormente essa tragédia, que me tirara uma pedrinha do sapato. (Cap. 102);
266. [...] mora no Beco das Escadinhas... (Cap.143);

Romance: Dom Casmurro (2009)

Capítulo III

267. D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário?

268. Prima Glória! Prima Glória! José Dias desculpava-se: “Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo...”;

269. É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos.

Capítulo IV

270. Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto às bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. Nos lances graves, gravíssimo;

Capítulo VII: D. Glória

271. _ Joãozinho, você é criança?

272. [...] a cara é toda rapada, salvo um trecozinho pegado às orelhas.

273. Capítulo XII: Na Varanda

274. _ Em todos esses sonhos andávamos unidinhos.

275. _ Joãozinho, você é criança?

276. [...] alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos.

Capítulo XVIII / Um plano

277. _ Sinhazinha qué cocada hoje?

Capítulo XXIX: A vocação

278. Trazia um vestidinho melhor e os sapatos de sair.

Capítulo XXXI: As curiosidades de Capitu

279. _ Anda apanhar um capotinho, Capitu - dizia-lhe ele.

Capítulo XXXII: Olhos de Ressaca

280. [...] era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, [...]

Capítulo XXXVIII: Que susto, Meu Deus!

281. A todas as perguntas Capitu ia respondendo prontamente e bem trazia um vestidinho melhor e os sapatos de sair.

Capítulo XLIV: O primeiro filho

282. Capitu teve um risinho descorado e incrédulo, [...]

Capítulo L: Um meio-termo

283. [...], e nesse caso, meu amiguinho, o melhor remédio é a Europa.

Capítulo LII: O velho Pádua

284. [...] se tem algum trapinho que me deixe em lembrança, um caderno latino, qualquer cousa, um botão de colete, cousa que já lhe não preste para nada;

Capítulo LXVII: Um pecado

285. Enxugue os olhos, que é feio um mocinho da sua idade andar chorando na rua;

Capítulo XCIV / Ideias aritméticas

286. Eu, só por lhe mostrar que sim, tirei do bolso o papelinho que levava com a soma total, [...].

Capítulo CVI / Dez libras esterlinas

287. _ Uns sapatos, por exemplo, uns sapatinhos rasos de fitas pretas [...].

Capítulo CVIII: Um filho

288. Quando íamos a Andaraí e víamos a filha de Escobar e Sancha, familiarmente Capituzinha.

Capítulo CX: Rasgos da infância

289. Daí a pouco interrompi um romance que ela tocava, com o pedacinho de papel na mão.

290. _ Comprei-lhe soldadinhos de chumbo, gravuras de batalhas que ele mirava por muito tempo.

Capítulo CXV / Dúvidas sobre dúvidas

291. – Mamãezinha tem ciúmes de você;

Capítulo CXI: Contando depressa

292. -Fui-me a ele, assobiando e dando estalinhos com os dedos.

Capítulo CXII: As imitações de Ezequiel

293. -eu só lhe descubro um defeitozinho, gosta de imitar os outros.

Capítulo CXVI / Filho do homem

294. -José Dias pediu para ver o nosso "profetazinho" (assim chamava a Ezequiel)?

Capítulo CXLV / O regresso

295. [...] e papai não parava, dava-me cada puxão, e eu com as perninhas...

Romance: Esaú e Jacó (2012)

296. [...] cuja borla era suprida por um raminho de arruda.(p. 2);

297. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura (p. 26);

298. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé (p. 28);

299. Natividade disse baixinho à outra que "a cabocla era simpática" (p. 28);

300. — um vintém sujo e triste ao pé da nota tão novinha que parecia sair do prelo (p. 33);

301. [...] e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo(p. 34);

302. O mesmo pensaria a caixa das almas, se pensasse, quando a luva da senhora deixou cair dentro uma pratinha de cinco tostões (p. 36);

303. [...] atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja (p. 36);

304. [...] algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, (p. 37);

305. [...] naquele recanto de um larguinho modesto, nenhum conhecido daria com eles (p. 39);

306. [...] e mostrava no calcanhar da meia um buraquinho de saudade (p.58);

307. [...] ele até me escreveu isto em latim, concluiu tirando e lendo o papelinho: Teste David cum Sibylla (p. 64);

308. — Perdoa, amiguinha; estava tão ansioso de saber a verdade...(p. 64);
309. Cavalinhos de pau, bandeirolas, teatros de bonecos, barretinas e tambores, toda a quinquilharia da infância ocuparia muito mais que o lugar de seus nomes (p. 66);
310. Tiveram doce; tiveram também um passeio, à tarde, no carrinho do pai (p. 68);
311. Foi por ver que iam amigos, chegadinhos um ao outro (p. 69);
312. A costureira punha em relevo todos os pensamentos restantes da figura, e ainda lhe emprestava alguns do seu bolsinho (p. 71);
313. põem-se-lhe aqui umas tabuinhas velhas... (p. 83);
314. Os próprios cavalos eram iguaizinhos, quase gêmeos, (p. 88);
315. Podia ser uma pontinha de malignidade, mas não era (p. 59);
316. [...] e levantando o copo um tantinho mais que de costume (p. 175);
317. [...] e dizia baixinho à mãe, ao deixarem a mesa; é só o imperador falar ao Deodoro (p. 176);
318. — Meu senhor, uma esmolinha por amor de Deus! (p. 197);
319. — Parecem dois pombinhos! (p. 201);
320. Em vez de se deitar quietinha e dormir com os anjos, (p. 208);
321. e por fim os estalinhos da lamparina que vai morrendo...(p. 210);
322. — Entre, conselheiro, disse Pedro, o carro dá para três: eu vou no banquinho da frente (p. 222);
323. [...] ela cuidava das flores que seriam postas nos vasinhos de porcelana, (p. 223);
324. Ao pé de cada um dos castiçais acharam um bilhetinho de Natividade (p. 223);
325. Tapetinhos de suas mãos, laços dados por ela nos cortinados, (p. 223);
326. lam de passeio à Quitandinha, a cavalo (p. 228);
327. Flora não apareceu, e no dia seguinte duas cartinhas perguntavam a D. Cláudia como passara a filha (p. 102);
328. É muito docilzinha, conversa, toca e desenha que faz gosto, (p. 240);

329. — Não escreva palavrinhas doces, recomendou ele ao secretário
330. Imaginava a moça [...] o véu que lhe cobria a linda carinha, a delicadeza dele as palavras que lhe diria entrando em casa (p. 248);
331. "Hei de dar-lhe tudo, sapatinhos de seda, meias de seda, que eu mesmo lhe calçarei..." (p. 249);
332. [...] modestamente vestida, sem brincos, nunca lhe vira brincos às orelhas, duas perolazinhas que fossem (p. 249);
333. Não esquecera a figurinha da cabocla, (p. 172);
334. A caboclinha era esta mesma criatura leve e breve, com os cabelos atados no alto da cabeça, olhando, falando, dançando... (p. 172);

Exemplos retirados de obras de José de Alencar

Romance: A Pata da Gazela (2006)

335. [...] consultava uma carteirinha de lembranças, onde naturalmente escrevera a nota de suas encomendas. (p. 7);
336. Até que abriu o chapeuzinho-de-sol para interceptar a contemplação apaixonada de que era objeto. (p. 9);
337. O moço, apenas reconheceu o vestido de seda violeta e a mãozinha que lhe servira de fanal, abaixou o olhar para a fimbria do vestido a ver se descobria alguma coisa, o peito, a ponta, a sombra ao menos do pezinho mimoso, do ídolo de sua alma. (p. 10);
338. Um primor de pelica e seda, a concha mimosa de uma pérola, a faceira irmã do lindo chapim de ouro da borralheira. (p. 11);
339. Nunca vi uma ferocidade igual; creio que a leoa da floresta não defende seu cachorrinho com sanha igual à desta leoa de sala. (p. 23);
340. [...] parecia-lhe que era seu amor por ela, que Horácio rasgava aos pedacinhos, como uma página querida, abandonando-os ao sopro do vento, ao capricho daquela conversa;
341. Ah! minha sonsa, não queria confessar o que tinha aqui dentro deste coraçãozinho! E eu que pensava que ele só queria bem a mim? (p. 43);
342. Voltando, sentiu lá num cantinho do coração uns receios que estavam nascendo (p. 69);
343. Pareciam um par de rolinhas, arrulhando na praia e beijando-se com o biquinho rosado. (p. 72);

344. Por duas vezes avistara a frente de Amélia coroada com um chapeuzinho de palha da Itália (p. 72);
345. Não há moça, seja ela o anjo da pudicícia, que não mostre ao menos a pontinha do pé, quando o tem mimoso e gentil. (p. 174);
346. O moço chegou-se à banquinha onde estava o cofre de paurosa e contemplou a botina. (p. 175);
347. [...] brincar-lhe com as unhas crespas, como conchinhas de nácar, cingir ao seio esse gnomo gentil, titilante de amor e volúpia! (p. 175);
348. Conduzia ao alto uma escadinha de caracol cingindo o tronco da árvore. (p. 199)

Romance: Senhora (2012)

349. _ O velhinho saltou na cadeira como um balão elástico. (p. 10);
350. _ porém é quando têm o paizinho ou a mãezinha para escolher um bom noivo e arredar certos espertalhões. (p. 10);
351. _ Não mereço; isto é bom para Mariquinhas! [...] Porque eu estava conversando com Fernandinho? (p. 16);
352. _ [...] tanto que toda esta manhã estiveram aqui em segredinhos (p.18);
353. _ Lemos fitou os olhinhos de azougue no semblante do Seixas (p. 22);
354. Lemos aviou uns negocinhos; (p. 26);
355. [...] mas vieram os meus francesinhos e inventaram o tal Alacar que é uma casa de fazer doidos. (p. 26);
356. Temos que passar primeiro um recibozinho. (p. 27);
357. Soltando a sua implicante risadinha, Lemos fez duas piruetas, deu três saltinhos [...] (p. 27);
358. Parava à porta do sobradinho da rua do Hospício [...]. (p. 30);
359. Quanto à minha musa... ficou anjinho [...] (p. 32);
360. [...] é tempo de saber que sou eu o feliz tutor deste amorzinho; (p. 32);
361. [...] que a pequena se deixasse iludir pelas lábias de um desses bigodinhos [...] (p. 34);
362. Essa chaminé de mármore cor de rosa é meramente pretexto para o cantinho de conversação [...] (p. 39);

363. [...] fechou em seu cofrezinho de buxo, e foi ajoelhar-se à beira da cama, diante do crucifixo suspenso à cabeceira. (p. 48);
364. [...] fazia menção de voltar-se para gozar do prazer de assustar os dois pombinhos. (p.78)
365. [...] a ver os peixinhos vermelhos do tanque fervilharem à tona d'água. (p.94);
366. [...] abriu uma gaveta de segredo, tirou um livrinho de notas, de que extraiu alguns algarismos. (p. 124);

Romance: Lucíola (2012)

367. [...] ou porque acreditem que sua beleza, como caixinhas de amêndoas, [...] (p. 33);
368. Essa comédia de amor pode divertir os mocinhos de 18 anos e os velhos de 50 [...] (p. 29);
369. Se fosse pobre o Sr. Rochinha teria fumaças de poeta byroniano [...] (p.39);
370. Nina, desde que me habituei a desprezar o insulto [...] (p. 51);
371. Não sei se aí ainda existe um velho casebre, escondido no mato. (p. 113);
372. _ Não! Coitadinha! Tenha pena dela. (p. 115);
373. [...] quando o vimos parado defronte de uma pequena casa [...] (p.118);
374. Mas não sei como tu, maninha. (p. 128);

Romance: A Viuvinha (1992)

375. [...] uma casinha de quatro janelas com pequeno jardim na frente. (p. 11);
376. [...] vinha pela portinha do jardim encontra-se com um moço... (p. 11);
377. Daí a pouco o sino da igreja da Glória começou a repicar alegremente [...] Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja. (p. 13);
378. A manhã estava lindíssima, o céu azul e o sol brilhante. (p. 13);
379. [...] e colocou o seu relógio sobre uma banquinha de charão. (p. 31);

380. O mocinho negociante, tendo chegado à Praça do Comércio [...]. (p. 37);
381. - Ora! quem não conhece a Viuvinha no Rio de Janeiro. (p. 38)